

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

A História em Migalhas e a História do Estruturalismo: uma análise comparada dos elementos epistemológicos e historiográficos na história intelectual de François Dosse.

Rafael Balan Zappia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Luis da Silva Grespan

São Paulo
2010

Agradecimentos

Agradeço ao Professor Doutor Jorge Luiz Grespan pela orientação, pelas conversas, críticas e sugestões, que foram de grande ajuda para definir os rumos exatos da presente dissertação.

Também presto considerações à professora doutora Sara Albieri, que sugeriu no exame de qualificação a incorporação da obra *A História do Estruturalismo* no trabalho, o que redefiniu todo o projeto de pesquisa.

Agradeço ao colega historiador Marcus Baccega por toda a sua ajuda e apoio para que este trabalho se concretizasse.

Dedicatória

À minha esposa Giovana, por estar sempre ao meu lado, incentivando e apoiando, compartilhando meus sonhos, me encorajando nos momentos de dúvida, respeitando meus ideais. Obrigada por perdoar os momentos de “ausência” e irritação. E obrigada por me inspirar e ter tornado minha vida tão rica, desde o primeiro dia em que nos conhecemos!

ÍNDICE

Agradecimentos	ii
Dedicatória	iii
Resumo	v
Abstract	v
INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1 - A estrutura epistemológica da História em Migalhas.....	17
1.2.1 Fatores internos da História em Migalhas – o paradigma como o cerne do sistema epistemológico	21
1.2.2 A estratégia do paradigma e o elo com a prática institucional	44
1.3 Origem e inovação	49
CAPÍTULO 2 - A História do Estruturalismo - Orientações epistemológicas e historiográficas gerais	55
2.1 A noção de programa e a temporalidade	68
2.2 Os elementos do paradigma estruturalista	71
2.2.1 Os atores e os paradigmas	85
2.2.2 O Intricado jogo de quebra-cabeças	89
2.2.3 Inovação e evolução do paradigma.	110
CAPÍTULO 3 – A História do Estruturalismo - Estratégias, Grupos de pesquisa e Instituições	125
3.1 As ramificações do paradigma e a precipitação da crise.....	137
3.2 A crise.....	145
CONCLUSÃO	171
3.1 Ritmo de análise e narrativa; entre o sincrônico e o diacrônico	173
3.2 Comensurabilidade.....	178
BIBLIOGRAFIA	183

Resumo

A dissertação tem como proposta analisar as obras *A História em Migalhas* e *A História do Estruturalismo* de François Dosse, identificando as suas principais diferenças como resultado de duas acepções epistemológicas e historiográficas. No entendimento destas obras, são levantadas questões relativas à comensurabilidade, considerada aqui como o elemento responsável por grande parte das elaborações teóricas, descritivas e conclusivas de Dosse, e ao ritmo da análise empregado pelo autor. Associadas a essas categorias, colocam-se também em evidência a variação entre as perspectivas de análise sincrônica e diacrônica. O objetivo final desse trabalho é mostrar que a principal diferença capaz de revelar o amadurecimento intelectual de Dosse durante o período que separa a escrita de ambas é a habilidade particular em lidar com a complexidade das diferentes variáveis que compõem os contextos intelectuais trabalhados pelo autor.

Abstract

The aim of this study is to analyze the works *A História em Migalhas* and *A História do Estruturalismo* of François Dosse, identifying their main differences as a result of two epistemologic and historiographical asseptions. In their understanding, questions are raised concerning the commensurability, here considered as the element largely responsible for the theories, descriptions and conclusions of Dosse, and the rhythm of the analysis employed by the author. Associated with these categories, the variation between the perspectives of synchronic and diachronic analysis are also highlighted. The last goal of this work is to show that the main difference between these two works can reveal that the intellectual maturation of Dosse during the period between the writing of both is his particular skill in dealing with the complexity of different variables that composing the intellectual contexts used by the author.

INTRODUÇÃO

A presente dissertação de mestrado propõe a discussão de temas relevantes à historiografia e à filosofia da ciência, tendo como objetivo principal a investigação, identificação, organização e discussão conjunta dos elementos epistemológicos e historiográficos apresentados nas obras *História em Migalhas* (2003) e *A História do Estruturalismo* (2007) de François Dosse. Tem como proposta estruturar um comparativo entre as duas produções intelectuais do autor, avaliando as suas potenciais contribuições para futuras pesquisas desenvolvidas no campo da história intelectual. Essa dissertação tem como objetivo mostrar tais diferenças como resultado de duas acepções epistemológicas e historiográficas distintas, capazes de revelar o amadurecimento intelectual de Dosse durante o período que separa a escrita de ambas.

A perspectiva de análise baseia-se na idéia de que há uma arquitetura epistemológica com significativo grau de determinação dos elementos, significados, objetivos e articulações apresentados nas duas obras. Em verdade, é possível observar uma diferença expressiva entre as duas obras naquilo que se apresenta como pesquisa historiográfica, considerando o ponto de vista das conclusões, dos argumentos e das metodologias empregados por Dosse.

O entendimento dessa proposta de análise específica da produção intelectual de Dosse fica mais claro quando se faz uma observação mais criteriosa do que é recorrente ou autêntico nas duas obras. Essas duas características são coexistentes, sendo a primeira a que normalmente configura o tom assumido na obra, ao desvelar os pressupostos e os objetivos compartilhados pelo autor. Ela atua em diferentes níveis, desde a composição narrativa, passando pelas idéias expostas, até as noções implícitas compartilhadas pelo autor.

Define-se aqui o termo dimensão epistemológica ao considerar a forma como uma orientação teórica dá conta de seu objeto e a maneira como ela é capaz de constituir um modelo capaz de determinar uma pesquisa. Nessa mesma linha, é o que constitui na pesquisa uma organização coesa de dados, argumentos e conclusões. Em um segundo plano, interessa o nível de inferência epistemológica relativo aos paradigmas e suas interações com os indivíduos e grupos intelectuais.

Nesse ponto, é dada atenção especial às questões relativas à comensurabilidade, considerada aqui como o elemento responsável por grande parte das elaborações teóricas, descritivas e conclusivas de Dosse. É o que permite pensar os *Annales* como uma unidade, considerando a seqüência entre as suas três gerações, elo que é objeto da investigação de Dosse na *História em Migalhas*. Nesta obra o autor detecta grandes rupturas na passagem entre as gerações, criticando a identidade reconhecida entre os membros da 3ª geração dos *Annales*.

Na *História do Estruturalismo*, a comensurabilidade aparece de forma diferente. Ela permite, no caso, a identificação, por parte de Dosse, de várias correntes disciplinares sob um mesmo movimento intelectual, o estruturalismo. Esse fenómeno é explicado pelo autor ao identificar um núcleo fundamental compartilhado entre todas essas correntes, o que polariza o desenvolvimento de sua pesquisa em torno da maneira como cada autor ou disciplina se articula e se posiciona em relação a esse núcleo; é justamente isso o que explica na obra o processo de maturação ou crise dos principais fenómenos intelectuais abordados.

Outro conceito muito próximo ao de comensurabilidade é o de paradigma. O termo aparece algumas vezes nas duas obras de Dosse, mas de fato a sua presença encontra-se fundamentalmente implícita. O conceito em si tem uma acepção ampla¹, podendo

¹ Seguindo o conceito originário de Wittgenstein (1958), o paradigma determina a base lingüística de compreensão do mundo. Mais do que isso, é a chave de sua codificação e compreensão e,

variar desde um pressuposto teórico que serve de modelo para a pesquisa, determinando uma forma característica de compreensão sobre um objeto específico, a uma visão de mundo compartilhada que se encontra implícita em uma teoria². O importante é definir qual é a visão utilizada por Dosse e qual implicação assume sobre suas duas obras.

Como Dosse não discute diretamente questões como o paradigma ou a comensurabilidade, estando em sua obra de forma implícita, tais conceitos serão apreendidos na análise detalhada de suas duas obras. Será demonstrado que tais significados são desdobramentos do fato das investigações de Dosse centrarem nos nomes fortes do movimento estruturalista e dos *Annales*. Os campos disciplinares abertos por esses autores são associados a sua esfera de atuação, o que indiretamente cria uma escola de seguidores, como, por exemplo, o caso de Lacan e Levi-Strauss. Destaca-se aí o elo criado entre o pensamento de um autor, com os seus discursos teóricos, e os grupos intelectuais a que pertence.

Estes últimos são os receptores das produções intelectuais dos autores em destaque, que servem, portanto, como modelos para o universo intelectual em questão. Na *História em Migalhas* os elos criados são na maior parte das vezes unívocos, do autor para os grupos intelectuais, quando no máximo resultam da disputa entre disciplinas ou autores; na *História do Estruturalismo* eles ocorrem de forma sucessiva e contínua, sob a influência do ambiente intelectual e social. A explicação dessa diferença e suas implicações é o principal objetivo assumido nessa dissertação, pois mostra exatamente em que ponto as duas perspectivas historiográficas divergem.

Na obra de Dosse, de forma geral, os paradigmas não são impessoais, na medida em que se desenvolvem em consonância com a influência direta de poucos autores e não

portanto, a sua importância é central como objeto do estudo epistemológico. Aparece, contudo, em cada obra por razões distintas e, para melhor elucidá-las, serão introduzidas aqui as características próprias a cada uma.

² Esta última definição é proveniente da obra de Thomas S. Kuhn, *A Estrutura das Revoluções Científicas* (1995).

de um grupo de pesquisas muito amplo³. Dessa forma, Dosse possui uma forma particular de tratar os eventos intelectuais relacionados às comunidades de pesquisa e aos paradigmas.

Afora a relação entre teoria e comunidade de pesquisa, há a dimensão do próprio empreendimento de pesquisa em seu momento concreto, interação que se abre ao indivíduo no momento da experiência com o seu objeto, que não pode ser negligenciada, inclusive para a própria qualidade da definição dessa relação direta. Em todo caso, é necessário definir e compreender a lógica e os sentidos de uma elaboração teórica considerando todos esses níveis de análise, pois é exatamente essa a proposta específica defendida aqui, de tornar inteligíveis os movimentos dentro das disciplinas do conhecimento e o intrincado jogo de relações entre elas e a sociedade.

Com base nessas considerações, optou-se, para uma melhor organização da pesquisa, considerar tanto os fatores internos e externos à dimensão epistêmica analisada. Nas duas obras de Dosse, a pesquisa se desenrola em torno dos desenvolvimentos das disciplinas do conhecimento, com ênfase nos paradigmas que são suas composição mais elementar. É ao redor do paradigma que os outros elementos da obra gravitam e o critério de seleção destes é dado pela influência que possuem sobre ele. Toda essa estrutura dinâmica é o que compõem o que aqui se denomina sistema epistêmico.

Finalmente, o último aspecto a ser abordado nas duas obras de Dosse contempla a importância dada pelo autor às questões relacionadas ao poder e às articulações interpessoais e institucionais, o que configura a esfera da estratégia em sua pesquisa. É nesse ponto que é possível estabelecer nas duas obras a conexão da dimensão epistemológica, conforme definida acima, com a historiográfica. Considera-se tais

³ Como exemplo, tem-se o caso dos desenvolvimentos no campo da literatura após o período de auge do estruturalismo, que depende de um grupo pequeno em seu entorno (DOSSE 2007, vol II).

questões sob o ritmo narrativo empreendido por Dosse, como também a preferência do autor pela análise sincrônica ou diacrônica.

Com os aspectos externos, adentra-se no território de investigação da sociologia do conhecimento e da história intelectual, por meio dos quais é possível entender a influência dos acontecimentos e eventos sociais e políticos para o desenvolvimento desses sistemas epistêmicos. Será demonstrado que essa relação é o que marca a diferença na *História do Estruturalismo*, sendo ela o principal agente da dinâmica narrativa da obra.

A categoria tempo é fundamental para uma reflexão e compreensão mais ampla dos objetos pesquisados; ela permite novas perspectivas de análise e a possibilidade de situar adequadamente os objetos dentro de seus contextos originais de significados. Envolve características designadoras de sentido, como a estrutura narrativa, o ritmo e a marcação da alteridade a partir de uma dinâmica de inter-relações.

Ao que respeita às vicissitudes do paradigma, de forma geral, podem-se destacar alguns elementos que serão identificados particularmente nas duas obras de Dosse, ressaltando as predominâncias em uma ou outra, como a interação entre paradigmas, a evolução intelectual de um autor dentro de sua bibliografia, as próprias características estratégicas do paradigma⁴, os acontecimentos da esfera social, o relacionamento interpessoal entre os autores, encontros ocasionais, a publicação de uma obra ou o falecimento de um autor. Além destes, há outro que se realiza no momento da experimentação ou aplicação dos conceitos ou da teoria por parte do intelectual sobre a realidade; ou mesmo na própria reflexão feita sobre esta e envolve certas características, como o horizonte de compreensão dos termos e conceitos empregados⁵, os limites

⁴Essa é uma característica particular Dosse.

⁵ Cabe aqui estabelecer um paralelo com uma das idéias centrais apresentadas na *Estrutura*, o mundo que o paradigma apresenta.

cognitivos e epistêmicos e o efeito proveniente do hábito e das normas praticadas ou impostas pela comunidade.

Parte-se da consideração de que, no caso específico da *História em Migalhas*, o conceito de paradigma implícito empregado por Dosse resulta em uma perspectiva de análise mais internalizada e fechada⁶ dos elementos pesquisados, em comparação ao que é apresentado na *História do Estruturalismo*. Nesta última, ao invés de ater-se à análise das relações localizadas entre um intelectual ou tipo ideal e os paradigmas que envolvem os seus escritos, Dosse emprega uma noção mais ampla, a de programas de pesquisa⁷, o que permite trabalhar com um maior número de variáveis e relações.

Nesse sentido, considera-se como ponto chave da alteração entre as duas obras a identificação e seleção dos elementos críticos para a pesquisa historiográfica e a habilidade de lidar com suas interações, manifestadas concretamente no tempo, a partir de cada um dos sistemas⁸ abordados nas duas obras, respectivamente: a escola dos *Annales* e o movimento estruturalista.

No primeiro caso, a pesquisa de Dosse constitui-se em torno do delineamento dos sentidos mais gerais compartilhados pelas três gerações dos historiadores dos *Annales*, junto da análise, realizada paralelamente, dos principais autores, com suas obras e

⁶ É considerada com relação a esse aspecto, uma analogia muito grande com o conceito de paradigma trabalhado por Thomas S. Kuhn em sua obra célebre, *A Estrutura das Revoluções Científicas*, que será, por esse motivo, alvo de futuras considerações e comparações no decorrer dessa dissertação; ademais, com relação aos conceitos de paradigma e comunidade científica, serão indicadas as suas múltiplas significações, limitações e implicações para a pesquisa científica e, também, para os aspectos e dilemas próprios da historiografia presentes na obra selecionada de Dosse.

⁷ Esse segundo caso é tido em paralelo com algumas das contribuições lançadas por Lakatos a respeito de sua idéia de programas de pesquisa como forma de compreender os fenômenos epistemológicos; ela é aqui tida como uma forma mais adequada de apreensão dentro da história intelectual, de acordo com as características traçadas na *História do Estruturalismo*.

⁸ Considera-se aqui sistema como o horizonte de elementos e variáveis abarcados pelo recorte historiográfico do autor e pelo seu ritmo de análise, cuja constituição é passível de mutação no tempo. Como exemplo, tem-se o estruturalismo como um sistema na forma como é concebido, organizado e detalhado por Dosse, mas não em sua acepção abstrata; o mesmo se aplica à escola dos *Annales* sob a investigação desenvolvida na *História em Migalhas*. Toma-se aqui o cuidado para que o conceito sistema não feche.

paradigmas; porém não há um estudo mais detalhado das interações entre essas duas dimensões - a parte e o todo - nem dos diversos momentos que marcam as diferenças dentro do conjunto da produção intelectual de cada autor, em articulação com o desenvolvimento dos paradigmas compartilhados no período. Em vista disso, considera-se esse perfil de investigação mais sincrônico do que diacrônico.

No caso da *História do Estruturalismo*, percebe-se uma abordagem mais integradora, a qual permite um estudo mais detalhado das interações entre os paradigmas compartilhados e genéricos, colocados como a identidade do movimento estruturalista - que por si só é multifacetada e dinâmica - e os paradigmas particulares de cada autor. Essa orientação contempla uma maior diversidade de idéias, teorias, conceitos e metodologias dentro do recorte temporal considerado, ao mesmo tempo em que incorpora a apreensão da dimensão temporal dentro da estrutura de análise da pesquisa. Enfim, a orientação permite a consideração dos diversos momentos de inflexão para a constituição dos paradigmas intelectuais, partindo de uma visão mais ampla, respeitando os diversos níveis de composição do real - as idéias, as instituições, o social e o econômico - e a reação no nível do intelectual (indivíduo), tido, ao mesmo tempo, como receptor dos estímulos dos contextos a sua volta e como agente de sua transformação.

O acompanhamento da análise empreendida por Dosse sobre tais redes de relacionamento é fundamental para qualificar a sua habilidade como historiador da intelectualidade; mas, mais do que isso, é um ótimo parâmetro para discutir a própria natureza do objeto historiográfico e as perspectivas de investigação nessa área específica, justificando os resultados apresentados nessa dissertação para a comunidade de historiadores.

É nítido uma abertura a quadros de análise mais complexos e integradores quando da passagem da *História em Migalhas* para a *História do Estruturalismo* e essa é, sem dúvida, uma das marcas do desenvolvimento de sua experiência como pesquisador.

O que se modifica, essencialmente, é a capacidade de identificar mais fatores de impacto sobre a produção intelectual dos autores considerados e de avaliar as suas relações dentro de uma perspectiva temporal que respeite uma dinâmica que não se resuma à casualidade.

Esses fatores se caracterizam como objetos da realidade social e cultural, mas também são de outra natureza, como os relacionamentos entre os autores e a dimensão estratégica, presente na própria essência dos paradigmas, bem como resultado das intenções e articulações dos indivíduos em seu meio. Essas duas últimas razões são as mais pronunciadas e significativas na obra de Dosse e é exatamente isso que esse trabalho de dissertação pretende mostrar.

Como resumo do quadro teórico de análise, aplicado à investigação concreta das duas obras de Dosse, coloca-se em evidência a forma como os grupos intelectuais organizam-se em torno de paradigmas compartilhados e o jogo de interações existente na disputa ou na colaboração entre eles e as diferentes disciplinas do saber. Contempla-se o seu impulso inicial, o processo de desenvolvimento, seu período de maturidade e, por fim, o desaparecimento ou a sua continuidade como elemento incorporado em paradigmas subseqüentes ou concomitantes. Tudo isso plasmado de forma concreta e sem perder de vista as redes de relação dos sistemas de elementos considerados.

Perscrutando os aspectos acima citados, ressalta-se o fato de que não há a pretensão de realizar nessa dissertação uma análise de toda a produção intelectual de Dosse, uma vez que o foco desta pesquisa não é propriamente avaliar a sua história intelectual, mas sim estudar detalhada e objetivamente as duas obras mais conhecidas e relevantes do autor sobre o tema. Estas foram selecionadas tendo em vista, portanto, a sua significância e pelo fato de apresentarem contribuições úteis aos historiadores e também aos filósofos, quando discute temas relacionados à historiografia e à epistemologia. Não se deseja aqui confrontar o estudo apresentado nas obras com o

universo empírico correspondente, ou seja, o universo documental circunscrito aos *Annales* e aos autores estruturalistas, o que significaria, em certa medida, refazer a pesquisa de Dosse com o intuito de avaliar criticamente o seu trabalho com base nas fontes documentais utilizadas; fato esse que geraria um estudo de outra complexidade, pois demanda outra preocupação metodológica e um olhar focado e centrado na análise documental que concerne aos artigos publicados, às cartas e aos comentários dos envolvidos na produção intelectual dessa escola.

A identificação das diferenças entre as metodologias, perspectivas de análise e paradigmas entre as duas obras de Dosse configura um rico processo heurístico capaz de colocar em evidência novos pressupostos e conteúdos, possibilitando uma compreensão muito mais aprofundada e crítica de cada uma dessas obras. Sem se ater a essas características, qualquer investigação historiográfica corre o risco de perder a orientação crítica necessária para indagar as suas próprias bases epistemológicas e pressupostos teóricos, o que evitaria assumir idéias e formulações de forma despercebida.

Parte-se, portanto, do pressuposto de que todo e qualquer estudo ou obra historiográfica constitui-se de uma base epistêmica, explícita ou não por seu autor. A historiografia reúne dentro de sua tradição discussões e elementos epistemológicos que foram e são alvo de grandes e reconhecidas especulações filosóficas. Pode-se citar como exemplos o tema envolvendo a temporalidade, em seu acesso à consciência dos indivíduos e das sociedades por meio da relação dialética entre memória e esquecimento⁹; as estruturas e os processos de compreensão e entendimento, em suas interações com os indivíduos e a linguagem que faz parte de sua vivência, cujo estudo objetiva-se na hermenêutica; a questão da duração e da permanência e os recortes cronológicos; dentre muitos outros.

⁹ Para uma descrição profunda dessa relação dentro da cultura ocidental, consultar a obra de Ricoeur *Memória, a História e o Esquecimento* (2007).

Toda pesquisa historiográfica é orientada por pressupostos teóricos, sejam esses claramente assumidos em sua fundamentação teórica ou não. A natureza e a forma do trabalho historiográfico são influenciados pelo seu próprio tempo histórico e, em outras palavras, do termo consagrado por Heidegger, pelo círculo hermenêutico que envolve o historiador. Não é possível um distanciamento completo dos próprios referenciais, muitas vezes implícitos, nem de uma leitura neutra da realidade ou dos vestígios do passado.

Tais pressupostos que influenciam na interpretação não são, todavia, elementos estáticos, estão a todo o momento em articulação com os conceitos e dados avaliados, dentro de uma dinâmica que é apresentada pelo círculo hermenêutico. Esse movimento é infundável e contradiz qualquer apreensão estritamente lógica ou desinteressada dos fenômenos da realidade. Há, inevitavelmente, uma conformação com a apreensão que se tem dos objetos no momento concreto da análise, independente do que é racionalizado *a priori*. É importante desenvolver um olhar crítico, com a finalidade de evitar trazer certos argumentos como pressupostos no desenvolvimento da pesquisa, que possam conduzi-la de forma não tão esclarecida.

Da definição do tempo histórico particular ao seu estudo epistemológico, serão detectados os momentos cruciais de inflexão ou de reafirmação dos paradigmas e das metodologias nas diversas gerações dos *Annales*, por um lado, e dos diversos períodos do estruturalismo. Como esses momentos se constituem e quais fundamentos eles assumem. Além dos objetivos acima detalhados, essa dissertação pretende demonstrar que as duas obras de Dosse podem ser compreendidas com base na comensurabilidade e no ritmo da análise, como também podem ser explicadas, dessa forma, suas diferenças, ao avaliar as suas implicações sobre os conteúdos de sua pesquisa no que concerne aos seus limites e a escolha pela utilização de uma perspectiva de análise sincrônica ou diacrônica. Esta última característica, relacionada às diferentes escalas de análises utilizadas, representativa de variações possíveis do objeto historiográfico e da escala

temporal utilizada ou pretendida, é responsável por alterações sensíveis no produto final das pesquisas. Conforme será objeto de análise dessa dissertação, ela segue as variações do ritmo narrativo de Dosse¹⁰, tendo este último um papel significativo na explicação das diferenças encontradas entre as suas duas obras.

¹⁰ O caráter narrativo da história é aqui ressaltado. Como demonstra Paul Ricoeur (2000), ele é condição necessária para que a investigação historiográfica torne-se possível. A narratividade perpassa, inclusive, outras dimensões da existência humana além da história e da literatura, sendo parte integrante dos processos cognitivos mais elementares dos seres humanos. Ela inclui processos fundamentais, como a linguagem metafórica e a orientação frente ao temporal, essenciais para os fenômenos relacionados à compreensão.

CAPÍTULO 1 - A estrutura epistemológica da História em Migalhas

A seleção da obra *A História em Migalhas* levou em consideração a sua abordagem dentro da história intelectual: um estudo feito da constituição e do legado das diferentes gerações dos *Annales* e dos desafios e riscos atribuídos à história, em sua imersão no campo metodológico de outras ciências sociais. O primeiro aspecto a ser considerado é o questionamento apontado por Dosse, da forma como a última geração dos *Annales* se afirma como herdeira dos fundadores – Marc Bloch e Lucien Febvre –, apesar das profundas rupturas e diferenças que a produção historiográfica desses intelectuais teve até o momento em questão.

Ao colocar em destaque o contexto da escrita da *História em Migalhas*, percebe-se que é o momento posterior a uma popularização midiática da história na França e relativa hegemonia do grupo em torno da revista dos *Annales*, reconhecido na herança da proposta e produção intelectuais iniciadas por seus fundadores, Marc Bloch e Lucien Febvre, e empreendida e conquistadora de seu apogeu sob a direção de Fernand Braudel, na qual se acompanha o período de maturação da terceira geração dos *Annales*. Esta apresenta-se em suas mais diversas construções teóricas no diálogo com outras ciências sociais, constituindo-se em variadas estruturas epistemológicas.

Durante esse processo, Dosse observa uma perda gradual, como proposta ou problema relevante, da preocupação com um eixo intersubjetivo e epistemológico próprio à história, enquanto a produção historiográfica se desenvolve, mais e mais, para além de suas fronteiras mais tradicionais. É no meio desse processo que surge a percepção da ameaça de se perder de vista o núcleo teórico específico da história em sua aventura no diálogo com outras disciplinas das ciências sociais. Esse é o problema principal que orientará as investigações de Dosse não somente nessa obra, mas também em escritos

posteriores. Ele compõe o posicionamento crítico do autor à produção intelectual dessa terceira geração, vista como uma forte ruptura não somente às gerações progressas, mas à própria tradição historiográfica.

Posto de outra forma, pode-se concluir que o principal fato que norteia a *História em Migalhas* é, portanto, a ruptura provocada pela Nova História na herança do movimento inicial dos *Annales*¹¹. Trata-se de modificações essenciais em uma base paradigmática que fundamentou as obras dos pais fundadores, Febvre e Bloch, e posteriormente Braudel, apesar de todas as suas particularidades. Para tanto, Dosse produz uma intensa pesquisa capaz de descrever não apenas as características comuns a cada geração, com os seus núcleos paradigmáticos, mas rastrear os conjuntos de influências intelectuais originários e os seus relacionamentos exteriores, políticos e institucionais, cruciais para o entendimento do processo de consolidação e hegemonia da escola dentro dos círculos intelectuais franceses e internacionais.

De forma geral, as considerações de Dosse acerca da história dos *Annales* e sua subsequente constituição partem da contextualização e do esboço de um cenário intelectual europeu. A análise foca nas diferentes estratégias realizadas pelos paradigmas das recém formadas ciências sociais. O seu estudo constrói um jogo de ações e reações entre as disciplinas consolidadas e as nascentes, mas sem esquematiza-lo dentro de uma perspectiva de desenvolvimento linear.

Sem desenhar um fluxo lógico direto de casualidades, Dosse apresenta um cenário aberto às possibilidades, dentro do qual os acontecimentos se desenrolam conforme certas características e tendências sejam favorecidas ou transformadas em alvos de ataque. É um cenário de relativa complexidade¹² a constituição do contexto interno de sua obra, onde uma ação sobre o ambiente intelectual desencadeia uma rede

¹¹ Dosse, A História em Migalhas, Apresentação – Elias Thomé Saliba

¹² Não apresenta o mesmo nível de complexidade do que pode ser encontrado na *História do Estruturalismo*.

de relações ao invés de gerar uma reação única nas mesmas proporções. É relativa na medida em que são considerados na análise de Dosse poucos elementos, com a interação entre eles não completamente explorada do ponto de vista documental; no caso, a discussão se desenrola mais no campo da especulação estratégica, onde Dosse faz atribuir as razões de sucesso e fracasso para uma disciplina e estas são generalizadas por toda a obra.

O objetivo fundamental de Dosse na obra é, portanto, a de organizar uma história intelectual e dos conceitos das três gerações dos *Annales*, perseguindo o objetivo de mostrar as grandes transformações ocorridas nelas. Para ele, há muitas diferenças a serem consideradas entre as gerações, apesar das mais novas se denominarem como herdeiras dos pais fundadores e de Braudel. Manifesta uma grande preocupação com o núcleo original, característico e diferenciado da prática historiográfica, que se encontra ameaçada, a seu ver, em meio às transformações mais recentes ao período de escrita da *História em Migalhas*, principalmente em sua aventura com outras ciências sociais.

Na estruturação da obra, é feita uma divisão fundamental entre as gerações, colocando de um lado os pais fundadores e Braudel, e de outro a terceira geração, segmentada em diversas perspectivas metodológicas, como a antropologia histórica, a história serial, a história das mentalidades, entre outras. Antes, porém, de iniciar propriamente a discussão acerca da terceira geração dos *Annales*, a obra introduz alguns paradigmas de grande influência, como a geografia vidaliana, a história metódica ou a sociologia durkheimiana. Em torno destes serão definidas praticamente todas as futuras inovações elaboradas pelos pesquisadores apresentados por Dosse.

O critério que está na base dessa divisão é a presença, nos paradigmas analisados, de características metodológicas e epistêmicas próprias à história e que reafirmem a sua presença enquanto ciência da mudança do homem no tempo. É no limite dessa consideração que se encontra Braudel, capaz de manter um núcleo epistemológico

afirmativo da história, apesar de inserir em seu paradigma diversas influências de outras ciências humanas, tendo como mais importantes, a geografia – com a geo-história – e o tempo estrutural da longa duração – contribuição da antropologia. De acordo com Dosse, é Braudel quem abre as portas para as novas tendências da Nova História, sem deixar, porém, qualquer herdeiro direto.

Quando Dosse descreve e analisa um autor, ele necessariamente cita passagens dos argumentos teóricos, mas também dá indicações mais amplas da forma como os fenômenos são percebidos, descritos, organizados e analisados pelos elementos metodológicos e teóricos desse autor. Como exemplo mais concreto da diferença, pode-se considerar como paradigmas o conjunto de características apontadas em comum aos pais fundadores dos *Annales*, a sociologia durkheimiana, a escola metódica, a construção braudeliiana das três estruturas temporais e analíticas e outras características que perpassam o conjunto das teorias, como a negação do político pelos *Annales* ou a ausência de um elemento de identidade da história nas aventuras teóricas da terceira geração. Já as teorias aparecem a todo momento descritas na obra, como na descrição das particularidades de Bloch e Febvre, ou na descrição dos argumentos teóricos de alguns autores isolados, como Labrousse ou Henri Pirenne, por exemplo.

Há uma diferença de escala dentro da própria esfera que compete às teorias e núcleos disciplinares. Há movimentos intelectuais muito mais abrangentes, cuja característica principal é a não pertença a nenhuma construção teórica de um autor, como o pensamento de orientação marxista e o estruturalismo. A função destes dentro da obra resume-se mais como uma referência ou como um termo de comparação. Raramente eles são colocados dentro do cenário de disputa da obra. Na seqüência, há as disciplinas e os discursos teóricos que interagem com maior veemência e que possuem uma menor abrangência. Desses, Dosse mantém a prioridade na investigação. É o caso, já citado acima, do núcleo comum aos *Annales*, da sociologia de Durkheim, dentre outros.

A interação entre as disciplinas das ciências humanas é colocada sempre por Dosse sob uma lógica de conflito, na qual há duas dimensões conseqüenciais, necessariamente, nesta ordem: primeiro, o campo das idéias e das teorias, *lócus* onde há uma intersecção direta entre ação e resposta; nesse campo, são designadas algumas características ativas, geradoras de atributos estratégicos, que irão definir a atuação dos intelectuais nos meios institucionais, notadamente a segunda dimensão apreciada aqui.

Nessa sistematização, há a necessidade de estar enunciada a superioridade primeiro no campo da teoria, para que ela se reflita depois na prática, nas instituições. Há sempre uma dependência dessa relação, nunca ocorrendo a situação inversa. Com efeito, são certos intelectuais com seus discursos teóricos que dominam e determinam o cenário intelectual da pesquisa¹³.

1.2.1 Fatores internos da História em Migalhas – o paradigma como o cerne do sistema epistemológico

A dimensão interna a ser aqui analisada compreende todos os elementos relacionados diretamente às disciplinas tratadas por Dosse, considerando o nível da sua construção e dos significados extraíveis de seus conceitos. Com relação a estes últimos, é observado a constituição de paradigmas, os quais, como o próprio termo admite, impelem a uma forma característica de entendimento dos objetos da realidade e, também, de uma ação sobre esta.

Serão enfatizadas características importantes da visão epistemológica de Dosse: os elementos envolvendo a temática da interação e sucessão entre teorias, as situações

¹³ Enquanto que em Kuhn o que detém tal protagonismo são os paradigmas, frutos da genialidade de um indivíduo em específico, mas que logo em seguida se tornam impessoais.

de crise e, o que na obra de Dosse se tem de mais característico, o viés estratégico, como parte dos próprios paradigmas e representado pelas atitudes dos intelectuais.

A presença do paradigma se faz constante nas duas obras de Dosse e caracteriza os sistemas epistemológicos empregados nelas. Sua definição congrega sentido ao todo e traz consigo os princípios, justificativas e motivos dos intelectuais. Afirma-se aqui uma perspectiva integradora de interpretação dos sistemas de pensamentos contidos nessas obras e o seu desvendar envolve, a todo momento, uma relação necessária entre as partes e o todo.

Iniciando a análise da obra de Dosse pela forma como ele aborda a escola metódica, é possível localizar aí algumas das características mais proeminentes em suas pesquisas. Ela é representativa da forma como Dosse trabalha os grandes grupos intelectuais em torno de um núcleo teórico que lhe constitui a unidade. Configurando um paradigma para o grupo, ele também possui elementos que determinam o seu relacionamento com as outras disciplinas e esse é o aspecto tido como decisivo por Dosse para a sobrevivência ou não da escola metódica.

Vale elencar as principais características apontadas por Dosse sobre a escola: influência da historiografia alemã¹⁴; a pretensão de verdade pela submissão dos documentos a uma aparelhagem crítica; restrição ao domínio do visível e sujeição ao documento escrito; a pretensão científica¹⁵; fechamento aos questionamentos das outras disciplinas; negação da causalidade; dedicada essencialmente ao estudo biográfico, político ou militar e centrada na história da França; a presença de uma revista como espaço aglutinador¹⁶; a influência sobre os temas devido à proximidade ao poder e a

¹⁴ “O historicismo francês alimenta-se, em grande parte, na escola historiográfica alemã (DOSSE, 2003, p. 66).

¹⁵ “Agrupando um meio laico, homogêneo nas aspirações políticas e científicas” (DOSSE, 2003, p. 59).

¹⁶ “(...) se agrupa em torno da *Revue historique* lançada por Gabriel Monod em 1876”. (DOSSE, 2003, p. 58).

necessidade de justificar os nacionalismos; a reforma sobre o ensino superior e a presença universitária (DOSSE, 2003, p. 56-60);

Lendo todos eles é possível perceber uma divisão entre temas que correspondem propriamente ao paradigma e temas ligados à esfera institucional. Esse padrão se repetirá de forma idêntica para todos os outros movimentos ou disciplinas na obra. É importante perceber a maneira como Dosse os seleciona, organiza e categoriza. Manifesta, em todos os casos semelhantes, uma razão imanente para o sucesso ou fracasso.

No caso da escola metódica, este provém do dogmatismo e do isolamento, atributos que são suficientes para o futuro fracasso, apesar da presença e da grande influência nas universidades. O isolamento da escola metódica compromete a capacidade de seu paradigma de atrair novos intelectuais por não incorporar as novas tendências disciplinares de sua época. Não há, portanto, mudanças significativas em suas linhas teóricas gerais, apenas novas obras que se somam aos seus quadros bibliográficos.

Além da descrição geral do paradigma, são destacados alguns dos intelectuais dessa escola, como Ernest Lavisse e Fustel de Coulanges (DOSSE, 2003, p. 65). Neste último, fica evidente a influência dos acontecimentos de seu meio sobre os temas adotados em sua obra, como cita Dosse: “O desastre de Sedan o fez dissociar a história da França das origens germânicas e a desloca-las para o mundo romano (DOSSE, 2003, p. 65).

Fica evidente que apenas o assunto e o objetivo da pesquisa muda, mas não a sua metodologia e os pressupostos teóricos organizadores da obra. Essas características também se apresentam na abordagem de Dosse sobre os *Annales*; de forma geral, o foco da *História em Migalhas* recai sobre a descrição do jogo de influências e estratégias que marcaram o cenário de formação, desenvolvimento e consolidação das diferentes gerações dos *Annales*, mas com algumas nuances entre as três gerações.

A primeira, identificada inteiramente com Bloch e Febvre, a dos pais fundadores, recebe o tratamento que mais se assemelha ao método de pesquisa apresentado na *História do Estruturalismo*. Dosse acompanha as transformações da produção intelectual de Bloch e Febvre, cruzando-as com influências provenientes de outras disciplinas e eventos históricos.

Outros pesquisadores do período, com vinculação aos *Annales*, como Albert Demangeon, Maurice Halbwachs, Charles Rist, André Siegfried, André Piganiol, George Espinas, Henri Hauser – com a exceção de Henri Pirenne - são deixados como simples fontes de inspiração de outras disciplinas ou áreas especializadas da historiografia e a sua inserção e descrição na obra são realizadas somente para esse fim; não assumem protagonismo frente aos principais acontecimentos no campo intelectual, pois a pesquisa polariza-se em Bloch e Febvre.

Destacando aqui as principais idéias apontadas por Dosse, sobre o que os dois historiadores trazem de novo, em oposição à escola metódica, é a convicção de que o historiador “constrói o seu material: os documentos, em séries inteligíveis, que ele integra em um quadro teórico prévio e adapta à sua pesquisa” (DOSSE, 2003, p. 87). Há, em decorrência a isso, um alargamento do campo da história, tanto no aspecto documental quanto conceitual, pois não pode mais se conter “em fazer a exegese dos documentos escritos oriundos da esfera política” (DOSSE, 2003, p. 83).

Constituem, a partir da afirmação de Barret-Kriegel (DOSSE, 2003, p. 83), uma antropologia da cultura material e o conceito de materialidade histórica. É comum a negação ao político, ao factual e ao biográfico, como consequência da oposição à escola metódica. Contribuem para a promoção da história econômica, incorporando um “esforço de racionalização do sistema social” (DOSSE, 2003, p. 110). Outro traço comum é a preferência pela metodologia ao invés das discussões teóricas, havendo um empirismo

espontâneo em suas obras. Vale ressaltar que esse aspecto é indicado por Dosse como algo recorrente em Braudel.

Para Dosse a tendência que influencia diretamente o espírito historiográfico no período é o movimento no campo das ciências sociais, com o surgimento das novas ciências – a lingüística, a psicanálise, a antropologia e a ciência social (DOSSE, 2003, p. 40). Assim como afirma Guerreau, “A racionalidade burguesa abandonou a história e refugiou-se na economia política, em parte também na sociologia” (GUERREAU 1980, p. 174).

A história econômica, outra influência sobre os *Annales*, cuja penetração no meio universitário – “templo universitário de Sorbonne (DOSSE, 2003, p. 67) – se intensifica nas décadas de 20 e 30, tem um impacto significativo na orientação. O intelectual que marca essa influência é Henri Hauser, com a sua presença em Sorbonne (desde 1927), a quem Bloch irá suceder em 1933. Mesmo sendo o último defensor da história pré-serial, ele será uma importante influência ao participar nos meios intelectuais dos *Annales*. Labrousse irá incorporar, dentro dessa tendência, o aparelho estatístico, ao relacionar a queda da Bastilha com o “*maximum* dos preços do pão” (DOSSE, 2003, p. 109).

Em resumo, o paradigma dos *Annales* caracterizado por Dosse pode ser expresso da seguinte forma: contrário a dogmas e inflexões teóricas, suas perspectivas metodológicas carregam um cientificismo próprio das outras ciências sociais, utilizando sobre o seu objeto de análise o valor heurístico do presente, em uma concepção relativista do discurso histórico¹⁷, em negação a tudo aquilo que é próprio da escola histórica metódica tradicional.

Formula problemas e hipóteses antes da análise de fato dos objetos, evitando a passividade do historiador, impedindo qualquer fundamentação que permita aos documentos falarem somente por si. Ele é visto, portanto, como um paradigma que se

¹⁷ Febvre – Combats p. 117

constrói com base nas influências a sua volta em oposição ao seu rival mais próximo, a escola metódica, sem deixar de dialogar e incorporar as tendências e as estratégias das outras ciências sociais nascentes.

Nesse contato com outras disciplinas do conhecimento, é importante notar um fato observado por Dosse, de que todas as metodologias e características incorporadas de outras ciências sociais não formam compartimentos isolados, como ocorrerá no caso futuro da terceira geração dos *Annales*. Há uma tendência de integração dentro de um projeto maior de síntese, de racionalização do sistema social (DOSSE, 2003, p. 110).

Isso se faz como decorrência da estratégia manifesta do acabamento do paradigma, a de liderar sem desejar criar novos dogmatismos. Esse traço estratégico é mais fundamental que o próprio conteúdo em si do paradigma para o sucesso futuro dos *Annales*. Como já foi visto, a estratégia congrega o que há de mais importante no paradigma, pois determina os seus eventos futuros; os conteúdos são um mero somatório de características, que não tocam nos seus mecanismos fundamentais.

Com relação a movimentos intelectuais de caráter mais abrangente, como o marxismo, por exemplo, que em vários momentos é sempre considerado por Dosse - muito devido à sua simpatia passada por ele e pelo fato de o momento da escrita da *História em Migalhas* ser marcado por uma dicotomia ideológica característica da Guerra Fria -, ocorre certa adesão por parte dos *Annales*, ao mesmo tempo em que se posiciona como rival, devido ao fato de ambos desejarem uma história global¹⁸. A iniciativa dos *Annales*, porém, abre espaço para uma nova via de pensamento, para além das tendências de direita e esquerda, inovadora na pretensão de poder:

¹⁸ “O grupo dos *Annales* extraiu numerosas orientações de um marxismo difuso, mal conhecido de seus iniciadores, para melhor resistir à eficiência do materialismo histórico, uma vez que este último aspirava a ser uma história global. Na sua vontade de ampliação, os *Annales* arriscaram a adesão pura e simples ao marxismo” (95).

“Tendo à direita o discurso historicista e à esquerda o discurso marxista, o grupo dos *Annales* oferece uma terceira via, ocupa uma posição central, ideal para sua estratégia do poder. Resta-lhe construir um paradigma original, o saber específico que legitime suas pretensões à hegemonia. Desse ponto de vista, o discurso dos *Annales* é um discurso de ruptura com a história tradicional. Pois inova e constitui, a partir desse fato, uma revolução historiográfica.¹⁹ (DOSSE, 2003, p. 99)

A inovação descrita acima, de cunho pragmático, junto à intenção de uma história totalizante, que como foi visto, deve ser capaz de incorporar temas e métodos de outras ciências sociais, é o núcleo essencial e compartilhado pelos intelectuais dos *Annales*. Os outros casos particulares apresentados na obra nunca interferem nessas duas particularidades axiais.

Há também uma aproximação, por parte dos *Annales*, à “lógica gerencial do sistema capitalista” (DOSSE, 2003, p. 103), na qual há uma concepção utilitarista ligada à técnica e ao mundo dos negócios (DOSSE, 2003, p. 103). A revista serve de espaço para banqueiros e financistas, reforçando sua expressão tecnocrata e dirimindo suas tendências marxistas (DOSSE, 2003, p. 104). Ela responde, enfim, às demandas do poder e da sociedade, como afirmará futuramente Marc Ferro, “as leis da estatística substituem o espírito das leis”. (*L’Histoire sous surveillance*, 125).

Há um momento representativo do poder de determinação do paradigma sobre os critérios de seleção dos intelectuais pela comunidade, quando se trata das barreiras à participação no seu núcleo e atitudes de exclusão. No caso, a utilização por Labrousse do

19 Ao afirmar uma revolução historiográfica, Dosse contradiz seus próprios argumentos, pois futuramente irá questionar o fato inovador desses intelectuais. De acordo com seus argumentos, a revista de Henri Berr já tinha lançado, antes dos *Annales* as mesmas pretensões conceituais. Fica claro, então, que o termo revolucionário assumido nesse caso refere-se à forma de efetivação desses conceitos já existentes.

aspecto político em sua análise econômica e o privilégio dado ao estudo dos antagonismos de classe (DOSSE, 2003, p. 109), aspectos metodológicos esses avessos aos *Annales*. Fica evidente a partir daí, como condição à participação de uma comunidade, a necessidade de compartilhar os elementos centrais do seu paradigma.

Vistos os contornos gerais da primeira geração dos *Annales* na forma como eles aparecem na *História em Migalhas*, é importante notar que apesar de semelhanças conceituais, teóricas, e, principalmente, estratégicas, os paradigmas dos dois pais fundadores dos *Annales* contam com suas particularidades, com cada autor algumas vezes discordando abruptamente do outro, mas congregando a mesma estratégia. Algumas diferenças serão destacadas a seguir, conforme aparecem na obra.

No caso de Bloch, ele incorpora as categorias sociológicas, colocando-as no centro da análise do historiador (DOSSE, 2003, p. 89). É característica de seu paradigma “minorar o factual em benefício da longa duração, reconciliando os antagonismos, como característica da materialidade histórica (DOSSE, 2003, p. 85), o que por si só remete a uma tendência que será consolidada futuramente por Braudel. Aproxima-se da antropologia histórica e de outros autores que têm a psicologia comparada, os mitos, os ritos e os sistemas de crenças como objetos²⁰. Recebe a influência também de Louis Granet, com a “concepção globalizante do estudo dos fatos sociais e mentais” e a simbiose entre a etnologia e a história (DOSSE, 2003, p. 133). Não busca casualidades, mas relações de interdependências entre estudos sincrônicos (DOSSE, 2003, p. 134).

De acordo com Dosse, Bloch é, “mais do que entre os sociólogos, o verdadeiro herdeiro da tradição durkheimiana” (DOSSE, 2003, p. 133). No plano da história das idéias, ele a renova, utilizando-se de fatos cotidianos ao invés das obras teóricas tradicionais (DOSSE, 2003, p. 138). No campo das mentalidades, busca estruturas

²⁰ “Do trio Louis Gernet e Marcel Granet, na École Normale (de 1909 e 1912), sofre a influência decisiva, do durkheimiana aberto à história” (133).

mentais diferenciadas nos diferentes substratos da sociedade; trata-se, portanto, “de um marco essencial na história das ciências sociais e conhecerá filiação bem fecunda” (DOSSE, 2003, p. 139).

Ele anunciará os futuros objetos historiográficos, contribuindo também para a redução do ritmo de mudanças da história. Esse último ponto merece destaque, pois essa perda de ritmo é uma função crescente na descrição teórica dos autores subseqüentes da história analisados por Dosse, tornando-se contínua até culminar na história imóvel e na terceira geração. Tal fato será um dos motivos do alerta manifestado por Dosse do risco da história perder a sua especificidade; o outro será a desumanização de seu objeto.

Febvre segue outro caminho, fundando as bases da psicologia histórica, e incorporando o horizonte geográfico²¹. O indivíduo é em sua obra apenas o que o universo mental permite que ele seja; dessa forma, combate o anacronismo dentro da história das idéias. Traz, além disso, para a discussão historiográfica o estudo literário, inserindo-o dentro de um estudo mais amplo. A geo-história desenvolvida por ele será retomada futuramente por Braudel. Sua obra, porém, não terá a mesma repercussão que Bloch nos meios intelectuais, pois este último desenvolve um paradigma muito mais próximo das inovações lançadas pelas ciências sociais. Porém, a concepção de “totalidade-magma”, “em que tudo depende de tudo e vice-versa” (DOSSE, 2003, p. 142), pode ser considerada como uma porta aberta para desenvolvimento conjunto dos paradigmas e objetos com outras ciências sociais.

É importante notar que os dois autores somam forças ao paradigma dos *Annales*, pois lembrando qual a estratégia tida por Dosse como a causa da liderança da história sobre as outras ciências sociais, a de incorporar o que há de mais notório em cada uma

²¹ “Febvre torna-se advogado de La Blache contra a escola alemã de Ratzel e integra o horizonte geográfico (*La Terre et l'évolution humaine*)” (89).

delas e isso se completa na teoria desenvolvida por eles, fazendo jus a uma estratégia comum compartilhada por esses autores, que será continuada pelo seu sucessor.

No caso da sociologia durkheimiana, em sua descrição são atribuídos um objetivo principal e o efeito da conjuntura em seu momento histórico. Sua principal intenção é tida como a de pretender unificar as ciências sociais por meio do conceito de casualidade social, sendo o contexto histórico o grande obstáculo, em sua esfera institucional: “bloqueio das carreiras nas universidades no entre-guerras – abandono das jovens disciplinas ainda não instaladas, deslocando as inovações ao lado das disciplinas mais antigas” (DOSSE, 2003, p. 44) e ainda, “Deve se contentar com 4 cátedras na Sorbonne e uma no Collège de France com Marcel Mauss” (DOSSE, 2003, p. 44).

Sua permanência está totalmente condicionada aos rumos tomados pelos *Annales*, assim como afirma Dosse: “Os sucessos e fracasso dos sociólogos estavam relacionados com o nascimento dos *Annales*. Em 1929 – Bloch e Febvre retomam o programa dos sociólogos e a mesma estratégia de tudo absorver”. (DOSSE, 2003, p. 44). Aparece aí a dimensão institucional como um fator decisivo para o não sucesso do paradigma durkheimiano nesse período específico. Não se tratou apenas de uma questão relacionada com suas propriedades internas – isso, por acaso, será um segundo motivo nesse sentido – mas sim um fator exterior.

Com relação aos intelectuais estudados por Dosse, o principal protagonista na *História em Migalhas* é sem dúvida Fernand Braudel, e, por esse motivo merece atenção especial. Ele é visto como o grande articulador da herança de Bloch e Febvre, em oposição a Claude Levi Strauss, inovando na forma de interconectar tais paradigmas. Para tanto, utilizou-se também dos desenvolvimentos da geografia, provocando, à análise de Dosse, a interrupção do movimento de desenvolvimento dessa disciplina. o

Esse é o momento em que remete ao seu conceito de crise. Tanto o paradigma defendido por Durkheim quanto o da geografia vidaliana foram superados pela

prevalência de teorias concorrentes, no caso a história. Isso se confirma no domínio dos meio institucionais, vale dizer, as cátedras das principais universidades, os congressos e órgãos internacionais de pesquisa e fomento.

No dois casos, a razão da crise foi a capacidade da rival de incorporar elementos-chaves de seus paradigmas, convidando-as à transpor os limites das disciplinas, mas mantendo na história um elemento hierarquicamente superior de análise e sentido, o tempo²². Praticamente não há mudança quando um paradigma é considerado e este é sempre mais amplo, além de subjugar as interferências cognitivas e criativas dos indivíduos que dele se utilizam para a compreensão dos fenômenos na ciência²³.

Voltando para a descrição do momento Braudel por Dosse, nota-se que o principal destaque é dado ao conflito entre o paradigma lançado pela antropologia de Levi Strauss e a habilidade de Braudel de incorporá-lo de forma a permitir à história o protagonismo no nível das idéias, que terá seqüência no plano institucional. O ponto culminante da *História em Migalhas* é, portanto, a descrição e análise do duelo travado pelos líderes de duas escolas proeminentes.

Um é responsável por concentrar, em princípio, todo o *momentum* do desenvolvimento da historiografia francesa, cujo movimento iniciou-se com Febvre e Bloch e encontra-se em seu estágio intermediário, antecedendo a fragmentação epistêmica e metodológica da 3ª geração; o outro é o líder que concentra o ataque à história, sendo a escola da qual faz parte na indicação de Dosse, o estruturalismo, que é um movimento intelectual muito mais amplo e impossível de ser resumido somente nas

²² Mantidas certas semelhanças com o modelo de Kuhn, a grande diferença é que nele não há espaço para essa experiência conjunta entre dois paradigmas. Há o muro da incomensurabilidade, que permite que as mudanças e a sucessão entre dois paradigmas seja feita somente de maneira brusca e completa.

²³ Uma descrição mais detalhada dessas características do pensamento de Kuhn será oferecida no próximo capítulo. Não há o momento intermediário que há em Dosse, fruto da habilidade narrativa desse autor de organizar com detalhes os processos considerados dentro de uma seqüência temporal. Kuhn é mais próximo de um modelo inspirado no estruturalismo, em efervescência no momento em que escreve a *Estrutura das Revoluções Científicas*.

linhas de pensamento de apenas um autor. A forma como será tratada, com atenção especial na obra posterior de Dosse, *A História do Estruturalismo*, é indicativo dessa característica.

É importante notar que o paradigma estrutural de Braudel surge como reação às investidas da antropologia e da sociologia²⁴, que lançam novamente um desafio à história, superando ao feito anteriormente por Simiand. Dessa vez a ameaça é mais verdadeira, pois conquistam significativo espaço institucional. Sua linha de pensamento é fundada com o estruturalismo, caracterizado por Dosse como uma escola de pensamento, cujo líder é Claude Levi-Struss, e é marcada por seu anti-historicismo – apesar da tendência do estruturalismo ser mais abrangente que os autores, há momentos como esse, na qual é posta a liderança do movimento a um autor.

O grande desafio nascido daí se pauta por uma mudança drástica na estrutura fundamental do conhecimento, que deixa a dialética de lado em troca do que Ricoeur definiu por “um kantismo sem sujeito transcendental, no qual o inconsciente é mais o inconsciente categorial do que o inconsciente freudiano” (DOSSE, 2003, p. 162). O estudo de Claude Levi-Strauss foca, portanto, a natureza humana, significada e representada nos mitos. Sua metodologia de análise é indutivista, pois parte do “especial ao geral, do contingente ao necessário e do ideográfico ao nomográfico” (DOSSE, 2003, p. 162). É, no fim, uma “empresa de “des-historização”, pois lança-se à descoberta das invariantes humanas. (DOSSE, 2003, p. 162).

É dentro dessa perspectiva que Braudel elabora o seu paradigma, de forma construtiva e a aproximar o que há de fundamental e característico na historicidade desses aspectos, a princípio, imutáveis. Tal discurso se sustenta sob um aparato matemático e de “modelos que permitem acesso ao inconsciente das práticas sociais

²⁴ “O desafio de Claude Levi-Strauss constrangeu Fernand Braudel a conceituar uma história estrutural, o tempo quase imóvel (175).

(DOSSE, 2003, p. 169). O paradigma de Braudel assume as críticas e as incorpora dentro de um sistema que tem na temporalidade a oportunidade para manter os outros métodos e modelos sob sua esfera de liderança, inclusive as estruturas mais imutáveis.

O que há por trás desse esquema estrutural é a intenção de organizar as outras ciências sociais tendo como linguagem comum a duração. Braudel desenvolve as habilidades de “absorver, assimilar, reduzir, conforme um esquema ritual”. Chega-se ao ponto de Dosse afirmar que só há duas maneiras de escapar do método histórico de Braudel: por meio de uma visão intratemporal – “atualidade desvinculada de toda espessura temporal”, ou seja, a sociologia – e uma visão supratemporal – “ciência da comunicação em torno de estruturas temporais”, ou seja, o estruturalismo (DOSSE, 2003, p. 170). Detém como longa duração a “irreduzibilidade da natureza física e a lentidão da temporalidade geológica. (174). É um discurso histórico “no limite entre natureza e cultura” (DOSSE, 2003, p. 174), diferente da abordagem de Febvre, que tenta desvendar a natureza humana na interação entre o meio biológico e a realidade psicológica. A consequência dessa interação é a “história tornando-se antropológica e a antropologia tornando-se histórica”. (DOSSE, 2003, p. 182).

Essa passagem na *História em Migalhas* é representativa de algumas características que já foram aqui citadas. A elaboração do paradigma como reação aos desafios impostos por outro e a existência de um espaço possível à incorporação dos atributos do outro. Essa batalha tem reflexos na dimensão institucional, social e cultural, na qual a estratégia de cada autor será manifesta²⁵. Mas antes, há um ambiente que favorece o destaque dado à estrutura de idéias arquitetada pelos dois autores. De um lado, a literatura sociológica tem um *boom* editorial, além do aumento de sua presença nas universidades e em grande parte dos eventos intelectuais, com destaque aos EUA (DOSSE, 2003, p. 157-158). Ela se escora em técnicas e perspectivas em moda nas

²⁵ Essa dimensão será detalhada no tópico oportuno”.

empresas e nas escolas de administração e de negócios americanas, cuja a influência, a partir do Plano Marshall, se difunde pela Europa (DOSSE, 2003, p. 158). Há também o interesse crescente de órgãos internacionais como a ONU em questões relacionadas às ciências sociais.

Do lado da história, há um impulso crescente da história econômica, da demografia²⁶ e das monografias regionais, nos anos 50 e 60²⁷. As duas primeiras são disciplinas auxiliares do poder político (DOSSE, 2003, p. 155) e sua incorporação é estratégica para conquistar a atenção e a relevância dentro dos meios institucionais e sociais. A introdução da economia, em particular, com o estudo dos preços de Ernest Labrousse, é responsável por incorporar um certo mecanicismo nos estudos historiográficos. Característica que será herdada por autores na seqüência.

Observa-se também o abandono das questões ligadas ao mundo contemporâneo, as quais eram a tônica das obras da primeira geração²⁸. A descrição de todo esse cenário é crucial para Dosse explicar o porquê da seleção do período mais estudado por essa segunda geração, os séculos XVI ao XVIII, pelo motivo de que se “adaptam melhor aos métodos quantitativos e séries estatísticas” (DOSSE, 2003, p. 152). No caso, os instrumentos de análise disponíveis e consagrados nesse momento desempenham um papel importante a ponto de determinar qual tema e quais objetos serão considerados para a pesquisa em história. Nos anos 80, a crise econômica de longa duração vai favorecer a preferência pelo modelo de Braudel, devido principalmente ao fracasso das outras teorias econômicas em solucionar os desafios impostos pela crise.

Com relação às obras de Braudel, Dosse dá atenção especial a duas, o *Mediterrâneo* e o mundo mediterrânico na época de Felipe II (1983) e *Civilização material*,

²⁶ “A história é nesse momento mistura de demografia, de curvas econômicas e de análise das relações sociais” (153).

²⁷ “Em 61, 41% do total das teses e 40% dos diplomas são de história econômica e social” (152).

²⁸ “Essa história dos *Annales* abandona aqui o terreno que, no entanto, foi reivindicado com empenho pela primeira geração: o mundo contemporâneo” (152).

economia e capitalismo (1998). Nas duas, as principais características são a perspectiva global²⁹ e o esquema tripartite, com as três diferentes escalas de análise, na composição de uma estrutura. Esta é formada pelo somatório das redes de relações e é, epistemicamente, acessível ao historiador, sem que haja, contudo, por parte de Braudel, um interesse profundo pela suas lógicas internas (DOSSE, 2003, p. 171). Enfim, caracteriza-se mais pelo teor descritivo do que o seu potencial explicativo (DOSSE, 2003, p. 167), não tendo clareza a respeito da definição de seu objeto.

Isso reflete perfeitamente a distinção feita por Dosse do que há de ideal na teoria de Braudel, de “tudo apresentar em um único e mesmo plano em um único movimento”, em oposição a o que de fato ocorre em sua obra, uma “simples somatório desses diversos níveis do real, sem ser, no entanto, um instrumento conceitual capaz de perceber as dominâncias e as determinantes em jogo” (DOSSE, 2003, p. 167). A sua globalidade parte e tem uma dependência, portanto, do empírico. O paradigma marca aqui continuidade da característica de magma apontada a Febvre, onde “tudo influi sobre tudo reciprocamente” (DOSSE, 2003, p. 167).

Entre o que há mais estrutural e o superficial na história, reside uma camada intermediária que é preenchida pela economia. Com relação a esta, Braudel é crítico das concepções que supervalorizam a dimensão das mentalidades. Para ele, e por influência do pensamento de Paul Monteaux e Henri Pirenne, o capitalismo está na esfera das trocas e não na produção e isso mais uma vez é resultado de uma visão empirista (DOSSE, 2003, p. 220), pois seleciona para a análise apenas o que é visível, o registro das trocas – diferente do modelo marxista, que vê na mais valia, processo não explícito de acumulação do capital, o principal motivo da exploração e sentido do capitalismo. Além

²⁹ Esta nasce, de acordo com Dosse, como influência de Marcel Mauss, refletido no estudo da civilização.

disso, por essa linha de análise, Braudel acaba por estudar um aspecto que não é o mais significativo na economia dos séculos XVI ao XVIII, o comércio marítimo.

A economia é organizada em três partes, tendo na vida material o aspecto mais determinante. Em seguida aparece o campo da própria economia, que permite a libertação da repetição da estrutura da vida material. Por fim, tem-se o capitalismo, que se enraíza no jogo sofisticado das trocas, mas que é a negação do mercado. Para Braudel, há uma distinção entre economia de mercado e capitalismo (DOSSE, 2003, p. 226) e o mercador é quem subverte a estabilidade e a naturalidade das trocas do mercado, que nada mais é do que a “lei geográfica implacável, imutável e histórica”. (DOSSE, 2003, p. 226)

A implicação disso é uma duração construída de forma empírica, sem uma construção teórica explícita, cuja escala é atribuída a um domínio específico, como por exemplo, o tempo geográfico ou o tempo social com a economia e a sociedade (DOSSE, 2003, p. 173). A obra é extremamente descritiva e há dificuldade em passar para o analítico. De todas, a longa duração é a principal, cuja função é a de organizar o sentido às demais e o domínio sobre o ritmo do tempo, fazendo com que “o passado e o presente não se diferenciam mais e se reproduza sem descontinuidades” (DOSSE, 2003, p. 178), antecipando o estruturalismo histórico³⁰. Ela pode ser decomposta em outras permanências que sempre convergem à estabilidade, anulando o conflito. Com relação aos objetos, há uma auto-regulação das estruturas sociais e todas as grandes mudanças tendem a serem reintroduzidas na ordem do repetitivo. Nesse caso, a geo-história, retomada de Febvre, tem um papel fundamental. Ela absorve tudo e engloba “tanto os fenômenos climáticos quanto culturais” (DOSSE, 2003, p. 202). É aí que se faz a presença do tempo repetitivo, e onde se encontra novamente a idéia de um mecanicismo.

³⁰ “Mesmo antes da antropologia estrutural, os historiadores dos *Annales* haviam construído totalidades estáveis e localizáveis (176).

A natureza tem a primazia na temporalidade e no sistema de causalidade. A longa duração funde-se ao espaço que ocupa e essa relação determina tudo o que está em seu interior. Esse é o conceito de economia-mundo, “uma unidade orgânica, articulada e funcional” (DOSSE, 2003, p. 229). Em uma visão mais macro, a existência das economias-mundo é muito mais marcada pela simultaneidade e pela sincronia do que pela sucessão temporal. Inspirado no possibilismo vidaliano, o homem é condicionado pelos subconjuntos das paisagens. Esta é uma unidade de análise que nunca está em contradição, mas sempre no máximo em uma relação complementar. Aqui entra a influência da geo-história que fora trabalhada por Febvre. Exatamente por isso, assiste-se a um descompasso epistemológico, pois Braudel não segue o que há de mais avançado no pensamento geográfico, assumindo o determinismo das orientações anteriores.

Na crítica de Dosse, percebe-se que a forma como é feita essa tripartição é totalmente arbitrária, sendo a sua lógica decorrência dos interesses estratégicos de Braudel, de incorporar as outras ciências sociais e mantendo o que há de mais contínuo no paradigma dos *Annales*, o desinteresse pelo político – pois esse poderia muito bem configurar uma instituição de longa duração (DOSSE, 2003, p. 74).

A última importância é dada ao factual, caracterizado por estar na superfície, apesar de ocupar parte significativa no *Mediterrâneo* e ser descrita à maneira da história metódica³¹.

A colocação feita por Dosse a respeito desse ponto afirma que é a tentativa de obter êxito “no deslocamento do olhar do historiador na direção das evoluções lentas e das permanências” (DOSSE, 2003, p. 175) que impede Braudel de colocar o acontecimento “na dinâmica das estruturas que lhe deram origem” (DOSSE, 2003, p. 174). O olhar do historiador em referencia acima nada mais é que a percepção imediata

³¹ “Isso lembra o discurso da escola positivista, tão criticado e posto no pelourinho pelos *Annales*, no qual a coleta dos fatos, sua classificação, sua divisão em patamares tinham função de sistema de causalidade.” (211).

dos fenômenos considerados, enviesada por um conteúdo teórico que, em si, compreende uma visão de mundo particular.

Dosse aponta como resultado final do paradigma braudeliano, a perda do domínio, por parte do homem, de sua historicidade (DOSSE, 2003, p. 177). Ela, porém, não retira a humanidade do seu discurso³², traço fundamental, herdado de Lucien Febvre e Marc Bloch, que funciona como uma demarcação limite entre o paradigma histórico e o campo mais “científico” das outras ciências sociais. O resultado final será também a hegemonia da historiografia francesa dentro do cenário Europeu³³.

Afora o próprio núcleo do paradigma, há um elemento que é fundamental para compreender os movimentos intelectuais dentro da obra de Dosse, a estratégia. Ela é quem alavanca o projeto de Febvre e Bloch a ponto de conceder-lhes a liderança no projeto de síntese das ciências humanas, apesar da renovação ter sido mais propícia de surgir das ciências sociais e não da história naquele momento (DOSSE, 2003, p. 70).

Até o momento pode-se concluir que a característica que define um paradigma como vitorioso em sua disputa pela hegemonia com relação aos outros é a sua capacidade de movimento, no sentido do seu produto acabado ter sido fruto da incorporação ativa e proposital de elementos de outros paradigmas relevantes, em disputa direta ou não. A idéia oposta também é válida, a estagnação leva ao fracasso, e esta aparece sempre na figura do dogmatismo, responsável pelo isolamento ou pela indefinição e despreocupação teórica, que permite no campo metodológico admitir a presença ou a incorporação de diferentes paradigmas³⁴.

³² “Um humanismo organicista que não se dedica à realidade humana como finalidade, mas à pluralidade de seus órgãos”. (178).

³³ “Em 1961, a escola dos *Annales* estava a ponto de assumir o lugar ocupado na Europa pela escola histórica alemã, como centro e formação de historiadores” (MOMIGLIANO 1980, p.66)

³⁴ No caso de Thomas Kuhn, o movimento significa é crise e a imutabilidade é a ciência normal; é curioso observar que em Dosse a relação é exatamente a oposta.

Os paradigmas são marcados também pelo movimento de integração e acúmulo de características, muito mais do que contradição e perda; caso este que aparecerá de forma significativa somente na terceira geração dos *Annales*, quando se tem uma ruptura radical do movimento iniciado e transformado, sem perder as suas características fundamentais, pelos pais fundadores e depois por Braudel.

A crise no seio da história instaura-se, na visão de Dosse, na passagem para a terceira geração, ocasião em que se perde o núcleo de identidade da disciplina. As outras mudanças apresentadas à história, nas duas gerações anteriores, fazem parte do desenvolvimento normal da disciplina, sempre submetida a um estado de concorrência com as demais. Pode-se concluir que a perda e a simples manutenção de características de um paradigma no decorrer do tempo traduz-se em crise no modelo epistemológico da *História em Migalhas*.

Confirmando as linhas gerais mostradas acima, o paradigma assume o papel de categoria definidora e com capacidade explicativa de todos os trechos apresentados por Dosse da obra de Braudel. Uma vez definidas as suas características mais gerais, os argumentos a respeito da obra na seqüência adequam-se, portanto, a essa lógica. Via de regra, para toda a produção intelectual avaliada, há um paradigma que pode se tornar explícito, a qual confere-lhe todos os seus significados.

Ele também tem a função de manter o padrão rítmico da obra, pois ao marcar os limites e definir por completo os significados de um campo disciplinar, evita que a pesquisa tenha a necessidade de detalhar um nível maior de informações e de promover maiores articulações, o que poderia resultar em inúmeras aferições contraditórias. Esta última propriedade mantém a harmonia da obra, concedendo-lhe sua própria justificativa enquanto obra historiográfica.

Vale lembrar que o que está em questão na obra é sempre a consolidação de um modelo que caracteriza a prática historiográfica ou científica de uma comunidade de

intelectuais, evitando que a análise se abra para uma diversidade maior de conteúdos e tenha que contemplá-la dentro de sentidos que não são tão categóricos. Tal tendência não se repete na obra posterior de Dosse, *A História do Estruturalismo* (2007) cuja natureza é semelhante, a de realizar uma investigação histórica e epistemológica de um movimento intelectual de grande amplitude.

Nesse caso, em parte pelo fato do estruturalismo ser um paradigma, cuja influência se deu de forma extremamente ampla nos meios intelectuais franceses, diferente da história, que se coloca como uma disciplina específica do conhecimento, Dosse apresenta uma investigação menos pautada em uma mecânica da causalidade; ele trabalha um cenário intelectual marcado pelo interrelacionamento de idéias e autores, a exemplo da visão metodológica apresentada por Georges Duby: “Prefiro falar correlações e não de causas e efeitos. Isso me leva a pensar que tudo é determinado por tudo e tudo determina tudo”³⁵.

Na *História em Migalhas* o paradigma tem, portanto, uma função velada, a de manter a coesão de toda arquitetura de argumentos construída por Dosse. Ele “silencia” a capacidade de abertura das disciplinas às influências de outros elementos, que estarão em evidência na *História do Estruturalismo*.

O teor historiográfico da *História em Migalhas* fica comprometido na medida em que as interações, sob efeito do tempo durante o período considerado pela pesquisa, não modificam pela sua espontaneidade, no essencial, tendências presentes no paradigma que são tidas como permanentes. Quando mudanças ocorrem, são acontecimentos previsíveis, pois já faziam parte do caráter estratégico do paradigma. Não há nenhum fato ocasional ou acidental que seja capaz de provar mudanças significativas.

³⁵ (DUBY, entrevista com o autor, publicada em Vendredi, 4 jan. 1980.)

As inovações nessa obra, logo, não se fazem tão freqüentes como na *História do Estruturalismo*, mas vale indagar a sua presença no próprio processo de gênese dos paradigmas. Observa-se que, em alguns casos, ela surge na obra como fruto da genialidade de certos indivíduos, como, por exemplo, Durkheim e Vidal de la Blache - sendo eles muitas vezes o ponto de partida para a constituição de paradigmas posteriores; outras vezes, como na descrição da escola metódica, são simplesmente dados pelo conjunto que compõe determinada comunidade.

Há uma seqüência descritiva e analítica posterior a esses dois casos, cuja definição parte propriamente da relação com tais paradigmas, como no caso célebre de Braudel. Quanto a Bloch e Febvre, apesar das características genuínas de seus paradigmas e de momentos de unidade, a maior parte de seu posicionamento estratégico provém de uma rede compartilhada de influências intelectuais - esse é um momento de abertura importante detectado na obra.

Em algumas outras ocasiões, é também dada atenção ao entorno intelectual como um elemento a influenciar a constituição do paradigma. Esse é o caso do momento da descrição, por exemplo, da vivência de Bloch e Febvre em Estrasburgo (DOSSE, 2003, p. 74), ou da descrição dos outros membros que fazem parte do núcleo permanente dos *Annales*; ou quando da descrição do círculo intelectual em torno de Febvre (DOSSE, 2003, p. 75).

Enquanto o paradigma tem um papel bem determinado dentro da obra, é necessário entender a razão de certas modificações apresentadas, principalmente quando são analisadas as obras de Bloch e Febvre. Elas não contradizem o que já foi dito até aqui do funcionamento do paradigma atribuído na obra, pois além de serem fruto de outras relações, exteriores a ele, partem de uma característica estratégica já atribuída por Dosse a esse paradigma. Nesse caso específico, segue-se a lógica estratégica designada

aos *Annales* de forma geral, de assimilação do que há a sua volta, como estratégia de fortalecimento e ascensão institucional.

Os paradigmas têm, portanto, uma relação estreita com a dimensão estratégica apresentada na obra. Além dessa dimensão estratégica como parte de sua constituição fundamental, pois se trata de uma predisposição universal do paradigma frente ao seu ambiente, o que promove o dinamismo nesse sentido é o jogo de ação e reação entre os intelectuais, o que envolve indiretamente os paradigmas.

Eles modificam-se pela influência originada da interação entre eles. Internamente, não há elementos responsáveis por tais vicissitudes, logo, o embate entre paradigmas dá-se com a garantia de que não há grandes agitações em seu interior. É, portanto, no nível das confrontações entre paradigmas que reside grande parte do que é narrado por Dosse. Logicamente que a reconstrução dos contextos intelectuais, em seu detalhamento, não é posta de lado, mas é secundária com relação à descrição das vulnerabilidades e vantagens que um paradigma assume com relação aos outros; essa é a grande identidade da obra: o constante mapeamento estratégico dos diferentes momentos considerados pela pesquisa na *História em Migalhas*.

Em resumo, com relação às passagens e situações mais significativas que compõem a argumentação e a trama apresentadas na *História em Migalhas*, a construção do paradigma sempre atinge um estado acabado, ao final de sua descrição. Ela, na maior parte das vezes, é atribuída a um indivíduo que surge como seu representante categórico, apesar de ser receptor de influências provenientes das idéias de seus pares intelectuais.

Quando é o caso de um paradigma ser representado por um grupo de intelectuais e pesquisadores, como a escola metódica, são citados, ao máximo, alguns poucos representantes, mas nunca o estudo se desenrola a ponto de um detalhamento da literatura em questão, ou em vista do jogo de influências e oposições internas.

Além disso, existe outra característica proeminente na *História em Migalhas* que marca sua particularidade e é continuada na *História do Estruturalismo*. Os autores - principalmente os historiadores em destaque na obra - desempenham o papel de empreendedores na difusão e hegemonia de um paradigma, cujo maior exemplo é Braudel. Tal característica será exposta com maiores detalhes no capítulo posterior.

Como conclusão a respeito das perspectivas que envolvem o papel do paradigma dentro da *História em Migalhas*, a grande questão que sobressai é a idéia de que muitas vezes um único e consolidado paradigma seja capaz de representar na totalidade um grupo intelectual, como a escola metódica, a geografia vidaliana, cada uma das gerações dos *Annales*, por exemplo. O movimento do genérico ao particular é também algumas vezes presente e ele se apresenta poucas vezes de forma conflituosa, como no caso entre Bloch e Febvre, quando fazem críticas mútuas aos seus métodos - os dois são, porém, sempre nomeados como pais fundadores. Nesse sentido, há uma hierarquia na determinação dos sentidos nessa obra de Dosse. Primeiro sempre manifesta-se a esfera do paradigma, o que determina o sucesso ou fracasso das disciplinas.

Essa via de sentido, que parte do paradigma é o movimento mais frequente dentro da obra e o seu cadenciamento determina o ritmo narrativo da obra. O sentido inverso não se suprime, mas não assume a mesma evidência nem a mesma importância que o outro; é dependente, inclusive, de algumas características do paradigma. Ele aparece nos momentos em que há abertura da disciplina às influências das outras disciplinas - mas nunca internamente - e é preciso entender como se dá essa relação, pois ocorre de uma forma bem precisa e é o ponto que marca bem as diferenças entre a *História em Migalhas* e a *História do Estruturalismo*.

Ao analisar com maiores detalhes os momentos de interação entre os paradigmas e as vicissitudes provenientes daí, fica evidente que os paradigmas que sofrem qualquer tipo de alteração são aqueles os quais Dosse já havia apontado uma característica

estratégica fundamental em sua constituição: a predisposição para incorporar características de outras disciplinas.

Os paradigmas que não assumem essa intenção como estratégia, não modificam os seus atributos essenciais. Permanecem inertes; ou seja, assume-se implicitamente que uma disciplina só está sujeita a alterações quando incorporam as características de outras. Sozinha, a disciplina não apresenta historicidade. Outra característica evidente na obra é que na maior parte das vezes, na *História em Migalhas*, o paradigma tende a receber a esfera de influência de um intelectual, mais do que de um grupo, pois o foco do estudo de Dosse recai na maior parte sobre Bloch, Febvre e Braudel.

Em geral, o pertencimento a um grupo intelectual é corroborado pela idéia de sempre haver coesão dentro de um paradigma mais genérico. O caso principal, como foi visto, é o de Braudel; ele mesmo pode ser considerado a própria segunda geração dos *Annales* e é nele que o paradigma aparece como objeto privilegiado, capaz de sintetizar toda a sua produção intelectual.

1.2.2 A estratégia do paradigma e o elo com a prática institucional

Um aspecto fundamental na obra de Dosse é a conjunção entre paradigma e estratégia. A todo o momento são vinculadas à descrição de um paradigma, características que são próprias para a interação com outros paradigmas, as quais contam de forma decisiva para o seu sucesso ou fracasso. A estratégia, de fato é nesse caso específico, o elo tecido entre paradigma e a realidade social e institucional. Ele projeta, decerto, uma motivação que posiciona o intelectual frente ao cenário intelectual e em relação aos outros paradigmas rivais.

A estratégia não se contém somente no nível do paradigma, mas é resultado também do gênio e da habilidade empreendedora de certos intelectuais que se destacam

e tomam a liderança das propostas delineadas junto a seus paradigmas. Alguns casos que se destacam na *História em Migalhas*, como Henri Berr, Febvre e, especialmente, Braudel, são representativos desse fato. Surge dos objetivos estratégicos, contidos já na descrição de seus paradigmas, a intenção de síntese com outras ciências, no caso, mantendo a prevalência da história. Essa se manifesta na criação de modos que permitam a consecução de tais objetivos, como a criação e gerenciamento de revistas acadêmicas, a ação sobre os meios universitários e institucionais e a busca por financiamento sobre projetos de pesquisa – este mais evidente com Braudel.

Dentro da obra há algumas estratégias que se repetem por diferentes paradigmas e são tidas como bem-sucedidas, como a ausência de rigidez dogmática, a abertura ao diálogo com outras disciplinas, o interesse em comandar uma possível síntese com outras disciplinas, o estigma assumido de vítima com relação a ataques vindos de uma disciplina rival, a relação com o poder e conseqüente difusão e presença nos meios institucionais – universidades, revistas, congressos, associações.

Na descrição dos diferentes paradigmas, Dosse elenca a presença ou ausência dessas estratégias: no caso da sociologia durkheiminiana, o fracasso é tido como resultado da rigidez dogmática³⁶; a escola metódica teve o sucesso em seu tempo de auge assegurado pela forte presença nos meios universitários, decorrente de sua ligação com os poderes nacionalistas vigentes, mas seu declínio vem, sobretudo, pelo seu isolamento com relação aos desafios lançados pelas novas ciências sociais.

Outra importante estratégia é a incorporação dos “conceitos, métodos e hipóteses” de outras ciências sociais, e esta está completamente associada com a estratégia de poder dos *Annales*, assim como afirma Dosse: “A empresa estratégica de Marc Bloch e

³⁶ “Na perspectiva da conquista de uma posição central e dominante, esse grupo de durkheiminianos dá provas de grande coesão, ligada a certa rigidez dogmática que fará fracassar seu projeto.” (p. 42)

Lucien Febvre passa pela recuperação de todas essas linguagens e códigos novos, meio indispensável para ganhar a batalha do poder” (DOSSE, 2003, p. 88).

O detalhe crucial aqui é o fato de se alinhar os paradigmas das outras ciências sociais para o terreno da história e não o inverso (DOSSE, 2003, p. 141). O fato inverso ocorre, porém, com a 3ª geração, o que retira o protagonismo e a identidade da história frente às outras ciências. O fato também de não assumir qualquer dogmatismo, facilita o movimento das outras ciências sociais para o núcleo de influência da história.

O resultado da estratégia de incorporação da antropologia por Braudel será a não ocorrência da guerra entre história e estruturalismo (DOSSE, 2003, p. 182). Na verdade, será assistido nos anos 80 a um “efeito Braudel”, que assegurará o sucesso dos *Annales* e o legado de um “patrimônio intelectual e institucional sem precedentes” (DOSSE, 2003, p. 232). Ele é o historiador que consegue agrupar personalidades aptas e evitar a influência das forças centrífugas sobre a história (DOSSE, 2003, p. 235). Seu sucesso é visto como algo incontestável por Dosse³⁷, como também será, paradoxalmente, o responsável pelo esfacelamento, na seqüência, do campo histórico. Isso decorre do fato dele anunciar a história imóvel e pela experiência de seu contato constante com as ciências sociais, permitindo o alinhamento inverso, da história com elas. Ao “decompor a unidade temporal, permitiu o estudo de objetos heterogêneos, a quebra do tempo, e conseqüentemente a história em migalhas” (DOSSE, 2003, p. 236).

De todas, a estratégia mais visível dos *Annales* é o combate contra o historicismo, fato que é tido como o responsável pela união, coesão e continuidade das outras ciências sociais sob a liderança da história. Nesse combate contra o historicismo temos como resultado o núcleo permanente do discurso dos *Annales*, para além de suas flutuações: a relativização ou, pelo menos, a recusa do relato factual e do relato político. Em

³⁷ “O efeito Braudel arrebatou a adesão maciça e o reconhecimento de que o conjunto da escola histórica francesa hoje se beneficia”. (DOSSE, 2003, p. 235).

contraposição, portanto, ao modelo existente e consolidado nas universidades, que terá, de acordo com o apontamento de Dosse, muito tempo ainda à frente para ser renovado, Bloch e Febvre propõem e consolidarão o relativismo subjetivo característico aos *Annales*, interrogando os fatos a partir de hipóteses (DOSSE, 2003, p. 87) e assumindo o presente como intermediação necessária e inevitável do passado.

É a partir dessa recusa que os *Annales* se definem como escola, superando a diversidade de seus componentes. Essa é a razão fundamental do sucesso e também é o que explica a sua continuidade até o tempo de escritura da *História em Migalhas*, passando por três gerações, cujos objetivos e paradigmas são mais caracterizados por suas diferenças do que semelhanças.

A metodologia de pesquisa adotada por Braudel a partir daí tem inspiração das *area studies* norte americanas e é isso que mais atrai a aprovação dos investimentos de Rockefeller³⁸ em 1955. A seção tem uma estrutura mais privilegiada que as universidades para responder às demandas sociais. Braudel é então considerado por Dosse um melhor construtor de instituições do que um teórico genial. Sua capacidade empreendedora, logo, é a razão do sucesso da história sobre a ameaça das ciências sociais.

A título de exemplo, na situação inversa, mas denotando essa mesma habilidade, aparece o grande empreendedor das ciências sociais antes de Levi-Strauss, Georges Gurvitch, quem passa de Estrasburgo para a Sorbonne em 1948 e quem está à frente da revista acadêmica *Cahiers Internationaux de Sociologie* (DOSSE, 2003, p. 155). É ele quem disputa com os historiadores as posições institucionais e as atenções dos investimentos do instituto Rockefeller. Mas a VI seção da EPHE acaba passando para a direção dos historiadores pelo sucesso maior das ações de Braudel.

³⁸ “Dotado de 60.000 dólares em 1955 por dois anos, aos quais será acrescido 80.000 em 1958, por três anos” (DOSSE, 2003, p. 191).

A estratégia abarca, também, algumas possibilidades de atuação como a penetração universitária e a atitude frente às rivais. Dosse é contundente ao desmistificar a postura de marginalidade de Bloch e Febvre, revelando que se não conquistaram posição na principal universidade da França, ao menos tiveram forte presença na que era considerada a segunda, Estrasburgo. (DOSSE, 2003, p. 72).

É possível, portanto, organizar a temporalidade presente na obra de Dosse da seguinte forma: há o núcleo interno do paradigma, que aparece em sua grande maioria como um elemento estático na obra e não sujeito a mudanças, após ser citado em sua formulação mais acabada; na seqüência, aparecem as estratégias e os movimentos institucionais, que são realmente os fatores de sucesso ou fracasso do paradigma; por fim, há a orientação estratégica que se mantém, perpassando todas as diferenças e sendo responsável, no caso, pela estabilidade da denominação *Annales*, muito mais do que a estrutura de seus paradigmas.

As características proeminentes de um paradigma, mais a estratégia bem posicionada, não se constituem na razão última do seu sucesso. Elas dependem de uma conjuntura favorável. Análoga a um processo de seleção natural, esta permite que um paradigma com uma estrutura bem adaptada ganhe proeminência nos meios institucionais, enquanto que outras tendem a perder força.

O cenário se abre favorável aos *Annales* quando o principal rival, a sociologia, fica desnorteada com a perda de seu líder, enquanto que a outra rival, a geografia, também se encontra enfraquecida.

Em síntese, pode-se afirmar que a primeira geração dos *Annales* é unificada muito mais pela estratégia viva e consolidada no interior de seu paradigma, do que propriamente por seus conteúdos. Já a segunda geração conta com a completa predominância de Braudel. Ele é o grande responsável em arquitetar a hegemonia dos

Annales, sendo considerado o elo de origem da terceira geração e responsável pela sua continuidade.

1.3 Origem e inovação

Dosse é assertivo ao identificar na *Revue de synthèse historique* de Henri Berr o início da história dos *Annales*³⁹ e essa é uma escolha que traz muitas informações a respeito do que realmente de fato significou a escola dos *Annales* dentro da historiografia. O pensamento de Henri Berr antecipa grande parte das principais idéias dos *Annales*, colocando em questão a sua genialidade e espontaneidade. São também traçadas outras influências na descrição das obras dos pais fundadores dos *Annales*, diga-se Marc Bloch e Lucien Febvre. Cabe, com isso, responder o que de fato é original nos *Annales*.

Como foi visto no tópico anterior, há várias frentes de influência provindas das outras disciplinas no núcleo originário dos *Annales*. Na parte da obra dedicada à pré-história dos *Annales*, há a indicação de uma série delas, além da revista de Henri Berr. É importante notar que elas são de aspectos distintos, podendo variar desde a reação a um desafio direto lançado por uma disciplina rival, até a presença em um determinado grupo intelectual. As características herdadas ou incorporadas também podem variar desde um elemento característico no paradigma a uma atitude estratégica – é importante lembrar que esses dois aspectos são inter-relacionados e muitas vezes se confundem na obra de Dosse.

A primeira a ser indicada na obra é o desafio lançado pela sociologia durkheiminiana. Este se deu de duas formas; uma com a retomada do seu programa pelos *Annales* e a outra com o seu objetivo de “tudo absorver” (DOSSE, 2003, p. 44), com

³⁹ “No sentido amplo, a história dos *Annales* começa aqui, a partir da aurora do século XX” (DOSSE, 2003, p. p. 67)

a diferença de que no caso dos *Annales*, será evitado o dogmatismo e, o principal, adotarão uma postura de marginalidade ao invés de um ataque frontal.

O desafio se torna ainda mais contundente com o desafio feito por François Simiand em 1903, lançando uma crítica dirigida à escola histórica metódica francesa, ao fazer uma analogia à metáfora de Bacon, na qual coloca a prática da história tradicional como o ídolo das tribos (DOSSE, 2003, p. 45 - 46). Além desse ataque direto, Simiand já havia publicado uma obra em oposição à Seignobos, lançada em 1901 na *Méthode historique appliquée aux sciences sociales*. (DOSSE, 2003, p. 45). Apesar dos ataques desferidos, Simiand é acusado por Dosse de ter cometido o erro tático de ter feito os jovens historiadores inovadores.

A revista de Henri Berr é a influência mais evidente sobre a criação dos *Annales*, pois ela é a experiência mais concreta de uma revista que se propõe a criticar a escola metódica e adotar o diálogo com as outras ciências sociais. É a sua não continuidade que abre espaço para a criação dos *Annales*, pois tanto Febvre quanto Bloch participaram ativamente dela e isso tornava suficiente esse tipo de experiência. Lendo as características atribuídas à revista, é possível encontrar praticamente todas aquelas que são próprias e decisivas aos *Annales*, como a busca pela história-síntese em uma perspectiva científica, retomando a pesquisa de leis e causalidade de Durkheim, mas sem se perder no privilégio excessivo aos fatos sociais (DOSSE, 2003, p. 67); a recusa a todo tipo de dogma ou quadro teórico muito rígido (DOSSE, 2003, p. 67); a renovação do elo perdido entre passado e presente (DOSSE, 2003, p. 67); o lugar de debate entre as diversas áreas das ciências humanas (DOSSE, 2003, p. 67).

A semelhança com os *Annales* é trazida por Dosse a ponto de comparar não somente as perspectivas metodológicas e científicas das duas revistas, mas equiparar os dois líderes, H. Berr e L. Febvre, quanto às perspectivas e objetivos, afirmando que

Febvre será o seu herdeiro, e também com relação aos seus primeiros insucessos na tentativa de associar-se às principais universidades.

Outro fato importante apontado por Dosse é o posicionamento favorável ao fato da habilidade de sintetizar diferentes métodos de pesquisa estar vinculado a não participação exclusiva a um núcleo de especialização disciplinar. Assim como afirma Dosse sobre Henri Berr, “esse franco-atirador, oriundo de outras áreas, está mais à vontade para se posicionar à margem das normas institucionais e corporativas, para reclamar que as barreiras caíam e que se realize uma síntese entre todos os esforços científicos (DOSSE, 2003, p. 67).

As grandes razões para o não sucesso da liderança de Berr é justamente aquilo que os *Annales* vão retomar com sucesso, após o aprenderem com sua experiência: a afirmação de que não tentou constituir uma escola ao seu redor, o que resultou em certo isolamento e na não sustentação de uma “estratégia de conquista de espaços e de ocupação das cátedras universitárias (DOSSE, 2003, p. 70).

Como afirma de forma categórica, Dosse: “A revolução das idéias estava feita, mas faltava o essencial, o apoio institucional para sua difusão”. (DOSSE, 2003, p. 70). Outra razão do fracasso é o abandono da causa por parte de seu líder. Após a primeira guerra, Berr recua em seus objetivos, adotando uma postura conservadora e nacionalista. É esse o momento de concepção do projeto da revista por parte de Febvre. (DOSSE, 2003, p. 70).

Anteriormente à fundação de fato da revista, é dada significativa importância à experiência intelectual de Bloch e Febvre em Estrasburgo, tanto que Dosse afirma, como projeto da revista, que “tenta-se, de certo modo, transpor o modelo de Estrasburgo a uma escala nacional” (DOSSE, 2003, p. 76). É possível notar que o lançamento da revista é, portanto, uma mera continuidade de experiências anteriores e de exemplos de empreendimentos semelhantes que fracassaram, como a revista de H. Berr, mas com

algo a mais, que é relacionado à sua eficiência em liderar as outras ciências sociais, em se adaptar às conjunturas históricas de seu tempo e em sua conquista dos meios institucionais e relacionamento com o poder. Tais características amealharam consideráveis investimentos, principalmente com a figura de Braudel.

É importante chamar a atenção novamente ao conceito de inovação aludido aqui. Em sua maior parte, Dosse ressalta as características externas à pesquisa e à estrutura de uma obra, tendo na dimensão institucional o campo decisivo da inovação. É o que fica explícito quando do questionamento se as obras de Lucien Febvre e Marc Bloch foram de fato inovadoras dentro da historiografia ou simples continuidade das propostas metodológicas esboçadas nas obras de Michelet⁴⁰ ou Voltaire, ao tomar a idéia de André Burguière, como fica explícito em sua citação: “(...) os *Annales* são mais originais pela maneira pela qual os iniciadores afirmaram o programa do que pelo próprio programa” (DOSSE, 2003, p. 141)

Há uma citação de Dosse que resume a sua concepção de inovação dedicada à escola dos *Annales*: “Marc Bloch e Lucien Febvre tornaram-se inovadores devido tanto ao sucesso estratégico quanto à herança que defendem, no difícil confronto com outras metodologias e outros conceitos, muitas vezes ligados a um aparelho de cientificidade mais avançado” (DOSSE, 2003, p. 145). A inovação também está relacionada à oposição à escola metódica, ao afirmar que é “pelo olhar dessa escola que se julga a ruptura epistemológica codificada pelos *Annales*” (DOSSE, 2003, p. 141).

A história dos *Annales* é, portanto, colocada em continuidade à herança de outros paradigmas. Essa é uma característica epistemológica fundamental na *História em Migalhas*. Além da descrição detalhada de cada paradigma, Dosse preocupa-se especialmente com as estratégias lançadas pelas respectivas comunidades, que são

⁴⁰ “Aquele cuja concepção de história aparece como o mais próximo dos *Annales*, sem o aparelho estatístico, com mais romantismo” (140).

fundamentais para a sua prevalência nos meios institucionais. Ademais, os movimentos gerados dentro dos paradigmas em desenvolvimento são motivados tendo-as em vista, os quais, assim, são justificados pelo autor. Localiza-se, portanto, nessa relação estreita entre o campo interno ao paradigma e os fatores externos do universo social de seus articuladores o sentido principal das articulações e dos desenvolvimentos epistemológicos descritos em sua obra.

A intenção final da obra de Dosse é mostrar que “o discurso dos *Annales* de hoje está, em muito pontos, em contradição, em oposição ao de Lucien Febvre e ao de Marc Bloch” (DOSSE, 2003, p. 145). O risco é o da história perder a sua identidade, e isso é consequência direta, ao seu ver, da estratégia de poder e de domínio sobre as outras ciências sociais. Essa motivação determina e justifica todos os argumentos e informações selecionadas em sua pesquisa.

Com efeito, o objetivo principal do estudo de Dosse na *História em Migalhas* é o de questionar a passagem inviolável e o desenvolvimento progressivo do paradigma de uma comunidade bem delimitada de pesquisadores à outra – as gerações dos *Annales* -, configurando o resultado e a tendência dessa herança como uma história em migalhas no lugar de uma recuperação incólume de todas as suas ponderações críticas e definições epistemológicas acerca do conhecimento histórico.

Resumindo, portanto, a estrutura da *História em Migalhas*: tem-se em primeiro lugar esse objetivo expresso por Dosse, que é um posicionamento extremamente crítico em relação à nova história. A história intelectual dos *Annales* enquadra-se dentro desse desígnio, o qual encontra embasamento na construção epistemológica da obra. Esta, por sua vez, tem como elemento chave a noção de paradigma, o qual orienta e dá coesão aos elementos selecionados e articulados, como as teorias, estratégias, autores, acontecimentos, publicações, etc... Tais elementos são o subproduto desses paradigmas e eles aparecem somente com a função de confirmá-los e justificá-los. A dinâmica dos

acontecimentos narrados gira em torno dos embates entre os paradigmas, sob o viés de duas orientações estratégicas, as quais visam prioritariamente o poder na tentativa de conquista posições nas instituições francesas.

CAPÍTULO 2 - A História do Estruturalismo - Orientações epistemológicas e historiográficas gerais

À primeira análise, fica evidente que a habilidade historiográfica de Dosse adquire novos padrões na obra *A História do Estruturalismo*. Apresentando diferenças significativas com relação à obra antecessora, analisada no capítulo anterior dessa dissertação, o objeto trabalhado é de maior complexidade, pois abrange uma quantidade maior de disciplinas, paradigmas, autores e obras, mesmo dentro de um escopo de tempo menor que a obra anterior. Não somente isso, a pesquisa de Dosse traz para a discussão elementos novos, os quais são identificados como fatores de influência significativa sobre os eventos intelectuais narrados, configurando um panorama metodológico original para a história intelectual.

Enquanto a *História em Migalhas* centra-se em um grupo de intelectuais, os intelectuais em torno dos *Annales*, permanecendo na maior parte das vezes dentro dos limites que competem à disciplina histórica, na *História do Estruturalismo* há a abertura à análise de várias disciplinas e à rede de inter-relações contínuas entre elas. Exige, portanto, uma avaliação muito mais detalhada e detida dos seus elementos historiográficos e epistemológicos, visto que as inter-relações se dão a partir de um número mais amplo de variáveis e se expandem a horizontes mais amplos de análise e compreensão.

Nesse caso, Dosse se depara com uma rede intelectual mais ampla de conexões, originária de elementos significativos para o entendimento do fenômeno intelectual em questão, tais como os paradigmas, as obras, os intelectuais, os encontros entre intelectuais e a experiência constitutiva desses relacionamentos, as intuições, os acontecimentos, os congressos, os objetivos e as motivações individuais.

Sem apenas atentar a realizar apenas uma análise sistêmica de toda essa rede, a obra assume, de fato, como principal diferencial metodológico a ação do tempo sobre os principais elementos considerados e sobre as suas inter-relações. Isso implica a tentativa de recuperar a maneira como cada elemento influencia e recebe a influência dos outros, em uma construção contínua de sentidos. Somente dessa forma torna-se possível a apreensão das diferenças, em nível dos paradigmas, entre momentos, espaços e situações distintas. A proeminência dessa característica historiográfica traz efeitos significativos no processo de construção e no resultado final da obra, evitando, dessa vez, certas abordagens categóricas.

Primeiramente, não propõe uma sistematização do processo histórico analisado, nem dos mecanismos epistemológicos desvelados em sua obra. Não chega, também, a uma definição final do principal paradigma analisado, o estruturalismo, mas sim se coloca a desvendar continuamente os seus elementos constitutivos, cambiantes de acordo com as diferentes influências recebidas ou articulações intelectuais. Não utiliza uma escala de análise fixa; as abordagens variam da perspectiva da micro-história a quadros mais gerais do contexto considerado.

Tendo em vista tais perspectivas e sem querer perder toda a riqueza intelectual que as perfazem, pretende-se como objetivo inicial a enumeração de formas de organização estruturais e de sentido, relevantes aos objetivos demarcados nessa pesquisa, quais sejam estes últimos: o fulcro epistemológico que orienta a capacidade analítica empregada na pesquisa, as suas particularidades historiográficas, os seus horizontes de compreensão e suas limitações e, por fim, quais perspectivas se abrem, a partir da obra, ao horizonte de pesquisa do historiador e do filósofo.

Devido à multiplicidade de referenciais e escalas utilizadas particularmente nessa obra de Dosse, serão apresentadas as diversas formas de organização epistemológica, historiográfica e narrativa. Todas elas aparecem como tendências, em torno das quais,

gravita toda a argumentação de Dosse. É importante reforçar que estas não se comportam como categorias engessadas, pois fluem conforme certas passagens significativas modificam-nas.

Uma pista importante da direção historiográfica empreendida por Dosse na obra *A História do Estruturalismo* é evidenciada logo na introdução, quando o autor identifica as principais razões do êxito espetacular do estruturalismo (DOSSE 2007, p.21). Ele está diretamente relacionado a sua habilidade singular de inter-relacionar qualidades epistemológicas com o contexto e o ambiente intelectual particular dos quais faz parte. Essa conclusão reflete o foco que ditará todo o desenvolvimento da pesquisa.

Além dessa forma específica de abordagem, a pesquisa é motivada pela vontade de Dosse de apreender dois temas relativos às disciplinas e movimentos intelectuais, em suas recorrências, na composição de uma história intelectual: o surgimento e a legitimação institucional de um paradigma, de um lado, a sua crise e dissolução de outro; tais noções encontrar-se-ão, muitas vezes, imbricadas.

Com relação a esse ponto, uma observação se faz necessária. Na obra se apresentam duas dimensões de análise que se influenciam mutuamente. De um lado, há, como já foi mencionado, a análise diacrônica baseada nas inter-relações dos diversos elementos considerados sob efeito do tempo, somados às motivações dos intelectuais. Mas também, junto a essa condição historiográfica, há a coexistência dos sentidos que são constitutivos dos paradigmas, os quais levam a momentos de avaliação sincrônica.

Dá-se como consequência dessa orientação o aparecimento do componente estratégico, que, como foi visto na análise da *História em Migalhas*, insere na obra a avaliação das articulações possíveis entre paradigmas, autores e instituições, em torno de uma disputa de poder, do lado dos indivíduos, e de hegemonia e sobrevivência, do lado dos paradigmas. É do encontro desses dois aspectos que se explicam grande parte dos acontecimentos envolvendo o estruturalismo.

Enquanto essa é a faceta mais objetiva da pesquisa de Dosse, pois apresenta um alto nível de recorrência na obra, há também espaço para os eventos acidentais e ocasionais, os quais muitas vezes influenciam de forma decisiva elementos de grande significância na pesquisa, como por exemplo os paradigmas. Eles cumprem um papel importante, pois evitam uma abordagem teleológica e determinista e abrem espaço para uma melhor apreensão do imprevisível e do indeterminado.

De forma geral, três aspectos são, portanto, centrais na obra: o da gênese dos elementos teóricos que compõem o estruturalismo em suas diversas fases, as razões para o sucesso ou insucesso das idéias desenvolvidas pelos personagens de sua obra e o embate e a crise dos paradigmas já instalados no campo intelectual, seja pela via da afirmação institucional ou seja pela defesa dos grupos de intelectuais. São estes três aspectos que na seqüência tem maior influência sobre o ritmo e o sentido de análise de Dosse. É de entremeio a essa esquematização que aparecerão as diferentes formas de apreensão dos fenômenos considerados, da micro-história à análise da coerência de conceitos e idéias dentro dos movimentos de maior amplitude.

Uma discussão detalhada da obra de Dosse obriga a interação e o aprofundamento em campos como o epistemológico, o historiográfico (na acepção teórica), a contextualização histórica (na acepção descritiva e narrativa), o institucional (incluindo os grupos de pesquisa) e o estratégico - este último, como foi visto na análise da obra *História em Migalhas*, assume uma dimensão fundamental dentro da pesquisa historiográfica de Dosse. Sendo assim, todos eles serão detalhados na seqüência. A composição do livro apresenta várias situações nas quais se destacam um ou outro campo.

2.1 Origens e significados iniciais.

Por esse motivo, vale primeiramente destacar aqui os assuntos epistemológicos e historiográficos mais importantes, os quais constituem propriamente os conteúdos abordados por Dosse: o método estruturalista, cujo rigor "poderia trazer esperanças a respeito de certos progressos decisivos no rumo da ciência" (DOSSE 2007, p.21) enquadrado dentro do momento de desenvolvimento das ciências sociais no momento de sua busca de critérios de cientificidade; a sua inserção dentro de um contexto mais global dentro da história das idéias, marcado por uma "progressiva tendência do Ocidente para uma temporalidade moderada" (DOSSE 2007, p.21) em conjunção com o período exato que configura a sua aparição, qualificado como "o tempo forte da consciência crítica" (DOSSE 2007, p.21); o seu posicionamento contestador, contrário ao que existia de tradicional nas instituições acadêmicas francesas; o nível estratégico das manifestações intelectuais, apresentado em três níveis distintos, com os embates entre os intelectuais, grupos e instituições. O conjunto de tais conteúdos é entendido por Dosse como fator responsável pela atração de tantos intelectuais em torno do programa estruturalista e, conseqüentemente por seu sucesso.

Dosse, logo no final do primeiro volume, descreve o cenário intelectual europeu dentro de uma perspectiva mais ampla, a fim de trazer entendimento sobre os motivos da ascensão do estruturalismo. Nela vê-se uma clara ruptura com a noção de progresso proveniente de autores que marcaram o pensamento Europeu, como Saint-Simon, Spencer, Comte e Marx. Alguns dos acontecimentos históricos do início do séc. XX são cruciais para se compreender tal mudança. As guerras e o movimento de descolonização evidenciarão uma Europa em fratura e com a sua hegemonia totalmente comprometida. Isso explica uma tendência à presentificação do passado em lugar de um presente como antecipação de um futuro; ou seja, uma nova relação com a temporalidade e historicidade (DOSSE 2007, p.448).

Se finda, portanto, uma visão teleológica da história e do racionalismo ocidental. É inaugurado o interesse pelos seus reversos, ou seja, a busca da consciência em torno de si e pelo outro e da passividade histórica e da incompletude do homem. Em decorrência da complexificação do social e da incapacidade para captar uma lógica unificadora, a visão de mundo contida no paradigma estruturalista voltou-se para a face oculta do real, “deslocamento do positivismo para o outro lado do espelho”. (DOSSE 2007, p.460). Esse motivo é fundamental para a constituição do estruturalismo, pois a busca pelos mecanismos por trás da aparência e da experiência, que sejam determinantes destas, é uma das características principais do estruturalismo.

Essa mudança será necessária também para a constituição e aceitação do paradigma estruturalista, pois a sua perspectiva é justamente essa, retirar a história e o sujeito dos quadros de análise, justamente para buscar os mecanismos por trás dos fenômenos culturais e sociais, muitas vezes para encontrar uma estrutura universal e fixa. Dosse também elucida questões relacionadas às origens do estruturalismo, cujas raízes intelectuais são definidas na herança de uma filosofia nietzscheana-heideggeriana, restando a única diferença na forma de anti-humanismo praticado por um e por outro (DOSSE 2007, p.472).

Além da genealogia nietzscheana, que configura uma alternativa na busca filosófica pela verdade, baseada na reconstrução de “cadeias significantes ininterruptas das sucessivas interpretações (...) a partir de descontinuidades, de sintomas, faltas” (DOSSE 2007, p.470), a idéia de epistemes descontínuas, a questão da fala residir na linguagem e não no homem e a idéia de que o homem está separado de toda a forma de essência e oculto a si mesmo são exemplos de conceitos herdados diretamente na constituição das idéias dos principais intelectuais do estruturalismo, ou seja, dos próprios paradigmas disciplinares que compõem o todo do paradigma estruturalista.

Outra característica que favorece o surgimento do estruturalismo é o estabelecimento da sociedade tecnocrática; é o reflexo da “ideologia da coerção, do peso do estrutural sobre a liberdade humana reduzida à aquisição de bens, que seria o reflexo do consumismo em que o cidadão cede o lugar ao usuário” (DOSSE 2007, p.455). Em resumo, o estruturalismo “seria a expressão de um momento histórico muito particular, de uma conjuntura marcada pelo imobilismo político e pela consolidação dos sistemas (DOSSE 2007, p.455).

Essa última marca, reflete-se na própria espacialização da temporalidade, assim como a própria razão, no momento em que “ela não se pensa como reflexo, mas como figuras sucessivas e descontínuas de estruturas diferentes” (DOSSE 2007, p.453). Nessa nova realidade, as estruturas concomitantes coexistem sem correlação, de forma segmentada e desarticulada, o que libera qualquer rigidez teórica por uma interrelação ou conexão mais completa e ampla dos fenômenos estudados pelas ciências sociais - é o caso clássico configurado na historiografia com as diferentes durações em Braudel, por exemplo.

O interesse concentra-se somente nas relações entre os signos no interior de uma estrutura. Esta última é o que delimita o olhar proveniente do paradigma, é o horizonte de análise e compreensão permitido ao estruturalista, ou seja, sua *Gestalt* particular⁴¹.

O que era colocado como original à historiografia é, agora, reduzido à simples recordação dos signos que persistem no presente e que remetem uns aos outros (DOSSE 2007, p.456). É o momento de profusão de discursos múltiplos sem sujeito, mas compondo jogos de linguagens (DOSSE 2007, p.458), tendo como base especulativa o modelo científico próprio da linguística e da semiótica. Mas, para além dessa base comum, no que concerne a sua aplicação, pode-se afirmar que o interesse dos

⁴¹ Com relação à empregabilidade desse termo dentro da Filosofia da Ciência, ver a obra de Thomas S. Kuhn, *A Estrutura das Revoluções Científicas*.

pesquisadores se isola em dimensões provinciais, fruto da falta de interconexão entre as estruturas (apesar disto ocorrer no nível conceitual) conforme observado acima.

O sentido de identidade do paradigma estruturalista é esclarecido por Dosse no prefácio do 2º livro como “um certo olhar e muitas permutas conceituais” (DOSSE 2007, vol II, p.13). Fato que revela uma agregação em torno da percepção de composições fechadas, mas sem perder a abertura à idéias, conceitos e ferramentas de análise. Enquanto nesse caso o nível de permutas não afere necessariamente o da percepção do todo, este último se mantém como permanência dentro do desenvolvimento do estruturalismo. Como será visto em maiores detalhes, há uma certa convivência estabelecida entre o sincrônico e o diacrônico, cindida e revelada na própria diferenciação afirmada por Dosse e analisada acima.

No que diz respeito ao sincrônico, em toda a obra de Dosse fica evidente a idéia da recorrência das idéias, que vão sendo retomadas pelos intelectuais de outras disciplinas, sendo algumas mais perenes que outras, como o caso das orientações linguísticas de Saussure. Ao mesmo tempo que, com o passar do tempo, sofrem a influência de determinados fatores, que serão indicados na seqüência dessa dissertação, sendo, portanto reformuladas e reorientadas a novos sentidos e objetivos, de acordo com dois níveis de abordagem, que marcam os tópicos da construção da *História do Estruturalismo*. São estes, o plano das idéias, marcados por grandes orientações teóricas, capazes de atuar como tendências responsáveis pelo sucesso ou fracasso dos discursos teóricos dos intelectuais apresentados na obra e o planos dos agentes intelectuais.

Com relação a esse primeiro aspecto, cumpre destacar o forte papel de uma forma de “seleção natural”, perpetrada por Dosse sobre a figura de certos paradigmas que dominam o universo intelectual sob o termo de uma geração. Por outro lado, tem-se concomitantemente, o plano marcado pelo posicionamento dos intelectuais, com seus objetivos teóricos e institucionais. O encontro desses dois planos configura a dinâmica

historiográfica da obra, marcando a sua narrativa e suas sínteses. A alternância entre elas dá-se em decorrência do ritmo e das escalas de análise utilizadas.

Além de tais aspectos, próprios aos elementos epistemológicos, historiográficos e ao entorno do paradigma, o estruturalismo analisado por Dosse pode ser dividido em vários momentos, analisados sob a perspectiva sincrônica, como grandes camadas. Mas além dessa, que no fundo não deixa de configurar na seqüência uma diacrônia, dentro de uma perspectiva mais ampla, condicionada à rupturas mais acentuadas e imediatas, às vezes não processuais, é possível fazer a distinção entre cada tipo de estruturalismo exposto na obra. Estes são conformados de acordo com os principais autores considerados, como Lévi-Strauss, Lacan e Foucault⁴².

Para além da dinâmica dos objetos centrais, os paradigmas, há um outro nível de organização que é possível de ser descrito como elemento narrativo, o qual interage com eles seguindo o encadamento de uma cadeia holística de sentidos. São eles: o próprio nível dos autores, compreendendo as suas motivações e os relacionamentos; o nível das inter-relações, quando ocorrem os movimentos institucionais e a captação de idéias entre os autores; o nível das idéias e dos conceitos sob a perspectiva do estruturalismo, cuja apreciação isolada, após a leitura da obra, pode ser esquematizada dentro de um sentido lógico próprio.

Com relação aos eventos descritos, há sempre uma sincronia implícita com as orientações teóricas mais abrangentes, na qual Dosse sempre realiza confrontações ou corroborações do que descreve em sua análise micro. Nesse sentido, não toma os autores de forma isolada ou os acontecimentos descritos, mas sim os insere dentro de um cenário mais amplo, que por sua vez, tem o seu próprio ritmo de desenvolvimento.

⁴² De acordo como esse exemplo, o caso de Lévi-Strauss e Lacan, as especulações se fazem ao nível do sujeito, enquanto que em Foucault é priorizado a sociedade e a cultura.

Nesse ponto, encontram-se certas uniformidades e oposições que são determinadas em consonância a contextos históricos mais amplos, relacionados anteriormente. Dessa forma, a eleição como historiador da filosofia no Collège de France, é sempre explicada como algo sintomático ao período. Tomando-se como exemplo, no caso, o início da década de 50, do ingresso de Martial Guérault em detrimento de Alexandre Koyré (DOSSE 2007,p. 125).

Seguindo tal exemplo mais de perto, a tendência por trás da eleição se reafirma pelas características nascentes do estruturalismo, como o próprio método Guérault o é indicativo. Seu método de abordagem e compreensão dos textos filosóficos, vai servir de guia para toda uma geração – “vai constituir para muitos filósofos a própria base de sua formação filosófica. Esse é o caso da jovem geração do final da década de 1960” (DOSSE 2007,p. 127). Sua abordagem é inclusive colocada por Dosse como a origem de muitos aspectos da noção de episteme de Foucault, pois considera a estrutura do texto filosófico em sua própria coerência interna, perfazendo um corte com a sua raiz histórica.

Essa supressão da referência e da representação da realidade, entra em conjugação com a leitura feita de Saussure pelo movimento estruturalista (DOSSE 2007,p. 127), o que reforça a sua aceitação. Ademais, é subtraído o sujeito por trás do discurso filosófico, o que se coaduna com a supressão da consciência enunciativa nas lingüísticas de Saussure e Hjelmslev. Enquanto que Koyré andava na contra-corrente dessas tendências mais gerais, com uma orientação próxima ao dos desenvolvimentos mais recentes da escola dos *Annales*.

Não somente o seu método de leitura integradora, mas o foco nos conceitos, permitiu uma leitura descontinuista da história da filosofia, a qual será continuada por Foucault. Além dele originar esse, por assim dizer, programa de pesquisa, será responsável também pela preocupação comum das disciplinas, na primeira fase do estruturalismo, com as suas próprias características epistemológicas: “sobre o seu objeto,

sobre a validade dos seus conceitos, sua ambição científica” (DOSSE 2007,p. 129). Essa nova orientação, iniciada em decorrência da influência de Guérault, vai contra a sua própria intenção, pois é responsável pela propensão dos cientistas em abandonar a filosofia em nome das ciências humanas, “à maneira de Lévi-Strauss” (DOSSE 2007, p. 129).

Além da descrição do seu pensamento, Dosse coloca como propósito de Guérault evitar que “a filosofia se dissolva no campo das ciências humanas” (DOSSE 2007, p. 128). Para isso desenvolve um “estruturalismo filosófico” em defesa da realidade autônoma dos sistemas filosóficos (DOSSE 2007, p. 128). O que também não deixa de ser um posicionamento estratégico, frente ao que estava ameaçando a filosofia.

Os fatos narrados acima são um caso típico dentro da *História do Estruturalismo*, o qual ilustra o nível de inter-relação entre os paradigmas e os eventos concretos narrados. O principal objetivo assumido de Dosse é o de perscrutar as bases fundamentais dos conteúdos disciplinares ou conceituais que são transversais aos diversos momentos e áreas disciplinares do movimento estruturalista. Nelas, investiga certas características que envolvem desde o conteúdo a sua forma de difusão. Não há somente conceitos e idéias inertes, mas uma grande orientação em torno da maneira como elas são posicionadas dentro do cenário intelectual.

Paralelamente a essa avaliação mais experimental e pragmática, a qual envolve uma caracterização mais funcional dos diversos elementos que compõem a sua história, é possível sistematizar um segundo esquema de análise em Dosse, seguindo o seguinte padrão presente na obra: avaliar os conceitos chaves e os sentidos responsáveis para o sucesso ou fracasso de um conceito, uma idéia ou técnica; caracterizar os autores formadores de conteúdo, os intermediários e aqueles que desempenham essas duas funções ao mesmo tempo; considerar os reflexos mais amplos das discussões e eventos na opinião pública e na mídia e seus efeitos consequentes; e por último, a conexão entre

esses fatores e os acontecimentos de maior magnitude, como o levante estudantil de maio de 1968, por exemplo⁴³.

Para além da ampla contextualização e análise das filiações de ordem filosófica, é possível afirmar com base na ampla variedade de organizações categoriais possíveis, que o objetivo de Dosse não é simplesmente perfazer uma história linear e com a aferição de sentidos somente descritivos, mas de recuperar os diversos momentos, em sua complexidade e a partir de significados provenientes de contextos históricos mais amplos – por isso o recurso à micro-história adquire aqui um papel fundamental -, do campo das ciências humanas relacioandas ao estruturalismo.

Para tanto, assume o propósito de que há uma interdependência muito grande entre as diversas ciências humanas⁴⁴, particularmente no período estudado, a qual cumpre o papel de espaço de compartilhamento entre os diversos paradigmas. Fenômeno esse que, além de pressupor a aceitação, no nível epistemológico, da comensurabilidade entre paradigmas, é condição *sine qua non* de qualquer possibilidade de existência de um movimento da amplitude do estruturalismo.

Antes de discutir os principais fatos apresentados na *História do Estruturalismo*, serão considerados, portanto, certos aspectos fundamentais referentes às estruturas epistemológicas da obra, como as categorias empregadas – o que inclui o conceito e a forma de abordagem histórica do autor – e algumas noções próprias à literatura da filosofia da ciência, dentre elas a noção de paradigmas, de crise, de inovação, de comensurabilidade entre as linguagens teóricas, de comunidades de pesquisa, de aprendizagem e conversão.

⁴³ Como exemplo a ilustrar o perfil autoral descrito acima, Hjelmslev seria um formador de idéias e conceitos, Barthes e Greimas intermediários, mas também criadores de conceito. Há também o grupo dos opositores – um exemplo seria Martinet - e as universidades periféricas, por um lado como as receptoras e defensoras dessas idéias.

⁴⁴ “As condições sociais do aparecimento e de transformação de uma teoria como o estruturalismo podem ser parcialmente elucidada pelos contatos interdisciplinares no interior do campo de pesquisa e do ensino(...)”(DOSSE 2007,p. 479).

Vários exemplos representativos dessas configurações podem ser selecionados na obra de Dosse, principalmente no que concerne aos autores tidos por ele como os mais significativos. A maneira como elas aparecem é crucial para o entendimento mais profundo da obra, ao serem consideradas variações entre um estudo sistemático, atido a padrões de análise, e a liberdade e a flexibilidade em priorizar configurações epistemológicas e estruturas de análise diferenciadas para cada autor ou situação constituinte da obra. A título de exemplo, pode-se considerar o caso de Levi-Strauss, em cuja trajetória todos os elementos supracitados estão presentes.

Vale ressaltar aqui mais um aspecto fundamental sobre a obra. Há um propósito expresso por Dosse no estudo detalhado do estruturalismo, o de evitar que as produções intelectuais posteriores a sua crise não recaiam nas mesmas armadilha evitadas pelo estruturalismo, "daí a necessidade de lhe restituir toda a riqueza, toda a fecundidade, antes de estabelecer-lhe os limites" (DOSSE 2007, p.25), o que implica que todo fenômeno de recorrência e todo movimento intelectual posterior tenham incorporado um olhar diferenciado, "a tal ponto que não é mais possível pensar como se essa revolução nunca tivesse ocorrido" (DOSSE 2007, p.25).

É necessário levantar uma outra questão em relação a esse aspecto, a da atuação e da função do esquecimento na história humana, o que obriga a pensar o caso inevitável de um grupo ou indivíduo não considerar ou não ter tido a oportunidade de acessar uma corrente de pensamento, o que implicaria na insegurança em se comprovar que um movimento intelectual, que suceda outros, traga necessariamente dentro de si as experiências dos anteriores.

Em função dessa impossibilidade se faz necessária a história, com o ímpeto de recuperar sem cometer anacronismos, quando possível, as experiências passadas. A intenção de Dosse enquadra-se dentro dessa perspectiva, a de colocar em evidência toda a contribuição e os limites do movimento intelectual em questão.

2.1 A noção de programa e a temporalidade

Vale ressaltar inicialmente alguns aspectos fundamentais, no nível conceitual, relacionados com os termos utilizados por Dosse. Primeiramente, a utilização do termo "programa" (DOSSE 2007, p.21) para caracterizar o estruturalismo é extremamente relevante e traz muitos significados, não sendo usado inocentemente em sua obra. Ela ilustra muito bem a forma como o referido objeto de estudo é considerado em sua pesquisa⁴⁵.

A idéia ilustra justamente o alargamento e flexibilização do conceito de paradigma anteriormente utilizado na *História e Migalhas*, cuja acepção mais estreita e isolada se depreende de uma análise mais descritiva e redutível, na maior parte das vezes, a uma única estrutura temporal quando Dosse traz, naquele caso, os autores como o principal referencial de análise e não os conteúdos narrados.

A análise mais abrangente do meio intelectual, que já era considerada na *História em Migalhas*, além de restituir a riqueza das redes intelectuais e o processo de transformação do pensamento dos autores, tem o mérito de evitar qualquer presunção de que as novas disciplinas surjam do nada, conforme a afirmação particular de Dosse a respeito do estruturalismo na antropologia: "o estruturalismo em antropologia não nasceu, contudo, por geração espontânea do cérebro de um cientista. É a resultante de uma situação particular da antropologia nascente e, de um modo mais amplo, do avanço do conceito de ciência no domínio do estudo das sociedades" (DOSSE 2007, p.42).

Além da noção de programa, colocada aqui como parâmetro de análise para melhor ilustrar as características epistemológicas presentes na obra de Dosse, a qual

⁴⁵ A semelhança com a idéia de programas de pesquisa de Lakatos é extremamente pertinente, pois muitas semelhanças podem ser apontadas, como também uma diferenciação sistemática com a noção de paradigma de Kuhn, de caráter bem mais fechado ao que é apresentado por Lakatos, o que permite a interação de paradigmas que seriam isolados, em Kuhn, por efeito do fenômeno da incomensurabilidade

induz a pensar a produção científica e especulativa como uma atividade intelectual coletiva aberta e a fazer⁴⁶, não se perde a perspectiva colocada por Dosse da bilateralidade da relação entre dois autores, nem as influências provenientes de encontros acidentais ou casuais.

Ela abre, portanto, espaço para a análise de intermediações que são objetos próprios do estudo da hermenêutica, dos quais Dosse fará constante utilização, como questões relativas à autoria, à obra e os efeitos decorrentes a ela, como a forma de interpretação do público leitor, cotendo questões desde a simples corroboração ou os males-entendidos possíveis; à recorrência e reinterpretação de idéias e conceitos; dentre outras.

A abertura possibilitada pela noção de programa torna possível, também, entender as relações entre os paradigmas assumindo a viabilidade da existência de uma comensurabilidade. Sem esta, não seria factível conceber influências recíprocas no nível das idéias, o que é uma exigência imprescindível, pois a maior parte das interações no nível intelectual na obra de Dosse é justificada por um relacionamento interpessoal concreto, demonstrado por meio de relatos históricos e colaborações documentadas.

Não se faz necessário detalhar a historicidade do conceito estrutura, da forma como Dosse o faz na introdução (DOSSE 2007, p.24), ou nos momentos nos quais se aproveita para aprofundar sobre essa questão, como o caso em que afirma a primeira utilização do termo estruturalismo, feito por Jakobson em 1928 (DOSSE 2007, p.83), pois o que se levanta aqui como mais importante não são as particularidades do conceito, mas a forma como esse se lança sobre o universo intelectual e a maneira como é tratado pelo autor. A nomeação não se torna, porém, crucial para o surgimento e a operacionalização do paradigma estruturalista, pois antes mesmo que seja propriamente mencionada, “a

⁴⁶ Diferentemente do estado de ciência normal na obra de Kuhn que fecha o paradigma às inovações e o cerca de previsibilidade (KUHN 1967).

referência às estruturas se torna onipresente nas ciências humanas” (DOSSE 2007, p.237).

Com relação ao próprio objeto estudo e ao que o seu conceito expressa, pode-se afirmar que, a título de compreender o sentido da origem do termo que resulta em sua impregnação futura, as noções de sistema e estrutura estão vinculadas “ao conjunto das mutações científicas das diversas disciplinas na virada do século, principalmente à sua capacidade para explicar a interdependência dos elementos constitutivos do seu objeto próprio”. (DOSSE 2007)

A periodização da *História do Estruturalismo* é separada em duas realidades, uma de progresso, com auge no ano de 1966 (DOSSE 2007, p.26), outra de refluxo. Para além dessa divisão principal, Dosse distingue várias outras temporalidades, como o tempo das investigações universitárias, que se prolonga para além da produção intelectual do núcleo estruturalista. Há também as defasagens entre as diferentes disciplinas, que talvez é um dos aspectos mais interessantes sobre o ponto de vista epistemológico, pois revela muitas das orientações particulares com relação à filosofia do conhecimento utilizadas por Dosse em sua pesquisa, pois apresenta na própria prática da pesquisa a sua noção de comensurabilidade, de visão sincrônica e diacrônica.

Destaca-se aqui, ainda com relação à periodização e as defasagens nos diferentes níveis sociais, próprias do fenômenos históricos, duas histórias. A do paradigma sob a perspectiva interna, de seus autores, e outra referente a sua percepção e recepção, como fica evidente no descompasso entre o momento de retração da afirmação do estruturalismo e entre os seus autores, coincidente com o momento de exaltação de sua unidade por parte da mídia. Como resultado disso ver-se-á, de acordo com Dosse, uma banalização do movimento, resultando em uma dominância silenciosa nas ciências sociais (DOSSE 2007, vol II, p.14).

Fora dos domínios específicos do estruturalismo e considerando o ambiente mais macro da contextualização histórica, Dosse concede importância fundamental à momentos cruciais da história social e cultural francesa, como é o caso de Maio de 1964, que mudou muito da sensibilidade em sua época, contribuindo veementemente para as alterações correspondentes ou contraditórias no ambiente acadêmico e intelectual. São todos esses níveis de interação, colocados sobre diferentes escalas de análise temporal e dentro dos limites das noções epistemológicas de Dosse, a marca principal da *História do Estruturalismo*.

2.2 Os elementos do paradigma estruturalista

Para demonstrar com maior profundidade e de maneira concreta os diferentes níveis de análise utilizados por Dosse, convém avaliar um pouco a mais a composição do paradigma estruturalista. À primeira abordagem do tema, expressa-se a intenção de suprimir o caráter ideológico responsável pela redução de qualquer elemento considerado aos significados apreensíveis na categoria estruturalismo. Por isso, Dosse afirma a intenção de perscrutar os "estruturalismos por trás do rótulo estruturalista" (DOSSE 2007, p.25).

Tais "estruturalismos" podem ser aqui definidos como pólos de convergência, nos quais um paradigma ganha proeminência ao atrair um grupo de intelectuais ou pelo efeito de um único autor, capaz de marcar o cenário intelectual por meio de sua esfera de influência.

O termo utilizado para definir esses diversos pólos de convergência, sem reduzi-los, porém, a uma pertença absoluta a um paradigma⁴⁷, é definido como "Compromissos essenciais, tanto teóricos quanto disciplinares" (DOSSE 2007, p.25). Com relação a esse

⁴⁷ Esse seria o caso clássico presente na obra *A Estrutura das Revoluções Científicas*.

ponto, verifica-se uma abertura à diversas experiências, mas sem perder o rumo da órbita que rotule o conjunto de idéias de um intelectual ou grupo como estruturalista.

Apesar de suas ramificações, há uma unidade que organiza e define os principais sentidos do estruturalismo. Esta se dá pela existência de um núcleo epistemológico, o qual tem sua própria história, ficando evidenciada em diversos momentos na obra. No caso, o estruturalismo é definido como algo maior que um método e menor que uma filosofia (DOSSE 2007, p.81).

Mas a principal razão para o seu sucesso esplendoroso é, na conclusão de Dosse, a incapacidade de classificá-lo em um gênero específico, o que “permite conquistar um público excepcionalmente vasto para um livro de ciências humanas” (DOSSE 2007, p.189). Essa característica é algo recorrente na obra de Dosse e é considerada sempre como um atributo estratégico de superação da concorrência com outros paradigmas, discursos ou obras concorrentes, a qual se faz extremamente presente na *História em Migalhas* quando Dosse posiciona as disciplinas em relação à qualidade de seu núcleo paradigmático como condição de sua prevalência ou de seu olvidamento, se este é aberto ou não à influência e à síntese de outros paradigmas⁴⁸.

É possível, portanto, de dividir a noção de paradigma em duas categorias distintas. A primeira diz respeito ao núcleo e o seu sentido se dá no compartilhamento com outros paradigmas ou formulações teóricas dos autores. A outra são fragmentos provenientes de outros autores ou disciplinas, que juntos consubstanciam os discursos teóricos ou os pensamentos de maior magnitudes dos autores.

É possível afirmar, de maneira geral, que o paradigma aparece como o elemento mais impessoal na obra, por meio da figura de seu núcleo central. Algumas vezes se confunde com as formulações teóricas de um autor, mas esta última, a rigor, permanece representativa da maior parte do nível das construções individuais.

⁴⁸ Verificar os exemplos do primeiro capítulo para uma maior ilustração dessa característica

A história do núcleo central do paradigma inicia quando Dosse dá atenção especial para a influência de Saussure dentro do paradigma. Dosse afirma que o cerne do programa, se assim pode dizer, é o modelo da lingüística moderna, mais especificamente em Ferdinand de Saussure. Ela será assimilada por meio da recuperação do *Cours de linguistique générale* e nesse ponto Dosse perfaz um breve histórico da recuperação desse livro, baseada na idéia da preponderância de uma linha de pensamento sobre outra, no caso associada a uma nacionalidade, aos suíços que irão se destacar por meio da lingüística em detrimento dos alemães após a Primeira Guerra Mundial, e o impacto que um artigo pode desempenhar sobre o universo intelectual e acadêmico, no caso o artigo de Greimas *L'actualité du saussurisme* (DOSSE 2007, p.83).

Neste último, é indagado o fato da lingüística não receber a devida atenção, já que ela é reivindicada pelas principais disciplinas em voga em seu tempo (DOSSE 2007, p.83). Por outro lado, pode-se asseverar que apenas um lado do pensamento saussuriano é retomado aí, o “seu lado sistemático, formalista” (DOSSE 2007, p.88). Vale lembrar que tal seleção se dá em detrimento ao caráter mais subjetivista de Saussure, que confirma a idéia de que o paradigma impõe a tendência de seccionar, dentro de toda a obra de um autor, os métodos e conceitos que lhe são equivalentes. Esse é o caso de um programa que parte de uma disciplina mas que transborda os seus limites, tornando-se um projeto comum, desenvolvendo-se mais dentro de outras fronteiras do que por si próprio.

O sentido dessa recuperação e agregação em seu entorno provém de uma noção de corte epistemológico, que separa a lingüística pré e pós saussuriana. Dela será significativo salientar a existência de um denominador comum para todo o programa estruturalista, constituído pela “abordagem descritiva, a prevalência do sistema, a preocupação em remontar até as unidades elementares a partir de procedimentos construídos e explícitos” (DOSSE 2007, p.84). Em outras palavras, mais propriamente

as de Barthes, “o analogismo toma o lugar do evolucionismo, a imitação substitui a derivação” (DOSSE 2007, p.83).

Outro aspecto importante é o método de análise sincrônico, que aparece como uma ruptura na forma vigente de investigação lingüística, cuja atenção era focada na busca de sucessivos empréstimos, perspectiva essa muito mais histórica do que abstrata. Ademais, a perspectiva diacrônica tornar-se-á uma simples derivada, sendo a evolução de uma língua, a partir de então, concebida como “a passagem de uma sincronia para outra” (DOSSE 2007, p.86).

É nesse momento que Dosse afirma essa filiação como um enraizamento de longa duração do estruturalismo. Relativiza, porém, a genialidade exclusiva de Saussure e considera todo o desenvolvimento intelectual posterior necessário para que o pensamento de Saussure fosse reintroduzido com uma nova base de sentido, interpretativa e epistemológica. Dosse insere a consideração de Claudine Normand, responsável por relativizar a genialidade de Saussure, ao afirmar que “Saussure não teria feito mais do que sistematizar as coisas que começavam a dizer-se, a fazer-se” (DOSSE 2007, p.85), no que toca à prevalência do método sincrônico. Outra consideração dessa natureza aparece quando Dosse afirma que: “Saussure teria simplesmente dado forma aos princípios fundamentais de que a lingüística do seu tempo ou seja, a lingüística histórica, tinha necessidade” (DOSSE 2007, p.85).

Mais do que isso, Dosse considera a idéia de André Martinet, de que foi necessário esperar o círculo de Praga e a fonologia para realmente se ter definido o programa estruturalista (DOSSE 2007, p.85), já que Saussure pendeu mais para o lado da sociologia do que pela lingüística em si mesma e por si mesma. Não é, portanto, uma simples recuperação, totalmente fidedigna, do pensamento de Saussure a base do estruturalismo. Todo um desenvolvimento intelectual posterior ao autor fez-se necessário.

Vale ressaltar a influência decisiva da fonologia de Jakobson, o que abre a lingüística para o campo da significação, assumindo uma isomorfia das estruturas internas da língua. Esse fato, juntamente ao a-historicismo assumido pelo estruturalismo, possibilita a pesquisa nos moldes intencionados, o de construir modelos universais. Além dessa característica, outro conceito base para o estruturalismo é o binarismo próprio da fonologia, com doze oposições binárias, “as quais se supõe explicarem todas as oposições em todas as línguas do mundo” (DOSSE 2007, p.99), realizando o sonho de universalidade “que anima a corrente estruturalista” (DOSSE 2007, p.83). Seguindo essa lógica, o êxito da fonologia é evidente quando se considera a sua função dentro da gênese do estruturalismo:

“A fonologia serviu de modelo para as disciplinas que se relacionam com a linguagem, aquelas tantas disciplinas que possuíam uma formalização bastante débil. A fonologia apresentava-lhes um sistema de formalização por pares, por oposições, simultaneamente simples e sedutor, porquanto exportável. A fonologia é o elemento transportador do estruturalismo” (DOSSE 2007, p.100).

A influência da fonologia fica evidente quando Dosse afirma que Levi Strauss herdou de Jakobson não somente as propostas paradigmáticas, mas também a estratégia de colocar a antropologia dentro da “categoria de ciência-piloto, de modelo primordial” (DOSSE 2007, p.55).

Dosse descobre nas obras de Hjelmslev, o fator principal de coesão do formalismo, com os seus princípios de redução lógica, uma episteme única por trás de autores como Propp e Focilon, mas defendido na França ativamente por Greimas e Barthes, cuja difusão será crucial para entender a futura busca por uma matematização nas ciências humanas (DOSSE 2007, p.114).

É essa lógica que estará embutida em futuros desenvolvimentos dos autores estruturalistas, tanto em Lacan como Lévi-Strauss. Hjelmslev é identificado por Dosse como a ponte entre a conscientização mais extensa, proveniente do Círculo de Viena, e tal característica (DOSSE 2007, p.114). Ele cumpre, portanto, o papel de formador de idéias, pois o desenvolvimento intelectual do estruturalismo terá as suas idéias como matéria bruta e modelo a ser seguido.

Além da linguística, os estruturalistas terão também uma aproximação com a literatura, principalmente à questão formal e à exclusão do sujeito. Vale observar que quantidade significativa das obras estruturalistas foram também projetos romanescos, como o *Tristes Trópicos* de Lévi Strauss (DOSSE 2007, vol II p.258), ou outros casos mais radicais como o de Derrida, questionando as fronteiras que separam filosofia e ficção.

Outro termo empregado por Dosse para definir a sua presença na formação intelectual francesa recebe o título de filiação hjelmsleviana, distinção comum também para outros autores na obra, o que é indicativo da concepção de história intelectual partilhada por Dosse. Nesse aspecto tem-se o pensamento de um intelectual influente, as suas obras e a sua difusão, a escola que ele é capaz de formar – o que pode ser tangível, como uma disciplina institucionalizada, ou apenas uma tendência, diagnosticado pelo termo “filiação” - e as diferentes interpretações dentro dessas escolas.

Estas últimas podem ser coletivas ou pronunciadas individualmente. Dosse adentra nas duas dimensões, por meio da história oral, o que lhe permite uma micro-história intelectual de alguns personagens que vivenciaram as situações pesquisadas, ou seguindo os desdobramentos do movimento estruturalista, capaz de dar sinais dos sentidos e tendências valorizados e do que é ou não privilegiado pelos principais autores e grupos intelectuais nos diversos momentos considerados.

Não somente o paradigma estruturalista finca as bases em uma teoria do passado, apesar de toda a sua exposição como um movimento de vanguarda e dentro dos princípios da racionalidade, principalmente como forma de posicionamento em relação às universidades francesas, como também se abre a uma tendência de “retorno a... Marx, Freud” (DOSSE 2007, p.81). Essas releituras são realizadas a partir do ponto de vista do paradigma estruturalista, ou mais especificamente, de cada linha disciplinar dentro desse movimento. No caso da releitura de Freud por Lévi-Strauss, por exemplo, fica evidente nas próprias palavras de Lévi-Strauss: “O que Freud fez, na realidade, foi construir grandes mitos” (DOSSE 2007, p.165).

No caso de Saussure, como foi visto, ele recebe uma atenção especial por parte de Dosse, pois “figura como pai fundador” (DOSSE 2007, p.81) apesar de todas as diversas formas das quais foi apropriado nas diferentes disciplinas e pelos diferentes autores. Ele aporta, portanto, além de uma base epistêmica para o movimento, mas também como um elo agregador do estruturalismo, principalmente no que toca à identidade do programa.

Vale ressaltar que o estruturalismo não é, porém, uma simples retomada do método saussuriano da lingüística; este se inscreve dentro de um programa muito mais amplo, o da construção de uma semiologia geral, “reagrupando em torno de um mesmo paradigma todas as ciências do signo” (DOSSE 2007, p.88). Ela será o *melting-point* de todas as ciências humanas. Mas ele é, de certa forma, dependente e sensível aos rumos tomados pela lingüística.

É, portanto, no nível dos sistemas formais, após várias contribuições intelectuais, que o núcleo epistemológico do estruturalismo se constitui. Seguindo a tendência de um desenvolvimento metodológico que privilegia o campo da especulação abstrata, em encontro com certos instrumentos científicos de análise, encontra-se o sentido de toda uma geração intelectual na França. Essa tendência está diretamente relacionada com a

ambição cientificista que domina o meio intelectual das ciências sociais durante esse período.

A cientificidade reivindicada pelo movimento tinha base, principalmente, na lingüística saussuriana, manifestando-se, porém, em formas sutilmente divergentes. Como exemplo a forma empregada por Levi-Strauss para a compreensão das relações de parentesco tendo como base a presença da lingüística como “algo científico, no sentido das ciências da natureza” (DOSSE 2007, p.56), elo universal a toda a espécie humana, na inter-relação indelével entre natureza e cultura, sem propriamente ontologizar totalmente o seu modelo matemático, pois “essa expressão matemática do real jamais é confundida com o real” (POUILLON 1975, p.310)⁴⁹ e a forma de Lacan, apropriada para a indagação do inconsciente como objeto e das intermediações fundamentais do sujeito com o significante, responsáveis pelo ocultamento perene do Eu pelas representações do sujeito. No caso específico de Lacan, há uma intenção explícita do pensador em ter a psicanálise como ciência

Dosse define como os três pilares do pensamento formal e da busca por uma base científica semelhante as da ciências da natureza, os intelectuais Lévi-Strauss, Greimas e Lacan (DOSSE 2007, p.295). Eles serão os protagonistas dessa interação, com desenvolvimentos particulares em torno de seus próprios núcleos disciplinares. Em cada, haverá fases sucessivas diferenciadas, a qual será composta por novas influências intelectuais recebidas. A todo o momento, Dosse aponta tais rupturas em sua obra.

Todas as manifestações de cientificidade estão, como aparecem na obra de Dosse, necessariamente comprometidas com um projeto universalista. Momento de ruptura radical do pensamento corrente, buscaram-se modelos que reduzissem a uma explicação convergente dos fenômenos da existência, o que provocou uma redução das categorias do vivido por um lado, quando se pensa na riqueza interpretativa de todos os

⁴⁹ Em resposta às críticas de Claude Lefort à Lévi-Strauss.

fenômenos cognoscentes humanos, e um desenvolvimento de sistemas racionais na tentativa de responder aos problemas indagados. O universalismo impõe-se, portanto, como uma redução do vivido, das experiências existenciais, logo, pode-se afirmar que o estruturalismo busca a superação do “empirismo, do descritivo, do vivenciado” (DOSSE 2007, p.34)

Além da influência direta da linguística, o estruturalismo recebe a do desenvolvimento das ciências “duras”, como a matemática, provenientes de programas de pesquisas como a psicologia da *Gestalt*, da cibernética e o grupo Boubarki, com o desenvolvimento das matemáticas modernas. Esse último é possível de ser identificado em Levi-Strauss, cujo intermediário fora André Weil, e em Lacan (DOSSE 2007,p. 130). Mas a influência marcante de todos esses movimentos é uma intencionalidade direcionada para generalizações. De forma geral, a tendência matemática se encontra com a formalização proveniente do leste. O grande passo para o desenvolvimento do paradigma mais genérico é o esmaecimento das fronteiras entre a “formalização matemática, lógica e as ciências do homem” (DOSSE 2007,p. 293)

O florescimento do estruturalismo também assiste ao forte desenvolvimento das ciências sociais; há um ponto de encontro, identificado por Dosse, nas estratégias tomadas por cada um deles. A busca por legitimidade se assemelha a ponto de ambos criarem uma identidade baseada na ruptura e na captação de intelectuais da nova geração dos anos 50 e 60, ao assumir como parte de si, as suas reivindicações mais contundentes. (DOSSE 2007,p. 479).

O estruturalismo, em particular, funda-se, sobretudo, sobre uma união entre cientificidade e ideologia é é isso que permite a sua dispersão por meio das ciências sociais no período em questão. Trata-se de uma revolução científica que encontra ressonância em diversas áreas do conhecimento e Dosse aponta veementemente para o

caráter ideológico por trás do processo de desenvolvimento de ambos como a grande razão de sua intensa socialização (DOSSE 2007,p. 480).

Com relação a esse aspecto, Dosse se ampara na divisão de Maurice Godelier, que coloca de uma lado o “método estrutural (...) que consiste na análise pertinente, rigorosa, científica, dos vínculos de parentesco, das estruturas dos mitos, e o estruturalismo, por outro, que depende do ideológico, das declarações especulativas gerais sobre a humanidade, a sociedade e o progresso do pensamento” (DOSSE 2007,p. 481). Para Dosse o estruturalismo é composto ao mesmo tempo por essas duas divisões; é um conjunto de ciência, ideologia, socialização e mediatização; e para o seu correto entendimento é necessário precisar cada corrente e cada momento de desenvolvimento em particular (DOSSE 2007,p. 481).

Pode-se afirmar a partir daí que uma característica crucial do paradigma estruturalista é, portanto, a dissociação entre subjetividade, no sentido da consideração da presença do sujeito no processo epistemológico, e a própria categoria científica. Nesse último sentido, pode resultar na simplificação, no caso concreto da antropologia estrutural no seu objetivo de “reduzir o real observável, na medida em que se dedica a seguir um número também limitado de variáveis” (DOSSE 2007, p.54). Uma das características fundamentais e universais do estruturalismo, a exclusão do sujeito dos sistemas de análise, faz-se presente em seu pensamento quando direciona o foco às práticas discursivas, fora das contingências sociais e hermenêuticas.

Dessa forma, a saída da história do campo epistemológico é necessária para a autonomização da lingüística como ciência; essa fórmula se aplica também a outras ciências sociais, pois a história é a disciplina diacrônica por natureza, por significar o estudo do particular e das diferenças ao situar as experiências, as instituições e os conceitos no tempo - e também no espaço. Sem ela como referencial base, os modelos sincrônicos necessariamente tomam as rédeas das ciências humanas em geral.

No caso do estruturalismo é o racionalismo e a formalização que dá o tom desse sincronismo, variando em cada caso, o grau de empirismo que é trazido para a formulação dos modelos reacionais e científicos. Outro fato que é necessário para a redução do campo de análise, tão perseguido pelo estruturalismo, para uma simplificação formal da realidade, é o fechamento da linguagem sobre si mesma, e isso provém de Saussure, que reprime a sua função referencial e, dessa forma, privilegia o signo sobre o sentido. Nesse caso, a inteligibilidade do sistema recai na própria combinatória interna da língua (DOSSE 2007, p.88). Exclui-se o homem do campo de análise, a tal ponto que “tudo se passa como se ninguém falasse” (HAGÈGE 1985, p.305).

Saussure, a sua vez, distinguiu a fala da língua apenas por uma questão metodológica de análise, enquanto que o estruturalismo suprime a dimensão da fala a tal ponto de suas análises, resultando em um anti-humanismo teórico. Tudo isso por levar ao seu paroxismo a esperança científica (DOSSE 2007, p.91).

De maneira geral, na *História do Estruturalismo*, é possível identificar paradigmas mais genéricos, estes relacionados propriamente com as gerações, determinantes para a longevidade de sua prevalência no cenário intelectual. A questão da sucessão entre paradigmas desponta nesse momento como um elemento historiográfico chave, pois ele que permite a alteridade entre duas temporalidades, sendo estas menos ou mais sincrônicas.

Como é possível perceber, é sempre um acontecimento histórico de grande envergadura o estímulo necessário para colocar em crise um paradigma hegemônico. Este movimento, por sua vez, depende de um conjunto de fatores, que podem ser listados conforme uma mudança de valores, de mentalidade ou de configuração institucional. Na maior parte das vezes há uma acentuada defasagem entre esses fatores, mas pelo menos uma mudança significativa em pelo menos um é condição exigida para a possibilidade de seleção de um novo paradigma geral.

De qualquer forma, são identificados fatores bem definidos nesse nível mais genérico, o que faz pensar em uma uniformidade nas características de uma geração, de uma forma de julgamento, de valor. Estas, por sua vez, constituem os elementos que vão justificar a existência, a troca, mas também, as vicissitudes de próprio um paradigma, pois estes apresentam novas fases como conseqüência de eventos marcantes para o cenário intelectual francês. Esse é o caso de 1958, apontado na obra como o momento divisor de águas para o pensamento intelectual, com a supremacia do pensamento técnico. Tal mudança de panorama é condição essencial para a compreensão dos fenômenos que vêm a seguir, principalmente ao que concerne ao despontamento do estruturalismo, duplamente conjugado com o momento intelectual vigente em um “casamento de conveniência” (DOSSE 2007, p.220).

Para além da simples mudança do paradigma de atuação mais ampla, há algumas interações fundamentais que permitem a ligação entre esse fenômeno e os de menor amplitude, à parte a escala da micro-história. A principal é a atuação destacada de um intelectual, responsável pela conversão em massa para a sua disciplina professada e conseqüentemente para o paradigma mais genérico por trás dessa disciplina. É o caso, principalmente, de Lévi-Strauss e Lacan. O primeiro desempenha um papel fundamental para a passagem do marxismo para o estruturalismo, em proveito de um momento de decepção com hegeliano-marxismo e com a filosofia especulativa e a própria história (DOSSE 2007, p.224). Além da própria crise anunciada dentro do paradigma marxista, deflagrada pelos acontecimentos de 1958⁵⁰, acompanha-se o surgimento da tendência de uma nova forma de pensamento, o tecnocrático.

⁵⁰ É o caso da importância dada na obra à passagem do paradigma marxista para o estruturalista. A aniquilação progressiva do paradigma marxista possui um gatilho histórico, fundado em um evento, nas acusações de Khrutchev a Stalin em 1956 (DOSSE 2007, p.219, CapII).

A orientação pelo estruturalismo e pela perspectiva de análise marcada pelo imobilismo dá-se também, de acordo com Dosse, “em face do desmoronamento do horizonte revolucionário e das tentações restauradoras” (DOSSE 2007, vol II, p.287); mais do que isso, foi efeito da geração que se utilizou da vulgata do marxismo como fonte de orientação no passado. O contra-caso dessa experiência coletiva é o historiador Georges Duby, cujo contato com o Marxismo é próprio de uma geração anterior, o que lhe permitiu ter uma relação diferenciada na conciliação do marxismo com o estruturalismo. Ademais busca correlações e não uma mecânica da causalidade, além dos processos de historicização de uma estrutura simbólica; ele é nesse caso, tido por Dosse, como um exemplo de uma reconciliação entre estruturalismo e história.

De acordo com Dosse, o estruturalismo, que já existia desde suas raízes no início do século 20, teve a sua oportunidade de hegemonia por manter um compromisso de outrora, “o horizonte de universalidade”, sem se referir, agora, a qualquer tipo de voluntarismo (DOSSE 2007, p.227), o que se alia muito bem ao trauma sofrido pela intelectualidade com os acontecimentos revelados da era stalinista.

Lévi-Strauss cumpre o papel do agente que promove e concretiza, dentro da escala micro-histórica, tais transformações de grande magnitude. A atividade intelectual e institucional de certos autores são fundamentais para a criação e manutenção dos elos de sentido que mantêm vivas as associações entre os paradigmas e os grupos intelectuais. Estas são características historiográficas proeminentes na obra, pois surgem daí os motivos que explicam o sucesso e o fracasso de um paradigma, diferente de considerar tais razões como originárias das propriedades essenciais do paradigma. É das interações provenientes do contato com a realidade concreta que são atribuídos pelos indivíduos e grupos os sentidos que marcam o sucesso ou o fracasso de um paradigma.

A influência de um paradigma pode ser passiva ou ativa, dependendo da forma de contato com o pensamento do autor que é descrita como decisiva; ela pode se dar a partir

da leitura de uma obra, do acompanhamento da exposição em um congresso ou pelo contato direto com o autor. Por outro lado, certos movimentos concomitantes e de influência global, ficaram à margem na França, como o caso do Círculo de Viena, com a sua filosofia analítica. O que é identificado pela ação de Poincaré e Brunschvig, sendo responsável pelo atraso do ensino da lógica, resultando em uma semiótica distanciada desses modelos. O contra-exemplo dessa experiência, é estudado por Dosse. Trata-se de Cavailles, cujo objetivo era a matemática e se aproximava de alguma forma da lógica desenvolvida pelo Círculo de de Viena.

Sua idéia principal era a de que a ciência desenvolve suas próprias leis, o que será retomado por vários autores posteriores. Sua morte prematura, põem, é identificada ao desaparecimento de suas idéias, que só ressurgirão dentro do estruturalismo, 20 anos depois (DOSSE 2007,p. 131-132). Quem dará seguimento às suas idéias será Bachelard, cuja ruptura epistemológica intentada será retomada por Althusser. Ele será sucedido institucionalmente por Canguilhem, que retomará algumas de suas idéias.

Delas, as principais seriam questionar a fronteira entre o racional e o irracional, a noção de progresso, a rechaçar toda visão dialética hegeliana (DOSSE 2007,p. 134) e a lançar bases para uma nova preocupação com a relação entre o grau de realidade institucional e social e a elaboração do saber pelas diversas ciências (DOSSE 2007,p. 136). As bases lançadas por ele, serão, portanto, o ponto de partida de Foucault, quem é apontado pelo próprio Canguilhem como o próprio realizador do estruturalismo (DOSSE 2007,p. 135). Na perspectiva das idéias, Foucault assume sua filiação nietzscheana, principalmente no projeto de uma genealogia e uma filologia – o fracionamento em epistemes descontínuas e a razão que só pela exclusão se constitui em razão, são influencias heideggerianas:

“A genealogia nietzscheana inspira também um trabalho que tem raízes não na investigação impossível das origens, mas numa atualidade, no

presente histórico. Ele não procura apreender as continuidades, as quais anunciam o nosso mundo ao enunciá-lo, mas, pelo contrário, indica as descontinuidades, as oscilações das epistemes” (DOSSE 2007,p. 473).

Entre o que é caracterizado como a essência de um paradigma e as razões de seu sucesso ou fracasso há uma larga distância, cujo espaço é preenchido pela própria história. Esta é determinada por um conjunto de fatores, dentre os quais os autores assumem, em determinados momentos, o papel de protagonistas, e em outros casos, são reféns das tendências provenientes de eventos de maior amplitude, como a inserção de paradigmas exteriores ou acontecimentos capazes de mudar os cenários intelectual e institucional como um todo, o caso de maio de 68.

2.2.1 Os atores e os paradigmas

Na *História do Estruturalismo* os autores assumem um papel muito mais fundamental do que é observado na *História em Migalhas*. Eles colocam os paradigmas em ação, dentro do contexto das interações e das lutas pelo poder institucional. São o elo articulador entre as estratégias presentes nos paradigmas e o meio social e institucional, ao mesmo tempo em que são responsáveis pela sua constante significação. Ao assumir tais características, é possível afirmar que o paradigma submete-se à esfera das ações humanas, com tudo aquilo que é contingente e acidental. A melhor forma de entender os desenvolvimentos dos paradigmas dentro da história narrada por Dosse é resultado, portanto, da compreensão dos diversos autores que aí se apresentam.

É possível uma organização baseada na sua atuação no contexto dos paradigmas. Podem ser organizados da seguinte forma, dentro de grupos bem estabelecidos: o grupo protagonista, o grupo refratário, o grupo diagnosticador e o grupo

anônimo. O primeiro é o centro da ótica da obra, pois é o que é responsável, ao mesmo tempo, pela configuração, desenvolvimento e as rupturas do paradigma sob a perspectiva das disciplinas de conhecimento; nesse caso é necessário ressaltar que os intelectuais não são responsáveis de forma direta pelo desenvolvimento dos paradigmas de maior amplitude, no caso o estruturalismo, mas pelos paradigmas presentes nas disciplinas em que atuam, as quais estão, por sua vez, orientadas a esse paradigma mais genérico.

Por esse motivo, uma orientação holística é aqui exigida, pois não se pode pensar os paradigmas das disciplinas em separado do paradigma mais genérico. Essa é, aliás, a estrutura epistemológica encontrada por Dosse para melhor organizar sua história intelectual do estruturalismo. Decerto, não existe apenas uma relação única de causa e efeito, mas um conjunto de elementos interdependentes. Uma vez havendo qualquer forma de ação, é detectada uma resposta ou consequência nas diversas dimensões analisadas do fenômeno intelectual.

O ponto de conexão do holismo se faz, particularmente para o objeto pesquisado por Dosse, pelo compartilhamento do objetivo universalista em todos os campos considerados, o que acarreta na percepção de um horizonte mais global justamente pelo fato dos paradigmas locais, os das disciplinas, de se comportarem como teorias de compreensão global dos fenômenos que envolvem as ciências humanas e sociais. É o inverso ao que ocorre no momento pós-estruturalista, no qual Dosse aponta para uma fragmentação dos sentidos e das relações entre as disciplinas do conhecimento.

Outro ponto importante é que normalmente o grupo protagonista também desempenha o papel de diagnosticador, mais no nível de suas disciplinas do que no âmbito geral, variando em algumas exceções com o caso de Barthes, cuja atuação pende muito mais para o nível do diagnóstico do estruturalismo do que propriamente a uma disciplina. Outro exemplo é visível quando um dos autores se dedica a pesquisar a respeito do próprio estruturalismo, sua história e o seu momento.

É o caso de Althusser, que se dedica a essa atividade entre os anos 1962-1963. Esse balanceamento também é definido pela forma de constituição do pensamento, se é um livro manifesto, uma coletânea de ensaios, um livro aberto à reflexão livre, uma apresentação ou intervenção em um congresso ou a definição de um programa de pesquisa. Considere, por exemplo, o livro de maior sucesso de Lévi-Strauss, *Tristes Trópicos*, escrito de acordo com o autor sem nenhum objetivo muito rigoroso e com a liberdade de contemplar do autor suas idéias e reflexões as mais variadas possíveis.

O grupo diagnosticador é composto basicamente pelos testemunhos coletados por Dosse em suas entrevistas com os autores que vivenciaram os momentos considerados. Ele é responsável por completar a descrição e a análise dos diferentes cenários intelectuais, detectando quais os aspectos cruciais para a gênese e para as vicissitudes pesquisadas. Outra utilidade reforçada por ela é a capacidade de expor outras visões a respeito dos fenômenos considerados, possibilitando a configuração de um cenário mais rico e menos enviesado por parte do subjetivismo do autor da obra.

Nesse grupo, há espaço também para outros autores famosos. Um grande exemplo de intelectual que exerce esse papel é Derrida, que com o objetivo de desmistificar vários aspectos do estruturalismo e de tecer críticas contundentes nos níveis epistemológicos, metodológicos e conceitual, realiza uma extensa inquirição acerca das filiações e origens do estruturalismo, apontando em grande parte os vícios não superados e a impregnação heideggeriana e nietzscheana na constituição dos diversos paradigmas elaborados, apesar de muitas vezes estarem implícitos e ocultos aos próprios intelectuais que aderem à onda estruturalista.

O grupo refratário entra na necessidade de contrapor o grupo protagonista, de desenhar o cenário original, anterior ao fenômeno estruturalista, e como forma de compreensão das atitudes e estratégias tomadas pelos protagonistas mas também pelo grupo anônimo, que acompanha o programa e as idéias lançadas pelo grupo

protagonista. Ele está presente em toda a obra, mostrando os principais debates intelectuais que marcaram o período estruturalista. Assume também um importante papel de influência sobre as reações dos autores protagonistas. Tem-se, na obra, o caso de Foucault, que muitas vezes é coagido a alterar as linhas gerais de sua produção intelectual devido às cirses que recebe.

O grupo anônimo é aqui denominado dessa forma porque não é identificado pelo indivíduo, mas somente no sentido coletivo; na obra, ele remete às gerações e ao meio intelectual em geral. Sua presença está relacionada com os acontecimentos de maior escala, às grandes mudanças de pensamento ou quando Dosse qualifica o espírito de uma época em específico. Ele também é composto pelas opiniões manifestadas na mídia, pelo público leitor e pelos universitários. Todos estes tem forte participação sobre os rumos do estruturalismo, sendo, contudo, pouco identificados enquanto indivíduos.

Pode-se, a partir dessas definições, traçar um sistema de relações que compõem as interações entre os intelectuais, sob o ponto de vista estratégico. Essa composição é algo bem definido na pesquisa de Dosse. A estratégia compreende o grupo protagonista em seu embate direto com o grupo refratário e em sua interação com o grupo anônimo, cuja participação é fundamental para pressionar o grupo refratário. Pode-se ter como exemplo disso, o debate entre Lévi-Strauss e Georges Gurvitch, cuja ambição de vitória do primeiro coloca em um jogo decisivo “nos planos teórico e institucional” a realização do objetivo de colocar em torno da antropologia estrutural todas as ciências do homem (DOSSE 2007, p.304).

Há momentos apontados por Dosse como cruciais para a guinada do movimento estruturalista e estes estão sempre vinculados a algum acontecimento envolvendo a iniciativa de algum dos intelectuais analisados. Podem ser relativo a entrada de algum nome em uma universidade ou instituição de pesquisa, o lançamento de um livro como *Tristes Trópicos* de Lévi-Strauss ou *As Palavras e as Coisas* de Foucault, ou alguma

inovação na forma como estruturar as pesquisas ou a interação entre as disciplinas, como é o caso do fato relevante em 1955, no qual Braudel introduziu o conceito americano dos *Area Studies*, o que favoreceu o reagrupamento de múltiplas disciplinas, cuja antropologia e o estruturalismo eram os elementos geradores das tendências nesse período, o que os favoreceu em sua arrancada (DOSSE 2007, p.105).

É também nos duelos e debates que surgem motivos para novos posicionamentos e a redefinição dos objetivos de cada disciplina. Eles são responsáveis por interrogar e problematizar as fronteiras disciplinares (DOSSE 2007, p.314). É no crescimento dos debates, que Dosse identifica uma maior interdisciplinariedade, responsável por uma mudança de atitude do próprio paradigma, muito mais ideológico que científico. É esta alteração que contribuirá para uma postura com maior plasticidade para a conquista do poder (DOSSE 2007, p.315).

É, portanto, em torno do campo das estratégias que se desenhará a maior parte das articulações apresentadas na *História do Estruturalismo*. Ele é ponto de ligação mais relevante entre paradigmas e a esfera existencial dos intelectuais. Ele é quem promove os contatos e os embates entre as idéias e formulações teóricas, quando estes não ocorrem de forma acidental. Tudo isso resulta em um grande jogo de quebra-cabeças, no qual não somente a relação bilateral é o que conta para os desenvolvimentos históricos, mas as interações mutidimensionais.

2.2.2 O Intricado jogo de quebra-cabeças

Com respeito à gênese dos pensamentos de um autor em particular, na forma como aparece na obra, levanta-se um intricado jogo de quebra-cabeças de idéias, conceitos e relações capazes de direcionar o pensamento do autor para certas linhas particulares, sem, porém, fugir das principais tendências do estruturalismo, aquelas

delimitadas por Dosse como características permanentes e comuns a todos os intelectuais estruturalistas.

O objetivo desta seção é o de adentrar nesse nível de interações, entendendo-os à luz do que já foi apresentado até aqui. O quebra-cabeça é montado a partir da reconstituição da série de eventos ou influências cadenciados dentro do tempo e de espaços específicos na obra. Há trocas de sentido, distanciamentos e novas sínteses a partir do que já existe em termos de conhecimentos.

Ao entrar em detalhes no nível das influências intelectuais, é possível detectar duas tendências analíticas coexistentes. Como perspectiva geral, reconstituindo as fases do pensamento de cada autor e suas ligações pessoais e intelectuais, elas sempre refletem diversas escolhas epistemológicas por parte do pesquisador. No caso de Dosse, destacam-se duas abordagens que foram responsáveis por guiar a pesquisa apresentada na *História em Migalhas*, mas balanceadas de forma diferente nessa ocasião: a influência do relacionamento interpessoal e a tendência induzida pelos paradigmas dominantes nas diversas áreas do saber – nesse caso inclui-se o critério de cientificidade como o principal motor de desenvolvimento das disciplinas dentro da linha estruturalista.

Elas são emblemáticas para o entendimento de duas perspectivas de análise distintas, conciliadas na obra pela estrutura de análise temporal empregada por Dosse. Para compreendê-las em sua justa forma, faz-se necessário abrir esses dois casos para uma análise mais detalhadas de seus efeitos e limites. Em princípio, considerar a importância das relações interpessoais e os grupos de pesquisa sob a ótica das trocas e não da pertença a um paradigma, pressupõe um viés focado na análise micro-histórica, na importância dada ao evento, pois se trata do relacionamento entre intelectuais e de um conteúdo narrativo, justamente pelo fato de haver uma história a ser narrada dos encontros, entendimentos e as situações vivenciadas em eventos específicos, como congressos, por exemplo.

Como ilustração, é possível citar a relevância apontada por Dosse do encontro de Lévi-Strauss com Jakobson, uma das razões do êxito do estruturalismo na França (DOSSE 2007, p.93), responsável pela introdução da incorporação da fonologia aos moldes estruturalistas, resultado das “conversas que teve com Roman Jakobson em Nova York”, (DOSSE 2007, p.53) demonstrado por suas próprias palavras: “Jakobson revelou-me a existência de um corpo de doutrina já constituído numa disciplina: a lingüística, que eu jamais praticara. Para mim, foi uma revelação” (LÉVI-STRAUSS 1988, p.63). Mais do que isso, “ao inspirar-se em Jakobson, Lévi-Strauss assimila o corte saussuriano. (DOSSE 2007, p.54).

Há outras passagens na obra nas quais as relações interpessoais contam como decisivas; é o caso da constituição do quadro intelectual da recém criada universidade de Vincennes (DOSSE 2007, vol II, p.188). Outro exemplo é o relacionamento de Foucault e os historiadores, iniciado pela necessidade de Foucault de publicar sua tese para poder ser defendida, ao conhecer quem lhe prestará esse serviço, Phillipe Ariés, “é o primeiro contato de uma longa série que liga o filósofo à disciplina histórica” (DOSSE 2007, p.213). Aliás, apesar de posicionamentos intelectuais completamente opostos, o que os une é o interesse por um mesmo campo de estudo, as mentalidades. A seqüência será entre Pierre Nora e Foucault, de quem se tornará editor na Gallimard e iniciará um relacionamento mais próximo aos *Annales* até o momento em que desentendimentos virão à tona e o afastará desse grupo.

O curioso é que o seu livro não terá sucesso entre o público para o qual se dirige, os psiquiatras e os filósofos, considerado por eles como “um simples exercício literário e metafísico” (DOSSE 2007, p.215). Ela só terá o seu reconhecimento a partir da década de 60, período no qual há uma sensibilidade coletiva suficientemente desperta para recebê-lo. Somente será a obra *As Palavras e as Coisas* que realmente atingirá um sucesso

esplendoroso. Isso revela o descompasso entre o nível das idéias e as outras dimensões da realidade, para o qual é dada grande importância por Dosse.

Das relações intelectuais, depreende-se um histórico de influências intelectuais, de troca, de corroboração ou conflitos de idéias, todos vinculados a uma situação situada no espaço, pois o relacionamento necessita de um espaço específico para ocorrer e a presença em um grupo ou evento leva a necessidade de um posicionamento geográfico. Dessa maneira, a temporalidade é aqui dependente desse espaço assim caracterizado, pois é o que permite a fruição da troca intelectual.

Essa linha é responsável por uma abertura analítica para maiores possibilidades de formulação intelectual e paradigmática, pois não fecha o indivíduo em seu grupo, mas sim abre espaço para uma constituição particular de pensamento à medida que a troca de idéias entre vários intelectuais é o que dita a possibilidade de desenvolvimento das estruturas de pensamento. Esse é o caso dentro do qual se situa *A História do Estruturalismo*.

O outro caso emblemático, o da exclusiva pertença a uma linha de pensamento, ou a um paradigma, toma como prioritário o universo das idéias. Se tomado isoladamente, esse viés fecha a capacidade de análise para outros fatores senão a visão macro e redutora das diversas possibilidades a uma visão coletiva de grupo. Nesse caso, pode-se ter como exemplo o fato de que nascer na França no período pós-guerra pressupõe, por exemplo, a incorporação de uma série de paradigmas como resultado do simples fato de pertencer a essa geração e perde-se, dessa maneira, o percurso tomado pelo indivíduo dentro da sociedade, das instituições e grupos intelectuais.

Nesse caso, demarca-se viés sincrônico, pois não prioriza os acontecimentos e os eventos como método de análise, mesmo que não deixe de considerar as rupturas, pois essas acontecem entre grupos de elementos e não entre os elementos dentro de um

grupo. E essa diferença é crucial, principalmente para a metodologia e perspectiva historiográficas.

Dosse utiliza-se das duas perspectivas, alternando o foco de análise entre o sincrônico e o diacrônico, conforme o material de pesquisa selecionado lhe permite ampliar o olhar. Quando se utiliza da história oral por meio do relato de testemunhas, é capaz de adentrar em uma perspectiva que capta a significância de eventos particulares, como o fato de assistir a uma palestra, ou a um encontro casual em uma universidade, atribuindo-lhes significância na determinação dos resultados. Percebe-se que as diferentes escalas de análise trazem modificações sensíveis. Já a apreensão mais macro provém da percepção das grandes tendências da época, manifestas nas linhas disciplinares, metodológicas, teóricas e culturais. Nesse caso ele tende a manter um padrão sincrônico, meio que fechado à estrutura dos grandes paradigmas⁵¹.

Como já foi observado, o quebra-cabeça resultante das intercalações entre diacrônico e sincrônico ditam o ritmo da narrativa de Dosse. Mais do que isso, porém, é somente por meio dele que se aferem os sentidos epistemológicos presentes em sua pesquisa. Não há uma formulação clara que pretenda conduzir uma reflexão nesse nível; tudo se apreende a partir dos conteúdos documentais e das narrativas orais coletadas. Grande parte dos critérios epistemológicos e historiográficos que suportam as análises de Dosse aparecem na obra, portanto, de maneira implícita. Esse fato dificulta uma avaliação pontual, nesse sentido, da *História do Estruturalismo*.

O texto apresentado por Dosse não forma, contudo, um compêndio dos principais conteúdos selecionados pelo autor referente ao tema estudado, o estruturalismo. Há

⁵¹ Dando maior atenção a esta última, no caso da força indutora das tendências paradigmáticas em voga, têm-se toda uma literatura dedicada, sendo talvez a referência mais conhecida a de Thomas S. Kuhn, com a obra *A Estrutura das Revoluções Científicas* (Kuhn, 1967). Sem ter a necessidade de entrar em maiores detalhes, o que se coloca em questão é o fato da ciência normal existir na sociedade como resultado de um fenômeno de convergência e fidelidade cognitiva, proveniente principalmente da educação em um paradigma.

alguns fios condutores os quais orientam a maneira como as informações, as articulações e os argumentos se desenvolvem; muitos deles já vistos aqui até o momento. A discussão propriamente teórica que está ausente em sua obra é aqui colocada com finalidade de apontar algumas considerações importantes.

A perspectiva trabalhada seguindo somente as tendências intelectuais do período analisado e o material de análise de que dispõe deixa de lado uma característica importante, a questão do elo de atração de um intelectual a um paradigma ter como base fatores de conversão subjetivos ou racionais. Essa reflexão é inexistente, cuja inspiração é proveniente da literatura que compõe a filosofia da ciência.

Sem realizar uma reflexão teórica dedicada exclusivamente a tais mecanismos e outras questões relacionadas ao nível das interações hermenêuticas, as quais ficam soltas no decorrer da obra, Dosse insere os paradigmas no mesmo plano discursivo dos outros elementos narrados na obra. É no nível da narrativa que se localizam os argumentos especulativos de Dosse, como por exemplo a própria a caracterização de um núcleo teórico do estruturalismo, cuja idéia é colocada em cena à medida em que a evolução cronológica dos eventos narrados permite.

Um exemplo disso, considerando a atração exercida por um paradigma, pode ser verificado na passagem do colóquio de Bonneval de 1960. No caso se apresentam diversas linhas de discurso diferenciadas dentro da psicanálise e de outros filósofos, como Paul Ricoeur, Merleau-Ponty e Henri Lefebvre. A que mais seduz os ouvintes é, porém, o “discurso que se apresenta como o mais moderno, o mais rigoroso, sustentado pela dupla garantia da lingüística e da antropologia: o discurso laciano (DOSSE 2007, p.177). A sua posição intelectual e suas idéias vão servir para “deslocar os compromissos primordiais da psicanálise” (DOSSE 2007,p. 161), carregando para essa disciplina toda uma geração.

Toda reflexão epistemológica aparece na obra sempre associada ao momento de descrição do dado concreto que suporta a sua existência. Não há, portanto, uma demarcação clara entre as abstrações mais teóricas e os conteúdos de natureza mais empírica. É seguindo ritmo narrativo próprio da *História do Estruturalismo* que são configurados os sentidos mais epistemológicos e historiográficos, sem se deter a teorização muito explícita. Por essa razão são trazidas aqui muitas das passagens concretas da obra, pois é possível extrair delas os contornos teóricos mais inacessíveis da pesquisa de efetuada por Dosse.

Retornando ao que compete à dimensão diacrônica investigada por Dosse do paradigma estruturalista, são notáveis certos pontos de desenvolvimento, no qual são criadas certas configurações particulares e estas se dão em parte pela criatividade dos intelectuais e em parte pela evolução do próprio paradigma estruturalista. Sem ter, porém, propriamente uma história linear bem definida, o estruturalismo abre-se para diversas experiências, de acordo com as sínteses criadas entre as disciplinas que fazem parte de seu todo e os autores que se filiam e contribuem a ela. É nesse intricado jogo de relações interdisciplinares, a partir da esfera de influência de um paradigma mais genérico, que reside o grande desafio da obra.

Pela falta de uma linearidade clara e devido à grande diversidade de idéias e situações, serão citados aqui alguns casos referentes à 1ª fase do estruturalismo, que exprimam as características basilares da obra, em suas variações entre a análise sincrônica e a diacrônica, consideradas muitas vezes simultaneamente, responsáveis por definir os seus elementos historiográficos e epistemológicos.

Como primeiro exemplo, tem-se o caso de Lévi-Strauss, inicialmente a considerar sob sua responsabilidade a recepção e inserção da fonologia na antropologia, capaz de “retomar por conta própria, quase termo a termo, os paradigmas básicos desse sistema”, mas apreendendo-os em suas relações internas, introduzindo uma visão de sistema e

visando à construção de leis gerais, de modo que “toda a abordagem estruturalista se insere nessa ambição” (DOSSE 2007, p.53).

É justamente esse pertencimento a uma cadeia mais ampla de sentido, com o compartilhamento de um grupo mínimo de características comuns a todos os membros sem perder a especificidade do desenvolvimento de suas próprias, uma das grandes questões a ser avaliada na obra de Dosse. Nesse, atém-se ao termo “denominador comum” (DOSSE 2007, p.83), referindo-se ao método saussuriano.

Ao indagar-se sobre o ponto de partida da análise, percebe-se que ao invés de iniciar a perspectiva de estudo da obra de Levi-Strauss como um referencial para a análise da presença do estruturalismo nela, ele dá um passo atrás, na busca das primeiras influências recebidas. Para tanto considera as suas filiações e distanciamentos intelectuais iniciais, assumindo o objetivo inicial de situá-lo em um local determinado do pensamento intelectual corrente; esse posicionamento constante, variável ante a oposição ou alinhamento em relação a algo, marca na obra de Dosse uma propensão constante para essa atitude de situar comparativamente dois elementos narrados. Uma situação exemplo é o fato de antes de considerar as características específicas de um autor, insere-o em uma posição determinada dentro das correntes mais gerais do pensamento intelectual.

Outro exemplo significativo é o rastreamento da notória influência de Marx sobre Levi-Strauss, com a idéia de se chegar a um modelo ou sistema que explique o real, de quem assimila o método, condizente com a afirmação de Dosse: “as realidades manifestas podem não ser as mais significativas e que compete ao investigador construir modelos a fim de ter acesso aos fundamentos do real e ultrapassar a aparência sensível” (DOSSE 2007, p.44), o que se expressa nas próprias palavras de Levi-Strauss: “Marx nos ensinou que as ciências sociais não se constroem no plano dos acontecimentos do mesmo modo que a física não se sustenta em dados de sensibilidade” (DOSSE 2007,

p.44). Vale lembrar que essa maneira de olhar os fenômenos será um traço indelével da produção intelectual de Levi-Strauss.

Um terceiro exemplo a ser citado da obra compreende um âmbito mais global, o das correntes disciplinares. Levi-Strauss, ao abandonar as correntes do empirismo anglo-saxônico em voga no território da antropologia, o evolucionismo e o funcionalismo, torna-se seguidor das idéias dos “herdeiros da escola histórica que se desviaram da história” (DOSSE 2007, p.45). Destes, a maior influência provém de Boas, com quem teve um relacionamento próximo, a qual consiste na sua ênfase “à natureza inconsciente dos fenômenos culturais e a colocação das leis da linguagem no centro da inteligibilidade dessa estrutura inconsciente” (DOSSE 2007, p.45).

Fica evidente, posteriormente na leitura da *História do Estruturalismo*, que essas duas características identificadas nos exemplos expostos acima, compõem, com certeza, a base e o sentido do que Levi-Strauss viria a desenvolver futuramente. Tudo se desenrola a partir daí, sob a afirmação de Dosse de que a antropologia francesa é elevada, por conseguinte, ao mesmo nível da anglo-saxônica ao alicerçar-se a uma disciplina-piloto: a lingüística (DOSSE 2007, p.45). O “nível” a que se refere aqui é logicamente vinculado ao critério de cientificidade, variável absoluta para a legitimação de uma disciplina nos casos descritos na obra. Esse é, aliás, a principal medida levada em conta por Dosse como fator de análise no interior do movimento.

O mais curioso são os motivos levantados por Dosse da escritura de *Tristes Trópicos*, Assim como afirmou o próprio Lévi-Strauss, estava ele ausente de uma preocupação com a disputa universitária, após ter sofrido uma dupla derrota em 1949 e 1950, respectivamente. Aqui se levanta uma trégua com relação aos compromissos exigidos pelo paradigma estruturalista, o que, nas palavras de Dosse, é responsável por forçar a inovação, gerando na ocasião “um misto de cientificidade, literatura, nostalgia das

origens perdidas, culpabilidade e redenção, que tornam a sua obra difícil de classificar (DOSSE 2007, p.186).

Essa característica também se torna sintomática desse primeiro momento do estruturalismo, cuja força e inovação são capazes de ultrapassar “os limites da instituição universitária e encontrar outros canais de legitimação” (DOSSE 2007, p.186). Isso revela a própria historicidade em camadas do estruturalismo, com um momento pré e pós institucionalização e um julgamento de valor a respeito da instituição universitária, como fator limitante da experiência intelectual.

Ao excluir o sujeito de suas indagações epistemológicas, os intelectuais estruturalistas se apartaram também do engajamento em questões políticas e sociais contemporâneas; isso é sintomático do posicionamento de Lévi-Strauss que se apartou, a partir de 1956, em relação à qualquer questão partidária (DOSSE 2007, p.188). A atenção ao discurso do Outro mais do que a si próprio acarreta no “desprendimento de si”, que tanto fascinará o público (DOSSE 2007, p.188), o que inclusive é uma tendência própria das ciências naturais desse período, a atenção exclusiva ao método e à experiência.

A diferença é que, mesmo colocado dessa forma, tal posicionamento não se aparta de um certo sentido existencialista, o que implica na descoberta de si pela experiência do Outro, mesmo que no fundo a intenção não seja propriamente o exotismo nesses termos, mas sim a descoberta do universal no outro, o que inclui o si mesmo. Quando parte do estruturalismo pretende a redução dos fenômenos a um modelo único, no caso de Lévi-Strauss no próprio nível ontológico do ser, ele aparta as diferenças no que cabe às essências, deixando as aparências como um fato decorativo.

O estruturalismo de Lévi-Strauss encontra na filiação a esse paradigma mais genérico a sua especificidade; não somente como método científico, mas também em sua extensão como “criação literária, pictórica e musical”, além de conceber uma “filosofia do fim de uma história doravante extinta” (DOSSE 2007, p.346). Nesse último aspecto se

encontra a famosa polêmica com o método histórico, que além da simples oposição entre diacrônico e sincrônico, é assumida na exclusão do sujeito e da narratividade nos mitos em seu método de pesquisa. Por outro lado, ela é também um desejo entrópico, identificado por Dosse, de “reconstituição de uma ideologia globalizante, sem resíduos” (DOSSE 2007, p.346).

Outro aspecto importante desenvolvido por Lévi-Strauss é a intercomunicabilidade dos códigos, entre as diversas culturas humanas, que é condição e implicação de sua teoria universalista. O estruturalismo revela mais uma de suas facetas características, um sistema que possibilita uma padronização que serve como esteio comum e único de linguagem⁵².

Tal relação é apontada por Roger Caillois como uma contradição, pois prevê equivalência ao mesmo tempo em que incomparabilidade entre as culturas. O que em parte vai contra uma nova tendência de valorização da pluralidade e da irreducibilidade das diferenças (DOSSE 2007, p.184). A resposta será dada por Lévi-Strauss no periódico *Les Temps modernes* de Sartre (DOSSE 2007, p.185). Verifica-se aí, um pouco da dinâmica impressa na *História do Estruturalismo*, com sua típica cadeia de eventos interligados, no qual uma série de ações é seqüenciada.

Outro autor de grande influência dentro do movimento estruturalista, Jacques Lacan, tem sua história intelectual contada uma década antes de seu sucesso, na qual localiza-se a ruptura fundamental. Suas teorias dependerão da importância crescente atribuída ao inconsciente nos discursos teóricos, presente em Lévi-Strauss e em Saussure (DOSSE 2007,p. 140). De Saussure e Jakobson, extrai todo um vocabulário novo. A idéia central é a de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, a

⁵² Semelhante à idéia de resolução de quebra-cabeças na ciência normal de Kuhn, cuja uniformidade e pertença comum a um mesmo sistema de regras permite que seja possível o mesmo entendimento, a mesma *Gestalt* e a mesma expectativa dos fenômenos dentro de um paradigma.

ponto de considerar “a língua é um órgão”: “O ser humano caracteriza-se pelo fato de seus órgãos estarem fora dele” (DOSSE 2007,p. 155); esta, contudo, não se opera segundo as atribuições hermenêuticas, mas a partir de um sistema logicamente estruturado, no qual Lacan ontologiza a condição humana. Tudo parte desse nível simbólico, tornando o inconsciente a fonte discursiva da existência.

Seu objetivo é o de posicionar a psicanálise no lugar da filosofia, principalmente por meio da cientificidade da lingüística (DOSSE 2007,p. 156). Segue, portanto, os desenvolvimentos da lingüística moderna, sendo este um objetivo estratégico deliberado para fazer a psicanálise participar na aventura semiológica global, que é sem dúvida para Dosse o principal motor dentro dos acontecimentos da intelectualidade francesa (DOSSE 2007, p.179). A esfera da estratégia marca aí novamente a sua presença na obra.

Mas é nas idéias de Lévi-Strauss que Lacan encontra o maior apoio para suas teses, no sentido de legitimá-las e consolidá-las. De acordo com Dosse, “a obra de Lévi-Strauss, o estruturalismo antropológico, constitui a pedra angular da ruptura lacaniana do pós-guerra”, além de tomá-lo “como garantia científica” (DOSSE 2007,p. 163). Lacan, portanto, utiliza-se das principais idéias do movimento estruturalista, além das semelhanças de perspectiva epistemológica com Lévi-Strauss, o que consolidou o êxito em sua iniciativa de sedução e de ambição científica (DOSSE 2007,p. 161). Inveja, porém, a capacidade de Lévi-Strauss de realizar a simbiose entre etnologia, lingüística, matemáticas e psicanálise (DOSSE 2007, p.170).

A posição de ambos se identifica, porém, a partir dos anos 50, com “toda uma temática comum (...) feita de ambição universalista, científica, de antievolucionismo e de busca de legitimação (DOSSE 2007, p.171). Tal identidade chega a ponto de Dosse afirmar que” mais do que um encontro amistoso (existe) um núcleo de inteligibilidade comum aos dois projetos intelectuais nesses anos 50, uma mesma política teórica, uma

mesma estratégia para além de duas disciplinas que possuem objetos distintos” (DOSSE 2007, p.172).

Nessa passagem da obra atesta-se o nível compartilhado do paradigma, fruto de uma produção intelectual intencional dos autores, que buscam esse estado voluntariamente e não por serem reféns das determinações do paradigma. São os intelectuais os artífices dos significados de seus paradigmas, sempre partindo de um paradigma mais original.

Há, porém, um momento de distanciamento entre as duas “estruturas”, justamente quando Lacan desenvolve o conceito chave de RSI. No caso de Lacan, a estrutura não se completa e é antimônica, sendo manifesta ao mundo visível “pela captura do corpo vivo onde fala inconscientemente” (DOSSE 2007, p.175). Nela vale lembrar que o sujeito permanece inacessível. A estrutura de Lévi-Strauss, está por sua vez, dentro dos moldes do estruturalismo, apresentando-se em oposição e “se definindo pela completação entre significante e significado”. É nesse momento que Dosse coloca a questão se Lacan escapa dos moldes estruturalista, inovando. Isso é representativo, na obra, do espaço concedido à esfera de criação do indivíduo sobre um paradigma.

O que fica evidente é que, apesar de sua estrutura *suis generis*, Lacan permanece como um autor estruturalista. O que denuncia tal categorização é o fato de Lacan expulsar o indivíduo do centro do sistema lingüístico, apesar de afirmar o vazio do inconsciente. Ademais, cria um sistema lógico de análise da linguagem inconsciente e do tempo intersubjetivo, cuja base de funcionamento não altera de indivíduo para indivíduo, fundamentada na teoria matemática dos conjuntos de Boole (DOSSE 2007, p.175). Aqui se revela um dos princípios de demarcação entre o que faz parte ou não do estruturalismo.

Orienta-se pelas aulas de Kojève, com a sua leitura particular do pensamento de Hegel, capaz de introduzir certos conceitos em seu universo intelectual, como o

descentramento do homem, a crítica da metafísica, as relações senhor/escravo e a preponderância ao conceito de desejo (DOSSE 2007,p. 140). É com a influência de Henri Wallon que desenvolve a teoria da imagem distorcida do Eu refletida no espelho, base para a sua teoria psicanalítica (DOSSE 2007,p. 141). Ele torna-se estruturalista, de acordo com Dosse, a partir desse conceito e este aparece antes mesmo de se referir à Saussure. Aqui, novamente a rejeição do sujeito pelo estruturalismo aparece na realização de sua perene auto inacessibilidade, “pois a imagem do seu ego devolve-o a um outro que não é ele” (DOSSE 2007,p. 142).

As principais influências apontadas por Dosse são, porém, o contato com Lévi-Strauss, a partir qual entra em conhecimento da lingüística estrutural de Saussure, e a dos temas heideggerianos, que tomam o lugar da dialética hegeliana. Para Dosse, Essa substituição será também o ponto de partida para se opor a seu mestre Jean Hippolite e pretender a psicanálise como substituta de toda a filosofia. (DOSSE 2007,p. 143).

Essa rede de influências comprova que os paradigmas utilizados por um autor não nascem por geração espontânea na obra, são traçados a partir de uma série de influências. O todo do discurso teórico de um autor é, portanto, composto por uma vasta e recortada série de elementos advindos de outros contextos.

Lacan é responsável também por promover a atenção à releitura de Freud e o sucesso da disciplina psicanalítica na França (DOSSE 2007,p. 147). A sua fama provém, porém, mais de um evento do que propriamente do surgimento espontâneo de suas idéias, o famoso chamado de Roma (1953). No momento, há um embate entre o psicologismo e a psicanálise, e é na rejeição generalizada do primeiro, a razão do sucesso do segundo. Com relação ao retorno à Freud, valer ressaltar que não somente o realizou Lacan, pela proximidade da área, mas sim Lévi-Strauss e outros intelectuais do seu tempo.

Não causa ruptura somente no plano das idéias, mas passa-as para a prática psiquiátrica, com uma mudança significativa na condução das terapias, fato que gerará muita polêmica, sendo responsável até por sua rejeição institucional. Para promover suas idéias, perpetrou uma estratégia institucional concomitantemente e bem definida, de acordo com Dosse, procurando “bases, garantias institucionais e teóricas (...) em busca de pontos de apoio das duas organizações de massa que são, na época, o Partido Comunista Francês [PCF] e a Igreja Católica” (DOSSE 2007,p. 153).

Posteriormente, as considerações de Lacan em torno do discurso analítico, postando nele o lugar de verdade, vai gerar especialmente na década de 70, um pólo de atração que resultará em um “efeito de arrastão” (DOSSE 2007, vol II p.277), alterando o estado de centralização da intelectualidade nas idéias de Althusser (DOSSE 2007, vol II p.291). Isso é ilustrativo do quanto um objeto estudado pode ser decisivo para o sucesso de um autor.

O ponto de contato com o núcleo fundamental do paradigma estruturalista se faz, no seu caso, principalmente por meio da noção de inconsciente, quando esta é orientada como significante, expurgando o significado e as referências ao sujeito. Assim como todo estruturalista, tem em Saussure a influência determinante, quem foi responsável pela cisão entre o significante e o significado, principal característica da linguística moderna. Institui-se, portanto, “a ordem das coisas a partir da ordem das palavras” (DOSSE 2007, p.321). Lacan congrega a formalização focada na interação analítica com a problemática da eterna falta do sujeito na descoberta do Outro e de si próprio, ou seja, reúne dois temas centrais da modernidade.

Tendo bem definidos os intelectuais formadores de idéias, surge a experiência de um autor que tem o papel fundamental, conforme o esquema esboçado no início do capítulo, de intermediário, que seria Barthes. Essa posição funciona como a grande difusora e popularizadora do movimento estruturalista; diferente do agente formador, este

recebe diversas influências e, a partir delas, expande-as com as diversas possibilidades teóricas e de sua aplicação sobre os elementos da cultura, sob a perspectiva de realizar sínteses: “Ainda que os lingüistas profissionais já não encontrem aí o seu objeto, a visão extensiva da linguagem que Barthes propões vai contribuir imensamente para o êxito do modelo lingüístico e para o seu papel de ciência-piloto (DOSSE 2007, p.124).

Ele inclusive se ocupa da semiologia da significação, enquanto que Saussure definiu regras para uma semiologia da comunicação (DOSSE 2007, p.124). Justamente por ter essa perspectiva voltada à experimentação dos paradigmas estruturalistas, é também um grande diagnosticador do movimento, o que fica evidente em sua intenção de encontrar o grau zero do estruturalismo.

Por fim, uma característica epistemológica fundamental da *História do Estruturalismo*, responsável por manter a coerência interna entre o comensurável e as rupturas apresentadas é o que poderia-se chamar idéia limite de um paradigma. Esta pode se manifestar por meio de um conceito, uma noção ou uma perspectiva técnica de análise. Podendo variar entre uma filiação – a Saussure, por exemplo – ou uma perspectiva mais ampla, a negação do sujeito, é esse limite que define a cadência e o embate entre os diferentes paradigmas.

Vale lembrar que a natureza dessa característica ultrapassa os limites formais de uma disciplina, pois pode se tratar de algo compartilhado, um programa de pesquisa, ou mesmo, remetendo aqui a Foucault, pode fazer parte de uma episteme mais ampla, capaz de unir disciplinas aparentemente opostas; todas essas dimensões se fazem presentes na obra de Dosse. Tal característica epistemológica representa um ponto de apoio, a partir do qual é possível delinear bem certos traços que serão fundamentais para conduzir o estudo analítico e narrativa da seqüência dos fatos apresentados em sua obra.

Muitas vezes na obra, há dois autores protagonistas que dividem a concepção de um mesmo paradigma. No caso a ser ilustrado, o da semiótica, pode-se citar a

divergencia de orientação entre Greimas e Martinet (DOSSE 2007, p.282). Outra divisão pode ser indicada no par Greimas e Barthes, estando o primeiro focado na semiótica e o segundo na literatura. Essa divisão de perspectivas dentro do paradigma estruturalista compõe um balanceamento, cujas alterações ditarão a configuração de cada momento diferenciado na história do paradigma.

Nem sempre os “pólos de atração” ou os conceitos limites dos paradigmas são exclusivos para as determinações de sentido dos rumos tomados pelos acontecimentos e pelas ações dos intelectuais. A rejeição também é um motivo crítico nesse sentido. Um exemplo de reatividade intelectual na obra de Dosse pode ser explorado no caso de Foucault, no qual cada nova publicação é influenciada pelas múltiplas objeções e questões recebidas durante o período anterior. O seu envolvimento direto nos acontecimentos de Maio de 1968 também incutirão na sua aproximação com o grupo de historiadores dos *Annales*

O resultado disso foi a publicação de *L'archéologie du savoir* (FOUCAULT 1969), no qual busca desenvolver um quadro metodológico, ausente em suas outras publicações, e substituir a análise demasiada totalizante dos quadros culturais para algo mais próximo à história, abandonando o conceito de episteme por outros como genealogia ou arqueologia (DOSSE 2007, vol II p.292).

A noção de prática discursiva é o que o coloca em diálogo com os marxistas althusserianos, marcando também uma ruptura com a linha lançada em *Les mots et les choses* e da mesma forma com o estruturalismo quando afirma que “as relações discursivas não são internas ao discurso” (FOUCAULT 1969, p. 62). O autor não sai, porém, das linhas mais gerais do estruturalismo, pois mantém viva a crítica a uma teoria do sujeito; este último se perde entre os cortes arqueológicos, que separam uma formação discursiva da outra. O método arqueológico torna-se uma nova via em relação

aos métodos linguísticos, característicos da primeira fase do estruturalismo, e a hermenêutica de outro lado (DOSSE 2007, vol II p.299).

Esse encontro entre tendências epistemológicas em momentos e movimentos diferentes, como a “história em declive suave”, “as grandes bases imóveis”, as quais passam cada vez mais a orientar trabalhos historiográficos nesse período, e o “mutacionismo” de Foucault, cujo foco é dirigido às discontinuidades e às grandes rupturas enigmáticas, “nas linhas da epistemologia das ciências de Bachelard e de Canguilhem”, é visto por Dosse como uma “espécie de paradoxo a sustentar a noção de limiares epistemológicos numa história arrefecida” (DOSSE 2007, vol II p.293).

O núcleo de um paradigma também é mutável. É demonstrado na obra que a historicização do paradigma estrutural é guiada pelo percurso crítico dos *Annales*, em resposta ao antigo desafio de Simiand dos ídolos a serem combatidos, o que revela a recorrência dessa orientação paradigmática (DOSSE 2007, vol II p.293). Essa transformação ocorre, principalmente, no nível do documento histórico, por meio da seriação e pretende ser aplicada na história das idéias. É o momento e a disciplina privilegiados, de acordo com Foucault, para o pós-estruturalismo. De forma resumida, Foucault é um dos grandes protagonistas do segundo período da história estruturalista, ao substituir “a reflexão sobre a estrutura e o signo pelo estudo da série e do evento” (DOSSE 2007, vol II p.295).

Essa pretensa aliança entre os historiadores e Foucault, capaz de reunir todos os ingredientes necessários para um desenvolvimento primoroso no campo das ciências humanas, pois leva consigo as principais tendências em ascensão do momento intelectual, não vingará. Pode-se afirmar que se fosse considerado somente o campo das idéias, excetuando os diversos elementos que compõem a experiência do real vivido, tal aliança se concretizaria em sucesso.

Mas, como aponta Dosse, há no indivíduo certos motivadores que são cruciais para definir o rumo dos eventos na história intelectual; e esse caso é um destes. Foucault herda da influência de Nietzsche e Heidegger a orientação de filósofo desconstrutor do conhecimento e das modalidades do saber. Por essa razão, sua atitude é a de desconstruir o território do historiador, tomando a esfera discursiva e não o referente como o seu campo privilegiado de trabalho (DOSSE 2007, vol II p.295).

A *História do Estruturalismo* a apresenta um evento divisor de águas. Os acontecimentos posteriores a 68 irão redefinir as tendências de sucesso ou insucesso das disciplinas, servindo como um marco na história intelectual francesa. Após a reavaliação do evento, das diferenças e da diacronia, a história é uma disciplina que de repente passa a ser a grande beneficiária. O que precisou foi a abertura da estrutura, por um movimento interno, e uma crescente série de críticas ao paradigma estruturalista.

Só que a própria história necessitou passar por um processo de retardamento de seu ritmo de duração, para que na proximidade ao paradigma estrutural, passe a reivindicar o foco das atenções com triunfalismo. Para Dosse, uma conexão entre os historiadores e o estruturalismo foi firmada por intermédio de Foucault, que se aproximou junto aos historiadores⁵³ por meio das relações com Pierre Nora (DOSSE 2007, vol II p.319). O motivador dessas conexões provém do interesse de Foucault pelo projeto da Gallimard, “Bibliothèque des histoires”, que atesta a fragmentação da disciplina ao invés de um projeto unificado (DOSSE 2007, vol II p.320).

Esse projeto evolui e resulta, em 1974, na publicação de *Faire de l'histoire* (LE GOFF, J.; NORA, P. 1974), um guia para a nova história (DOSSE 2007, vol II p.321). É na

⁵³ Tal aproximação também rende frutos ao lado so historiadores com a influência recebida por Paul Veyne, que considera a história uma disciplina não nomotética, que deve lidar com o acaso. Há também uma menção direta com a publicação “Foucault Revolucionaria a História”. Para Paul Veyne, o método de Foucault se qualifica como uma filosofia da relação ao invés do discurso, apesar de assumir este como um objeto privilegiado de investigação e o seu estruturalismo particular como uma “orientação que não revela o real e que se mantém à margem do referente” (DOSSE 2007, vol II p.325).

conclusão sobre os significados dessa obra, que Dosse recupera a mesma opinião manifestada na *História em Migalhas*: “absorvem seus métodos (dos francos atiradores) a fim de concluir a renovação de uma história que deve pagar o preço da renúncia à sua unidade para realizar a maior dilatação possível do seu campo de experimentação” (DOSSE 2007, vol II p.321). Isso tudo em resposta ao desafio particular do desconstrucionismo do estruturalismo da segunda geração. É a invasão e as fronteiras maldefinidas das outras ciências sociais que irão ameaçar a dissolução da história. Tais condições prenunciam então situações futuras, a partir do campo de interações entre as disciplinas.

É o abalo de uma vocação que remonta ao edifício hegeliano e ao homem como sujeito da história; a busca pela cientificidade resultou na exclusão do homem. A influência com Foucault, ao ver de Dosse, foi responsável por uma perspectiva voltada a apreender mais o “como” do que o “porquê”. Porém, o relacionamento entre Foucault e os historiadores se abala com a publicação no *Faire de l'histoire* de uma crítica dura à Foucault por parte de Pierre Vilar, sem que a revisão de Pierre Nora tenha a percebido (DOSSE 2007, vol II p.322)

Pierre Nora também identifica o esfacelamento da história como uma tendência, pela derrocada da sua função totalizante, que era a marca das gerações de Bloch, Febvre e Braudel. Percebe-a de uma forma positiva, com a negação de um tempo homogêneo e da afirmação de temporalidades heterogêneas. Essa “construção do império historiador” faz-se sob a promessa da história serial, da cientificidade por meio da utilização do computador, que é uma novidade tecnológica nesse contexto. A história científica passa a ser a história serial (DOSSE 2007, vol II p.323).

O biênio 1968-1969 é identificado por Dosse como momento no qual a história suplanta a posição que era ocupada pelas publicações psicanalíticas e antropológicas,

com a ampliação crescente de seu público a partir desse período⁵⁴ (DOSSE 2007, vol II p.325). A razão do sucesso é creditada a uma “certa continuidade do interesse suscitado pela antropologia dos anos 60” (DOSSE 2007, vol II p.295), com alguns pontos de analogia e encontro entre os dois paradigmas: a substituição do evento pela permanência, a descoberta da figura do Outro, agora “nas profundezas do passado”, o abandono dos estudos sociológicos em favor da entronização das mentalidades e da antropologização do discurso histórico; para Dosse, essa é a última manifestação de vitalidade do paradigma estrutural (DOSSE 2007, vol II p.326). Na década de 70, é visto que haverá uma convergência entre três tipos de abordagem, gerando uma simbiose: a antropologia estrutural, a antropologia histórica e a psicanálise (DOSSE 2007, vol II p.282).

Por toda a obra de Dosse, há variações com relação ao domínio relativo de um paradigma ou núcleo paradigmático sobre os outros. Tal cadência é delineada juntamente com alguns outros fatores, como a estratégia impregnada a cada orientação paradigmática (como será visto em capítulos futuros), o campo das atitudes dos intelectuais, as modificações de ordem institucional e os eventos que abalam o *status quo*.

Há momentos nos quais ocorre a predominância de algum elemento ou paradigma. Casos como a linguística durante praticamente todo o período estruturalista ou, momentos mais específicos, como o posterior aos eventos de Maio de 1968, nos quais “toda uma geração, a de 1968, vai utilizar, portanto, as categorias do althusserianismo em todos os domínios do saber” (DOSSE 2007, vol II, p.209). Nessa passagem específica da obra, Dosse apresenta logo em seguida uma característica espistemológica importante, ao afirmar que “fazia-se então althusserianismo sem o saber porque ele participava do espírito do tempo” (DOSSE 2007, vol II, p.209).

⁵⁴ Para acompanhar as publicações desse período, ver (DOSSE 2007, vol II p.325).

Esse é realmente um fato que distingue duas perspectivas, a da participação no campo intelectual sob a influência dos paradigmas e a da reflexão a respeito dessa participação. Essa é uma condição necessária para que os paradigmas tenham o seu poder de atração, conversão e redução asseguradas. No caso da epistemologia por trás da *História do Estruturalismo*, essas características do paradigma são menos cognitivas do que propriamente sociológicas⁵⁵.

Outra característica é a consideração do próprio evento e da matéria narrada na obra de Dosse, muitas vezes fortuita e sem seguir um teleologismo próprio, o que revela razões e causas diversas por trás dos acontecimentos significativos que, esses sim, compõem uma trama seqüencial.

Como é possível concluir após a análise detalhada de diversos casos na *História do Estruturalismo*, percebe-se que Dosse realiza sua história intelectual captando-a em seu próprio dinamismo, que se revela especialmente no nível das inter-relações entre os paradigmas, nos diferentes períodos considerados. Essa se dá muitas vezes de forma paradoxal, conciliando tendências e momentos divergentes e fragmentados, possíveis, contudo, não pela afinidade natural entre os paradigmas, mas pela capacidade do intelectual de articular tais partes por meio da criação de pontos de coerência e, assim, chegar a novas elaborações teóricas ou pesquisas acabadas nos quais convivem diversos elementos desses paradigmas.

2.2.3 Inovação e evolução do paradigma.

Além de todas as confluências intelectuais já destacadas até o momento, há na obra casos de inovação, nos quais novos modelos teóricos ou paradigmas não são

⁵⁵ Pode-se afirmar, nesse sentido, analogamente, que os pressupostos de Dosse se aproximariam mais de Bourdieu do que Thomas Kuhn.

simplesmente herdados de momentos anteriores ao do período considerado na pesquisa, mas surgem durante o processo de interação entre os autores e entre os paradigmas. A evolução destes últimos no decorrer da obra depende diretamente dos novos significados e novas orientações, capazes de romper com a influência viciada de um paradigma.

Na *História do Estruturalismo* a inovação aparece de algumas maneiras. A mais significativa e comum ocorre quando um autor cria uma orientação nova a partir de um conteúdo teórico ou paradigma já existentes. Praticamente todas as idéias presentes na obra não surgem do nada, mas sim a partir de um conceito que as antecede. Algumas das vezes, a interação com este conceito é detalhada e revela a importância das relações interpessoais e as motivações individuais como elementos cruciais para instigar a elaboração dos conteúdos novos.

O exemplo de Levi-Strauss é representativo de tudo isso; o momento na obra em que fica clara a inovação. Quando Dosse afirma que Levi-Strauss “inova *stricto sensu*, ao transpor para a antropologia o modelo lingüístico”⁵⁶ (DOSSE 2007, p.46), enquanto o paradigma dominante era o da antropologia física. Levi-Strauss, movimentando-se, então, na contracorrente, buscará nas ciências humanas o modelo de cientificidade. Isso é explicado pelo próprio autor, motivado em desviar a sua produção intelectual do racismo, componente marcante da antropologia física, agregado de um “risco ideológico” no período pós-guerra. “É a uma verdadeira conversão a que se assiste em meados da década de 1950” (DOSSE 2007, p.35). Esse fenômeno é direcionado para as idéias de Levi-Strauss, responsável pela conversão de uma geração inteira. A forma como Dosse coloca esse fato, evidencia uma decisão estratégica, mais do que a simples filiação a uma idéia.

⁵⁶ Em vários momentos, tal filiação, a da presença do modelo lingüístico, passa de autor para autor, de disciplina para disciplina (DOSSE 2007, p.42).

Outro termo que o credencia a trazer algo novo no cenário intelectual, é o termo utilizado por Dosse: revolução “lévi-straussiana”, por meio da “desbiologização” do objeto da antropologia em nome da abordagem semiológica (DOSSE 2007, p.51). Ademais, Strauss promove outra inovação, ao retomar a distinção de Saussure entre significante e significado e adaptá-lo ao terreno antropológico, “ao atribuir ao significante o lugar de estrutura e ao significado o do sentido, ao passo que em Saussure trata-se, antes, de opor som e conceito”. (DOSSE 2007, p.54). É nesse momento que Lévi-Strauss “reassume totalmente a preponderância da sincronia própria da lingüística saussuriana” (DOSSE 2007, p.55), sendo esse o grande motivo das querelas com a história.

O ponto de articulação do estruturalismo no pensamento de Lévi-Strauss se dá no nível do inconsciente. Este é tido como algo que está “sempre vazio; ou, mais exatamente, ele é tão estranho às imagens quanto o estômago aos alimentos que por ele passam”, cuja função é a de “impor leis estruturais” (LÉVI-STRAUSS 1950. P.125), sendo estranho à historicidade do indivíduo (DOSSE 2007, p.166). É a partir dessa definição e desse conceito que Lacan lança as bases de uma álgebra significativa, “da mesma maneira que Lévi-Strauss realizou em antropologia” (DOSSE 2007, p.166).

Na obra *La Pensée Sauvage* (REF), Strauss dá mais um passo em direção à consolidação de suas idéias, mostrando uma universalidade por trás das diferenças de conteúdo no pensamento selvagem; confere-lhe bases sintéticas e analíticas, retirando o afetivo de cena (DOSSE 2007, p.308). Nesse caso, tal obra serve para organizar e sistematizar o impulso inovador lançado em obras anteriores. Fica visível, portanto, a idéia de que o pensamento científico provoca uma abertura, enquanto o pensamento selvagem permanece cíclico e fechado, ao contrário do que era imaginado anteriormente.

Fica evidente aí o grau de compartilhamento das idéias e o quanto é importante a recuperação dos laços intelectuais entre os pensadores para um entendimento mais crítico e aprofundado da gênese de suas idéias. Esse, por sua vez, abre espaço para uma

compreensão diferenciada dos objetos em questão, justamente por que insere as idéias dos autores dentro de um contexto mais compartilhado de idéias, ou seja, sua própria historicidade.

A inovação consiste aqui primeiro na incorporação de uma influência intelectual, formando a partir daí, em combinação com o próprio pensamento do autor, algo genuíno. Ela consiste, portanto, mais na forma como fazer do que na inovação em sua acepção mais espontânea, pois o que se observa no estudo de Dosse a partir daí, é a forma como Strauss foi capaz de harmonizar, com a expressão concreta de seu pensamento, todas as correntes nas quais se filiou, ilustrada em suas obras, depoimentos e considerações alheias sobre ele. Outra vez, tal fato se confirma na herança dos conceitos de Marcel Mauss na obra de Lévi-Strauss, pois a matematização e a redução a um sistema lógico implicaram em um sentido diferente para a operação da teoria da reciprocidade de Mauss, que perdeu o seu conteúdo vivencial, constituído na experiência (DOSSE 2007, p.65)

Sem criar uma entidade fixa, Dosse perscruta o seu pensamento em movimento, o que contrasta com um procedimento de análise estrutural e predominantemente sincrônico, mesmo quando se trata da apreensão da expressão filosófica do autor. O maior exemplo disso é a mudança do autor em direção da linguagem neural, nos últimos capítulos do livro. Ademais, é um processo colaborativo, o qual depende da interação entre dois ou mais elementos. Isso é decorrência da base epistemológica da *História do Estruturalismo*, por assumir, como pressuposto, uma visão em rede dos contextos intelectuais que envolvem o estruturalismo.

Outra parte importante da obra em que uma ruptura epistemológica fica evidente é quando Dosse trata das posições assumidas pela filosofia dentro do movimento estruturalista. Entre o início das principais contribuições para uma posição nova para a filosofia dentro do universo acadêmico francês, com o pensamento de Guérault e os conceitos e métodos elaborados por Foucault, fica evidente que o autor que mais inova

dentro dessa rede de contribuições filosóficas é o mentor intelectual de Foucault, Canguilhem. A ele é atribuído por Dosse, usando a citação do próprio Althusser, a “renovação do pensamento epistemológico que rompe não só com as crônicas científicas descritivas, mas também com uma abordagem idealista da história do progresso das ciências, seja ela mecanicista (...) ou dialética” (DOSSE 2007, p.136).

Outros casos de evolução do paradigma estruturalistas são possíveis de serem encontrados quando Dosse trata dos anos 60, marcados como a fase de ouro do estruturalismo. Durante esse período há uma mudança significativa de orientação do cerne do paradigma estruturalista em uma de suas disciplinas, a psicanálise, que se volta para o logicismo por influência de Lacan. Este, por sua vez, busca uma nova combinação com o logicismo de Frege presente em Althusser (DOSSE 2007, p.294).

A evolução do paradigma fica, nesse período, a cargo de Althusser, que tem um papel importante como protagonista do desenvolvimento do paradigma estrutural. Devido a essa função, são expostos a seguir os pontos mais relevantes dos desdobramentos de sua produção intelectual. Antes dele, o estruturalismo encontrava-se imobilizado, “sem poder ser apreendido em suas contradições internas, em suas superações possíveis” (DOSSE 2007, p.399); tudo isso devido à ausência da história. Althusser é responsável, de acordo com Dosse, por dar um ponto de sutura à essa estrutura atrofiada, com o recurso à ideologia, que desempenhará, na forma de uma categoria invariante, um papel semelhante ao do simbólico em Lacan e Lévi-Strauss (DOSSE 2007, p.399).

Ele conseguirá ir, portanto, além da noção de relação instrumental típica à vulgata marxista. É por meio de Althusser que o marxismo adquire, portanto, um segundo fôlego no cenário intelectual francês, à maneira de Chomsky com a linguística; sua influência estende-se para a maioria dos *campi* universitários da França (DOSSE 2007, p.402). Ademais, ela serve como “rampa de lançamento de iniciativas de transformação das ciências sociais” (DOSSE 2007, p.402), cuja influência alcançará a economia, a

antropologia e a linguística. Mas a sua maior aproximação é realizada em torno de Lacan ao identificar uma analogia metodológica e crítica entre as duas correntes, com a filiação no par Freud/Marx (DOSSE 2007, p.407).

A posição ao mesmo tempo de filiação e distanciamento do paradigma estruturalista, praticada por Althusser, em nome do marxismo, é emblemática. Nesse caso, o autor se apodera do “lado cientista de um positivismo lingüístico bem-sucedido, que se julga capaz de interpretar todos os domínios do saber numa semiologia global, a partir de um modelo fonológico simples” (DOSSE 2007, p.380) e a posição de ataque ao humanismo, mas também mantendo uma postura crítica proveniente de sua filiação nietzscheana e da influência de Canguilhem. Outra influência recebida é o corte epistemológico de Bachelard, que separa ideologia de ciência. Ele a integra com a orientação científica estruturalista, para, de forma estratégica, gerar um marxismo renovado como opção ao modelo tradicional defendido pelas instituições de esquerda francesa.

O novo marxismo defendido por Althusser tem o estruturalismo como linha de inspiração, com a idéia da ontologização das estruturas. Foi também responsável por colocar a epistemologia em moda, sob o julgo de se fazer ciência e não filosofia. Tornase, portanto um intelectual que atrai todos aqueles que queriam sair dos academismos, para um programa que se propõe ser científico, claro e objetivo.

Há também os casos de filiação entre os pensamentos desenvolvidos pelos autores, resultando na junção de dois paradigmas interiores ao estruturalismo, o de Althusser e o de Lacan. Essa junção se dá pela escolha epistemológica entre a psicanálise e a filosofia. Esse é um caso no qual a comensurabilidade é de tal modo flexível que abre espaço para esse tipo de experiência (DOSSE 2007, p.396-397).

Ao analisar o percurso do paradigma estruturalista durante esse período, é possível entender de forma sucinta a passagem e a evolução dos principais significados

apontados. Para além da descrição mais detalhada do pensamento de cada autor, grupo, ou instituição, que implica na hierarquização e na estrutura funcional apreendida em sua pesquisa do estruturalismo, o movimento que se desenha no nível dos conceitos segue uma lógica própria de transferência. Nesse aspecto, a cientificidade do paradigma estruturalista assume o seu ponto forte de articulação em dois autores, em especial, Lévi-Strauss e Lacan. No nível do pensamento, ela se torna possível com o embasamento na lingüística saussuriana, que por sua vez é redirecionada, sendo aplicada sobre um objeto específico, capaz de ditar de forma significativa o desenvolvimento subsequente do movimento estruturalista: o inconsciente. Este por sua vez, reflete e ao mesmo tempo é responsável pela superioridade do significante sobre o significado (GEORGIN, R. 1983. p,125. D, 166). Esse percurso implica na a-historização e no anti-humanismo das disciplinas, e, principalmente, na visão sincrônica compartilhada por todo o movimento.

A releitura feita do inconsciente freudiano reflete o mesmo mecanismo de apropriação da semiótica saussuriana. O paradigma estruturalista absorve apenas os conceitos que lhe são legítimos sob o ponto de vista de sua metodologia, conceitos e objetivos. No caso, apenas a realidade tópica do inconsciente freudiano é considerada, enquanto que a realidade afetiva é descartada (DOSSE 2007, p.124). Isso por uma explicação muito simples, centrada em um conjunto de aspectos valorizados pelo estruturalismo: a cientificidade, a objetividade sistemática e a retirada de qualquer aspecto relacionado ao indivíduo e à historicidade.

Esses três elementos, quando tomados por si só, resultam na negação da afetividade do campo de análise. Em Lacan, a ordem simbólica chega ao ponto de ser considerada como algo vazio, simples função de troca (DOSSE 2007, p.170). Há, porém, uma diferença nas leituras feitas por Lévi-Strauss e Lacan, sendo este último acusado de ter na verdade trabalhado com o pré-consciente (DOSSE 2007, p.169). Aqui reside uma das características proeminentes na *História do Estruturalismo*, quando considerado o

núcleo eo paradigma estruturalista. A sua capacidade de induzir na percepção de valor dos conteúdos da realidade, seguindo critérios de semelhança a suas orientações teóricas. Isso ocorre de forma impessoal, porque é o paradigma a entidade responsável pela seleção de conteúdos, apesar de estar embutido na figura de um autor e se confundir com suas escolhas.

A principal invenção de Lacan consiste no tripé Real/Simbólico/Imaginário (RSI) que resulta em uma inversão do inconsciente freudiano no que toca ao seu acesso, apreensível agora na “superfície das palavras, em tropeços e vacilações do dizer” (DOSSE 2007, p.174). No caso de Foucault, a inovação dentro do paradigma estruturalista são os seus métodos de análise, aglutinando novamente a filosofia dentro do debate, a inserção da história em contraponto às sociedades frias de Lévi-Strauss, sem se utilizar do recurso ao cientificismo: “embora não compartilhe do cientismo próprio dos outros defensores do movimento” alimenta-se do estruturalismo (DOSSE 2007, p.428). Suspeito com relação à noção teleológica de progresso da história, busca sincronias dentro das descontinuidades, sendo o seu conceito de *episteme* o elemento balizador de tal lógica epistemológica.

Dosse encontra em sua biografia os sentidos que levarão a certas construções teóricas e a certas noções; exemplo disso é a sua reflexão sobre a guerra, que irá incutir em seu desenvolvimento intelectual futuro “noções de estratégia, de tática dos poderes, de rupturas, de relações de força...” (DOSSE 2007, p.203). Com relação às influências, um exemplo que se destaca é Jean Hyppolite, quem “desenha a sua opção definitiva pela filosofia (...) que inicia os seus alunos em Hegel” (DOSSE 2007, p.204). Outro é o próprio Luis Althusser, que o inicia em Marx e o desperta para o rigor do método e para as instituições como objeto. (DOSSE 2007, p.206).

Além dos colegas de Ulm, dentre eles, Paul Veyne, freqüentava os seminários de Lacan no hospital Sainte-Anne. Mas aquele que realmente “insere” Foucault dentro do

estruturalismo é Georges Dumézil (DOSSE 2007, p.208), como ele próprio evidencia: “Por sua idéia de estrutura. Como fez Dumézil em relação aos mitos, eu tentei descobrir normas estruturadas da experiência cujo esquema pudesse ser reencontrado com modificações em diversos níveis” (FOUCAULT, 1961, DOSSE p.208). Não se trata de uma inovação completa o que virá a lançar, pois como afirma Dosse, de que o seu tutor, Canguilhem, já havia lançado as bases de uma história estrutural das ciências (DOSSE 2007, p.213).

O grande evento narrado por Dosse em relação à profusão de suas idéias é a defesa de sua tese sobre a loucura, na sala Louis-Liard na Sorbonne (DOSSE 2007, p.208). Nela tenta desarticular os efeitos do saber e do poder dentro da psiquiatria. Nela a análise histórica serve como “posição instrumental”, com o intuito de evitar a sacralização da ciência (DOSSE 2007, p.209), questionando a sua validade como verdade em troca de seu efeito de poder.

Foucault, com a noção de episteme tem como objeto o próprio homem em sua criação recente pela história. Ao acompanhar a sua ausência, contribui ainda mais com os objetivos do estruturalismo, de negar qualquer humanismo. A soberania do homem é recente e dependeu de alguns pensadores que execeram uma ruptura para a forma contemporânea de pensamento, como Propp, Adam Smith, Ricardo, Lamarck e Cuvier (DOSSE 2007, p.428).

Ele caminhará, porém, sempre à margem de um sucesso capaz de agregar todas as opiniões favoráveis, apesar de seu sucesso editorial. Quem será na verdade o agente consolidador de um programa estruturalista dentro da filosofia, reunindo as idéias de Cavallès e de Canguilhem será Michel Serres⁵⁷ (DOSSE 2007,p. 137).

⁵⁷ Sua visão histórica é sincrônica, com a sucessão de estratos, e é ele quem detecta uma segunda revolução no século 20 com a noção de estrutura (DOSSE 2007,p. 138). Como grande orquestrador do programa estruturalista, coloca a análise estrutural acima do sentido, sendo aquela um “conjunto operacional de significação indefinida” (DOSSE 2007,p. 138).

Outro momento de variação brusca do paradigma pode ser identificado na presença das teses de Chomsky, o que configura um novo alento para a linguística no cenário intelectual francês. Ela marca uma ruptura ainda mais acintosa para os modelos formais no corte saussuriano. A presença de suas idéias se deve ao papel de difusor por parte de Jean Dubois (DOSSE 2007, Vol II p.399). Outro intelectual que tentou uma síntese entre o seu pensamento e Lévi-Strauss, foi Dan Sperber. Essa nova fase da linguística é resultado de um grande mal-entendido a respeito das intenções de Chomsky contidas em sua obra, pois os leitores do estruturalismo valorizam nela a dinamização das estruturas, o que não é real no sentido original. Além desta última, uma outra característica epistemológica se torna muito atrativa, a possibilidade de testar hipóteses. O resultado final é o afastamento das ciências humanas, devido a sua grande especialização técnica.

Há um ano em que todos os paradigmas parecem convergir; trata-se de 1966, identificado por Dosse como o ano do apogeu do estruturalismo. Ele é assim classificado justamente pela efervescência intelectual. Tem-se aí editoras profusas do estruturalismo, como Le Seuil e Gallimard, e diversas publicações relevantes, de autores como Barthes, Greimas, coletâneas de Lacan, Todorov e Foucault. Este último tem tal envergadura, que ofusca as outras produções (DOSSE 2007, p.411).

Le mots et les choses atinge marcas extraordinárias; o seu sucesso é identificado por Dosse como causa para o lançamento da “Bibliothèque des sciences humaines” (DOSSE 2007, Vol II p.311). Por outro lado, há também uma intensa produção por parte das revistas, incluindo o surgimento de novas. O que acontece nos anos seguintes, marca a fase de crise do estruturalismo e este fenômeno será avaliado em capítulos subsequentes.

O ano de 1969 é crucial para os historiadores franceses, com a entrega da direção da revista dos *Annales* por Braudel a uma nova geração de historiadores, o que provoca

uma mudança drástica de orientação, na passagem da história econômica a das mentalidades. Essa nova geração trabalha no sentido de uma conciliação com o estruturalismo, marcando um projeto de pesquisa em comum e uma proposta de estruturalismo para os historiadores, inspirada nas sociedades frias de Lévi-Strauss, com a “diminuição da cadência da temporalidade (DOSSE 2007, vol II, p.285).

Esse caso é representativo do protagonismo do indivíduo na determinação dos paradigmas e pesquisas em uma área do conhecimento. A presença de Braudel, como foi detalhada na análise da *História em Migalhas*, marcou a pesquisa de toda uma geração. A gênese de sua concepção teórica e metodológica é fruto de sua interação pessoal com o contexto intelectual de sua época; mais do que a sua posição social, a sua habilidade e criatividade foram essenciais para chegar ao produto final de suas obras.

É possível, portanto, concluir que há dois movimentos que perpassam a pesquisa e a narrativa da obra de Dosse, os quais corroboram as categorias expostas anteriormente, o sincrônico e o diacrônico. Existe sim um programa contínuo que atravessa a história intelectual e desemboca em seu auge no movimento estruturalista, que pode ser considerado como o núcleo do paradigma. O que justamente dá sustentação para o núcleo se manter coeso é a contrapartida da dimensão social e institucional, com a perspectiva de Dosse de encontrar unidades quando considera as gerações ou grupos sociais. São os sujeitos anônimos presentes na obra, cuja função principal é a de dar suporte a paradigmas e idéias mais amplas e genéricas.

Na obra há uma emblemática citação de Dosse a respeito do sentido coletivo que une intelectualmente uma geração, o caso para “toda uma geração, o compromisso de uma vida, uma existência voltada para as novas interrogações, mais antropológicas, e que vão abandonar a filosofia clássica” (DOSSE 2007, p.34): "Essa conjunção perfeita - do campo do saber com a conjuntura política - permitiu ao estruturalismo ser o pólo de convergência de uma geração inteira que descobriu o mundo por trás da grade estrutural"

(DOSSE 2007, p.21). Essa constatação também é válida para indagar a noção de prevalência de um paradigma no cenário intelectual. Como pode ser ilustrado pela passagem explicativa na qual Durkheim privilegia o material dos historiadores em detrimento do etnográfico, pelo motivo de se tratar da “era do positivismo histórico” (DOSSE 2007, p.43).

Essa é uma explicação plausível, indicativa óbvia de que há um pano de fundo teórico responsável por validar, possibilitar e justificar os métodos adotados pelos intelectuais. Mais do que isso, permite justificar as diferenças e divergências, como no caso exposto acima, uma das principais diferenças entre Durkheim e Levi-Strauss, este último focado na dimensão empírica como forma de acessar a estrutura, apesar do elo de continuidade cientificista que os une.

Na perspectiva de uma leitura sincrônica dos fenômenos intelectuais, surge a questão dos fatores que pressionam para a inovação. Inicialmente, é preciso classificar algumas situações epistemológicas ideais, que servem como balizadoras da forma como a pesquisa se desenvolve. Para tanto, assumem-se os elementos analisados na pesquisa dentro de sistemas, o que permite considerar as seguintes situações: primeiro, uma concepção linear, na qual há causas e efeitos, porém os diferentes sistemas permanecem isolados, caracterizando um método prioritariamente descritivo; já uma segunda perspectiva abriria espaço para duas possibilidades, determinadas pela orientação de análise utilizada, a sincrônica ou diacrônica.

A diferença crucial seria o fato de a primeira considerar apenas relações estáticas e imediatas entre os sistemas, enquanto a outra seria avaliar tais relações dentro de um esquema de interações recíprocas, que implicam na influência de um elemento sobre o outro ao mesmo tempo que este é determinado por ele, pois insere a dimensão temporal dentro do campo de análise, a única forma por meio da qual esse tipo complexo de interação seria possível. Essa última configuração desperta para o método historiográfico,

o qual insere os elementos considerados para análise dentro de uma grade temporal, sem a necessidade desta ser explícita, mas ao menos abstrata e implícita.

A *História do Estruturalismo* está muito mais para cumprir esse último objetivo. Isso é possível de ser percebido na própria composição da obra, com os vários momentos diferenciados nos quais Dosse foca em um autor, de acordo com as mudanças mais significativas no cenário intelectual. Além disso, Dosse acompanha as principais mudanças de orientação dentro da produção intelectual de um autor, como é o exemplo do Althusser dos anos 70, diferente dos anos 60, cujo grande motivador dessa mudança foi o evento de Maio de 1968.

Há, como já foi visto, percalços que a história coloca no caminho das idéias e paradigmas, responsáveis pelo surgimento das particularidades em cada disciplina e autor em relação à proposta do programa contínuo. Essa se faz por dois motivos evidentes: a própria capacidade criativa dos autores e dos grupos, proveniente do próprio processo intelectual, das diferenças culturais e da presença nas redes intelectuais, grupos de pesquisas e instituições; a sucessão entre paradigmas dominantes, como o caso do positivismo histórico ou da semiologia sassuriana.

É nessa linha que Althusser inaugura uma nova modalidade, a da antropologia estrutural-althusseriana (DOSSE 2007, Vol II p.211), mais focada na práxis e passando a incorporar a ambição de realizar a tão desejada federação de todas as disciplinas das ciências humana (DOSSE 2007, Vol II p.223). Seu maior poder de atração reside em sua proposta de cientificidade, concretizada na conjugação entre estruturalismo e marxismo (DOSSE 2007, Vol II p.225). Mas esse protagonismo será breve, na medida em que a percepção das variáveis do jogo passam a identificar uma complexa combinatória, substituindo a visão binária dialética tradicional.

Nesse caso específico, Dosse acompanha, baseado na temporalidade, as vicissitudes apresentadas na configuração do paradigma estruturalista, manifestada nas

diferentes disciplinas. Como já foi apontado anteriormente, a origem destas mudanças é variável, podendo ser consequência de eventos sociais externos, como o caso de Maio de 68, da inserção e interação de novos paradigmas, da introdução do gerativismo no contexto intelectual francês e do efeito da própria seqüência de interações entre os próprios elementos internos ao paradigma, como o relacionamento entre os autores, novas obras, publicações e eventos como congressos. Nesse sentido, o evento de maio de 68 é sintomático.

As razões do êxito do pensamento de Lévi-Strauss é também um caso que depende dos acontecimentos históricos de maior magnitude, responsáveis pela valorização de um terceiro caminho e dos povos de cor como é apontado por Dosse em relação as Conferências Nova Déli (1949) e de Bandung (1955), ao contexto de descolonização e da diversidade das culturas e a preocupação crescente e o financiamento proveniente da Unesco com as ciências sociais e os problemas sociais e culturais do mundo pós-guerra (DOSSE 2007, p.181).

O caso de Bandung desperta um verdadeiro frenesi em torno da experiência cultural do exotismo no velho continente (DOSSE 2007, p.185). Esse momento, com essa sensibilidade desperta, é muito oportuno para o surgimento do livro *Tristes Tropiques*, em 1955 (DOSSE 2007, p.186). Este é colocado por Dosse dentro da categoria de livro-evento, com um triunfo extremo: “Ele realiza a abertura espetacular que tanto desejava para a antropologia e para o programa estruturalista, instalando-os no mais íntimo daqueles que projetavam o mundo intelectual francês” (DOSSE 2007, p.186).

O grande segredo do sucesso é apontado por Dosse na sintonia entre “um novo estado de espírito” e o conteúdo da obra. O primeiro pode ser definido como uma vontade pela fuga dos compromissos de outrora, mas sem “abandonar as exigências da Razão”, com a aplicação em novos objetos. (DOSSE 2007, p.186). O sucesso é a tal ponto que Lévi-Strauss se torna o pólo de convergência das conversões de pesquisadores de outras

áreas para a antropologia. (DOSSE 2007, p.193). Mas isso ainda à revelia da inserção nas instituições universitárias, cuja entrada dependerá de acontecimentos de amplitude social mais significativa, como maio de 1968.

A “aceleração histórica” ocasionada pelos acontecimentos de 1968, conforme afirma Dosse, resultou em um maior número de experiências e interações dentro de uma duração de tempo menor, resultando em um número maior de variações e inovações. O que mostra a estreita ligação entre os fenômenos sociais e o campo intelectual (das idéias). A passagem da obra, acima, é a prova de umas das principais características epistemológicas da *História do Estruturalismo* e uma de suas principais contribuições para a historiografia e filosofia da ciência em geral.

A influência do meio social sobre a produção intelectual não é estabelecida por um elo direto nem por uma concepção determinista, como uma linha de pensamento, por exemplo, como a de Pierre Bourdieu poderia fazer crer. O elo justamente reside na dinâmica das interações entre os vários elementos que constituem a tessitura do contexto intelectual e não no elemento em si. Dessa forma, há um profundo respeito à historicidade dos fenômenos, tanto do ponto de vista individual, quanto coletivo. Esse último aspecto é o que diferencia a obra. Evitando simples relações de causa e efeito, Dosse também mantém a historicidade no nível das interações, ao terem o seu elo de sentido e serem constituídas historicamente.

CAPÍTULO 3 – A História do Estruturalismo - Estratégias, Grupos de pesquisa e Instituições

Na *História do Estruturalismo* há uma hierarquia de importância no movimento estruturalista em relação aos seus elementos internos, cujo cerne são os autores centrais, para quem são dedicados capítulos ou sessões inteiras. A sua volta circunda uma constelação de autores secundários, composta pelos seguidores diretos dos autores centrais e outros intelectuais com quem foram realizadas entrevistas, com o intuito de construir uma micro-história dos principais momentos do movimento. Depois dos autores, entram em cena as diversas revistas e congressos, seguidos das instituições como Sorbonne. Por último, há a percepção das fases do movimento estruturalistas pela mídia.

Com base nessa hierarquia, Dosse se ocupa em construir uma breve história dos grupos de pesquisa, mostrando a dinâmica interna de sua gênese, sem tomá-los como algo dado, e sim, passíveis de mudanças significativas em decorrência de qualquer realocação ou reorientação intelectual de seus integrantes. Um dos casos mais significativos é a saída de Jakobson do círculo lingüístico de Moscou para o círculo de Praga, o que simplesmente resultou no fato do estruturalismo ter se desenvolvido no ocidente e não na União Soviética, um mero “acidente de história” (DOSSE 2007, p.96).

É justamente do círculo de Praga, a partir de 1929, que sairão “os trabalhos que definirão um programa explicitamente estruturalista”, com o próprio círculo se autodenominando dessa forma (DOSSE 2007, p.97). Além das relações com o Círculo de Viena e o Círculo de Copenhague, as teses de 1929 “vão ter valor de programa para várias gerações de lingüistas. Nesse momento que o I Congresso de Lingüística Geral em Haia em 1928 irá contribuir para a difusão do estruturalismo no ocidente.

Com a fuga de Jakobson para Nova York, houve uma receptividade de suas teses pois já havia sido fundado aí, em 1934, o Círculo lingüístico de Nova York e a revista

Word, onde irá contribuir como parte de seu comitê de redação (DOSSE 2007, p.98), seguindo a sua proposta de colaboração entre lingüistas americanos e europeus.

A fonologia, apesar de todos os seus desenvolvimentos no campo estruturalista e suas contribuições, somente irá institucionalizar-se no final da década de 60 na França. Essa defasagem é um dos pontos fortes na obra de Dosse, considerando dois focos historiográficos distintos, a história do conceito (do foco epistemológico), e a história institucional. Esta última, depende dos acontecimento das instituições universitárias, presas a um tradicionalismo, de que a Sorbonne é o exemplo maior. É justamente no encontro entre essas duas dimensões historiográfica é que aparece o campo da estratégia.

Vale observar que o encontro de dois intelectuais é um evento crucial para o desenvolvimento das idéias, como é o caso do encontro entre Levi-Strauss e Jakobson em Nova York. Há uma troca de conceitos e idéias entre eles, e esta é significativa a ponto de ser a responsável pelo nascimento da antropologia estrutural.

Os meios lingüistas tradicionais estão tomados pela figura de um intelectual, Antoine Meillet, uma sociedade de linguística e um *Bulletin* dessa sociedade (DOSSE 2007, p.101). Casos atípicos apareciam, como o caso da École des Hauts Études, em torno de Guillaume, e outras instituições, como o Collège de France, o Institut de Linguistique ou Estrasbrugo. Além das instituições propriamente ditas, os colóquios e os congressos têm um papel fundamental na difusão do que se tinha de mais moderno. Tais eventos congregavam um comunidade internacional. Além deles, são criados revistas acadêmicas, muitas delas com o propósito claro de contornar a Sorbonne, como é o caso de Gaston Berger com a *Études de linguistique appliquée* (DOSSE 2007, p.105).

A situação era, porém, de completa defasagem entre a Sorbonne e a vanguarda intelectual, motivada pela dispersão geográfica dos intelectuais modernos, do desconhecimento por alguns estudiosos classicistas das mais moderna teorias, ou pelo

menos de Saussure, ou seja o desconhecimento da lingüística como disciplina autônoma, do encerramento das universidades francesas dentro das fronteiras de seu país e da prática didática e escolar (DOSSE 2007, p.105).

Tal dispersão geográfica de intelectuais se concentra sempre em torno de revistas acadêmicas e centro de estudos, como é o caso de André Martinet, em cujo exílio colaborou com a revista *Word*. É, porém, nesses locais que há o diálogo entre diferentes paradigmas e disciplinas, justamente pelas diferenças culturais, em um primeiro plano, que marcam linhas bem distintas de pesquisa, como a anglo-saxônica e a francesa, por exemplo. Quando regressa à França, Martinet é um exemplo de um intelectual que se insere com dificuldades na Sorbonne, tendo a desconfiança do seu quadro geral de docentes. Ele se torna, pelo menos, a porta de entrada de um conhecimento renovador.

Cumprе ressaltar que as instituições universitárias marcam a consagração dos autores em estudo na obra e conseqüentemente o paradigma que suporta as suas idéias. Principalmente as centrais, como o Collège de France e a Sorbonne. Mas esse não é o único passo necessário para configurar a prevalência de uma disciplina. O mecanismo conta com a criação de grupos e laboratórios de pesquisa; a mobilização que realmente é responsável pela proliferação de uma disciplina são os mecanismos em torno das grandes universidades, como as instituições especializadas de pesquisa, os grupos, os congressos e as revistas. Lévi-Strauss se utiliza de todos esses instrumentos, pois como Braudel, “está consciente de que, para a realização de um projeto tão ambicioso, é necessário dotar-se de sólidas bases institucionais” (DOSSE 2007, p.253). Após essas conquistas de início da década de 60, o seu programa florescerá, até 1966.

O papel estratégico das revistas é reconhecido por Dosse, pois de acordo com ele, constituem “o lugar de sociabilidade privilegiado e o quadro ideal para fazer a força do paradigma estruturalista”, além de possibilitar o contorno das instituições tradicionais, formando “locais de confluências e de trocas, sólidos núcleos a partir do quais a influência

progride em círculos concêntricos” (DOSSE 2007, p.359). Nela, são destacadas algumas características fundamentais, como a sua “flexibilidade estrutural” a sua agilidade em poder “refletir nos mais breves prazos de tempo os debates e combates teóricos, os avanços teóricos” (DOSSE 2007, p.359).

Algumas publicações adquirem, inclusive, o *status* de evento por Dosse e essa é uma categoria significativa dentro de sua obra; é ela que distingue um acontecimento que apenas faz parte do conjunto de elementos considerados dentro de uma categoria em um momento específico, cuja utilidade dentro da narrativa da obra é meramente ilustrativa, de outro que marca profundamente o cenário em que se insere. Um exemplo é a própria publicação *Le mots et les choses* de Foucault; outro é o número 8 da revista *Communications*, que reuniu nomes notáveis da semiologia (DOSSE 2007, p.414). Este último, além do notável impacto possui um valor programático.

Os periódicos também são um sinal das novas configurações dos paradigmas, das reformas institucionais e das tendências intelectuais. Nos principais períodos de efervescência intelectual, Dosse enumera os mais relevantes periódicos, seus autores e suas linhas de pesquisa. Para o autor, “as revistas são sempre, nesse período, o meio privilegiado das confrontações teóricas” (DOSSE 2007, vol II, p.205). Exemplo disso é o momento posterior à Maio de 1968 (DOSSE 2007, vol II, p.197). Alguns periódicos assumem papel mais protagonista, ao incorporar uma “unificação da modernização em curso nas ciências sociais”, como o *Tel Quel* (DOSSE 2007, vol II, p.200).

Nesse momento surgem e consolidam-se manuais consagrados que irão iniciar a geração dentro do paradigma estruturalista; esse é, então, um grande indicativo da maturidade e da profusão do paradigma. Esse ano também para os historiadores um período de muita produção intelectual.

Muitos grupos são mencionados por Dosse, dentre eles podem ser citados alguns, com o Ensino para a pesquisa em Antropologia Social, criado por Greimas e que dará

origem na futura equipe de Vincennes (DOSSE 2007, p.268). Um momento fundamental no qual a participação em um grupo intelectual foi crucial para o desenvolvimento do paradigma estruturalista, no caso o seu cerne científico, a semiótica. O local era o instituto Poincaré da Faculdade de Ciências de Paris, capaz de promover a proximidade entre matemáticos, lógicos e linguistas, cujo protagonista foi Greimas e em torno dele se encontraram importantes intelectuais como Todorov. É em consequência dessa instituição que, de acordo com Dosse, a semiótica determinou os seus objetivos para além de suas fronteiras disciplinares. (DOSSE 2007, p.282).

O caso da Escola de Paris, fundado em 1969, representa o encontro entre a antropologia estrutural e a semiologia de Saussure. Tal reunião, porém, não demora muito para ter suas primeiras dissensões, sendo a principal a divergência entre Levi-Strauss e Greimas em torno do estudo dos mitos. Com a consequente saída de Levi-Strauss, Greimas tomará o protagonismo frente a uma formalização cada vez mais rigorosa dos estudos linguísticos. Há também um movimento nesse período específico que tende, porém, à passagem de uma linguística de estado para um de operações, encarnada principalmente por Benveniste, o qual a enunciação é a marca principal.

Um exemplo ilustrativo da importância das redes de contato para o desenvolvimento de um paradigma e também como testemunho de caráter dinâmico e amplo é narrativa da chegada de Julia Kristeva ao cenário intelectual francês (DOSSE 2007, p.439). A sua entrada no círculo principal de intelectual deveu-se ao relacionamento Philippe Sollers, o que a colocou dentro do círculo interno de *Tel Quel* resultou no contato direto com Todorov, Benveniste e Lacan (DOSSE 2007, p.440).

Outra razão do sucesso da antropologia é colocada sobre a conjunção de três pólos, o indianista, o africanista e o técnico, responsáveis pela dinamização da pesquisa antropológica e com mecanismos que durarão trinta anos (DOSSE 2007, p.198). Mas como aponta Dosse, e isso é um fator importantíssimo, a ambição do estruturalismo

atravessa o que lhe próprio em seu campo de pesquisa e em sua personalidade, pois está acoplado dentro de um sentido muito mais amplo, o de um *pathos* terceiro mundista (DOSSE 2007, p.186). É o desejo coletivo de se afastar da própria sociedade e dos modelos racionais habituais que encadeia todos os desenvolvimentos subseqüentes em torno do estruturalismo; este é o seu esteio.

Outro aspecto que Dosse retoma da *História em Migalhas* é a atenção central dada às estratégias, o que abarca dois níveis, o do próprio pensamento do intelectual e os relacionamentos institucionais e pessoais. Ela é o ponto de encontro entre essas dimensões. Há algumas estratégias recorrentes na obra, as quais gravitam em torno de algumas esferas de poder bem delimitadas e definidas por Dosse. Uma das mais representativas é a que partia da lógica da dicotomia entre a periferia, representante da modernidade, e o entorno de Paris, representante do tradicionalismo e centrada na figura da Sorbonne. Faz-se uma guerra pelos espaços universitários mais valorizados. Ela é denominada, por sua vez, como “estratégia de conquista”.

Uma de suas facetas resultou na criação de um ambiente propício para organização de grupos de trabalho, fora das intuições de pesquisa, pois não um centro dinamizador (DOSSE 2007, p.266). Enquanto que o meio “tradicional”, representada pela Sorbonne, permanece reativa.

Há, porém, um paradoxo que é estudado com maiores detalhes por Dosse, evidenciado principalmente no relacionamento entre Nanterre e a linha de pensamento estruturalista. Apesar das duas principais personalidades que dominam a ideologia da universidade, Henri Lefebvre e Alain Touraine, terem um posicionamento intelectual oposto ao do estruturalismo, os seus pupilos produzem “uma realidade sincrética feita de convicções contraditórias” (DOSSE 2007, vol II, p.144). Apesar desse contato, os departamentos de ciências humanas de Nanterre permaneceram sem aderir ao

estruturalismo, destacando-se nesse sentido Paul Ricoeur e Emmanuel Lévinas. Exerceu apenas alguma influência no setor literário, como Jean Dubois.

Não somente no universo das intuições, mas também na própria formulação dos discursos teóricos e dos paradigmas, há características polarizadoras da estratégia. Como já foi apontado na *História em Migalhas*, há uma tendência em Dosse de qualificar uma propensão dos paradigmas que apresentam maior sucesso à sua capacidade de assimilações dos pontos fortes e de maior sucesso frente aos grupos intelectuais. É do encontro dessa razão com os núcleos de poder institucional que se definem o sentido e a direção dos acontecimentos na obra. Para tanto, há vários casos que podem ser citados.

A visão estratégica apresentada pela obra aparece quando Dosse se apóia no estudo de Georges Mounin (MOUNIN, 1970, p.202; 245), o qual mostra uma intenção estratégica por trás da utilização da linguística por Lévi-Strauss, que por trás de uma inadequação e utilização confusa dos conceitos, aproveita-se da força de propulsão dessa disciplina. Em outras palavras, muito menos preocupado com o rigor científico e fidedigno próprio da linguística, o que o leva a torná-la central em suas teorias é mais uma intenção estratégica de fazer prevalecer a antropologia estrutural. Outro grande estrategista, nessa mesma linha, é Braudel, capaz de incorporar a longa duração sem uma preocupação detida com as implicações teóricas, mas mais como uma forma de defesa da história frente aos ataques da antropologia estrutural.

O fato de Levi-Strauss lançar o desafio original de Simiand aos historiadores, agora com o suporte dos “avanços mais modernos e mais eficientes das ciências humanas”, é o ataque mais severo que a história receberá. Cumprindo o duplo desafio de preencher duas carências, responder às insuficiências científicas dos modelos historiográficos tradicionais, visto que as inovações perpetradas pelo *Annales* não foram assimiladas por todas as ciências sociais, e pretendendo uma resposta imediata, que resolva tais carências ao convergir as atenções para o cumprimento de um novo

programa. Dessa forma, a conversão para o programa do novo paradigma é imediata, apesar de haver um novo universo à explorar para a sua concretização.

Além dos embates no campo próprio das disciplinas, cuja exclusividade fazia-se somente no campo das idéias, sendo o mais destacado o da história contra a antropologia, havia o embate institucional, entre antigos e modernos. Este colocava as instituições mais tradicionais contra os intelectuais que personificavam os anseios contidos por uma nova geração. O peso de instituições como a Sorbonne impunham, porém, “a marginalidade aos contestadores” (DOSSE 2007, p.257), obrigando-os a buscar meios alternativos para a sua própria sobrevivência e para o desenvolvimento de suas estratégias de luta. Era necessário atingir um eleitorado o mais amplo possível e por esse motivo se fazia uso de seminários e a proliferação de revistas.

Para entender a reflexão epistemológica de Dosse, é necessário ter em vista a estratégia dentro de uma perspectiva semelhante à teoria dos jogos. De um lado, a lógica que faz um grupo se utilizar de determinados meios de divulgação, de organização e de estruturação de seu pensamento com a configuração de novas características a partir de um paradigma central, como é o caso do estruturalismo, e de outro, os motivos que o leva a tanto, manifestos pelo posicionamento do grupo rival.

Mas 1964 é identificado como o início da ruptura da Sorbonne, isso em consequência a um fenômeno mais global, o da nova geração em torno das letras e Ciências Humanas (DOSSE 2007, p.271). A criação da universidade de Nanterre tem um valor estratégico na ocupação de Sorbonne, pela sua proximidade e concentração nas faculdades de Letras. Nela, destaca-se a liderança de Jean Dubois, cujo poder se se projeta em duas dimensões decisivas, como editor na Larousse e a posição de professor titular. Mas 1964 é identificado como o início da ruptura da Sorbonne, isso em consequência a um fenômeno mais global, o da nova geração em torno das letras e Ciências Humanas (DOSSE 2007, p.271).

Tem-se o manifesto da linguística estrutural a revista *Communications* (1964), com publicações de Todorov, Claude Brémond, Roland Barthes, tendo este último um papel crucial para a própria definição da “atividade estruturalista”, que seria definir as regras de funcionamento de um objeto quando de sua reconstituição (DOSSE 2007, p.277). O interesse seria sobre o ato produtor de sentido e não pelo próprio conteúdo. Mas ele define o estruturalismo não como uma simples reprodução do mundo tal como ele é, mas sim do que torna possível o sentido (DOSSE 2007, p.277), expondo as suas condições de validade (DOSSE 2007, p.278). Define a nova consciência que surge do estruturalismo como a consciência paradigmática, em lugar da simbólica, justamente pelo ponto de vista comparatista, sempre com alusão à forma (DOSSE 2007, p.278). Esse mecanismo epistemológico tem, em verdade, o objetivo de desconstrução dos modelos, das lógicas e da ideologia, sempre partindo de uma perspectiva interna.

A conquista de espaços universitários cumpriu parte da estratégia de difusão e busca por legitimidade por parte do paradigma estruturalista. Nesse processo, são indicados por Dosse os significados que cada apropriação revela no seu contexto histórico; além das que já foram citadas, pode-se ter como exemplo a Escola Normal Superior. Sua presença representa um lugar privilegiado para a legitimidade científica (DOSSE 2007, p.373). Em Ulm, tem-se o papel protagonista de Althusser, responsável pela criação de um centro epicentro da ideologia estruturalista.

Vicennes é considerada por Dosse como um exemplo emblemático. Traz em seus quadros de lideranças, os principais personagens do estruturalismo. É projetada sob os moldes das principais universidades americanas e é onde se concentram os mais radicais envolvidos no movimento de Maio de 68; proliferam aí as principais linhas científicas da área linguísticas, como o gerativismo. Nela há uma replicação dos intelectuais que anteriormente habitavam Ulm, por influência de Foucault. Mais uma vez a ambiguidade é

ênfatisada na obra, quando Vicennes é colocada como ao mesmo tempo detentora do discurso científico e do delirante (DOSSE 2007, vol II, p.195).

No caso da Filosofia, essa configuração institucional possibilitou uma grande efervescência em torno de três ciências humanas, a psicanálise, a antropologia e a linguística; tratava-se do próprio trio de base do estruturalismo. A nova operação filosófica, de imersão na metodologia dessas três ciências, expandiu-se para além de suas problemáticas tradicionais, ao “servir-se do rigor dessas disciplinas para desmontar-lhes simultaneamente o cientismo em nome de uma teoria superior a essas práticas teóricas”. (DOSSE 2007, p.377).

Para o sucesso das idéias de Lacan e para a conquista do espaço institucional, a estratégia foi um elemento fundamental. Assim como afirma Dosse, o período entre a cisão de 1953 e a excomunhão de 1963 (DOSSE 2007, p.317), é o momento no qual Lacan consolida suas posições. Ele concretiza essa ação de duas maneiras, simultâneas; de um lado ampara suas teses na estreita filiação ao paradigma estruturalista, o qual desenvolvia-se e cada vez mais tornava-se proeminente dentro do horizonte da intelectualidade francesa; de outro, é responsável por várias cisões dissoluções dentro do grupo psicanalítico, mas sempre busca reagrupar os seus fiéis dentro de novas instituições de pesquisa, como a Escola Freudiana de Paris (DOSSE 2007, p.317).

O momento chave, porém, proveio da aliança com Braudel e Althusser, quem faz o convite para Lacan instituir uma unidade na 6ª Seção da EPHE na Escola Normal Superior (DOSSE 2007, p.317), o que é responsável pela atração de um público e um prestígio maiores, devido ao deslocamento geográfico e o prestígio adquirido pelo apoio dos filósofos e historiadores da envergadura de Braudel.

Outra atitude que reverteu em sucesso, foi a de criar um dinamismo do saber analítico no interior de suas posições institucionais, promovendo um trabalho contínuo entre os analistas, a fim de evitar fincar-se em um dogma (DOSSE 2007, p.329). Esta

última, como já foi observado, é uma característica muito valorizada por Dosse e representa uma vantagem para se destacar no cenário intelectual.

A forma de revolta representada pelo estruturalismo tem um papel chave para o seu sucesso, pois centra-se na crítica ao conjunto da civilização ocidental, ao invés de qualquer aspecto isolado. O embate se faz contra o ideológico e a doxa, na própria desmontagem de suas construções e se contém nesse nível.

Enquanto o marxismo, enquanto orientação intelectual, leva a uma orientação ativista justamente pelo foco em questões econômicas e sociais tidas nesse caso como fulcrais para o entendimento da sociedade; o estruturalismo, o paradigma genérico que lhe sucede de acordo com Dosse, permanece no nível da própria intelectualidade, compreendendo a cultura e os mecanismos ontológicos de funcionamento da humanidade. Em decorrência desse fato, o nível estratégico se faz na própria utilização dos conjuntos teóricos e disciplinares à disposição dos autores protagonistas do movimento, pois a articulação necessária leva em conta em sua seleção e posicionamento frente ao que é alvo da crítica.

No caso do estruturalismo, há a ainda a necessidade de um espaço criativo próprio, para além da própria ideologia tecnicista da sociedade contemporânea, mas que seja capaz de cumprir os seus objetivos, e essa se dá por meio da utilização e desenvolvimento da semiologia (DOSSE 2007, p.279). Esta se desenvolve em direção da constituição de uma grade analítica, de uma mesma consciência paradigmática (DOSSE 2007, p.279). Ela é, pode-se dizer, a base científica do estruturalismo e é partir daí que se preenchem todas as expectativas em torno de uma metodologia científica rigorosa, lógica e validada.

A mudança de orientação do paradigma estruturalista, do núcleo científico ao ideológico servirá como uma evolução estratégica, pois dará plasticidade para que o movimento seja capaz de assumir novos postos de poder e assim abalar a estrutura da

Sorbonne, o que fica visível na derrota de Ricoeur por Foucault na eleição ao Collège de France em 1969. Não somente essa é uma característica fundamental para entender o sucesso do paradigma estruturalista, mas sim é algo comum na própria obra de Dosse, pois sempre é dada como razão do sucesso de um paradigma a sua flexibilidade e com razão de sua estagnação um núcleo muito rigoroso e fechado do paradigma – no caso, uma formalização e a cientificidade.

Há um estágio de vulnerabilidade do paradigma quando suas fronteiras disciplinares se enfraquecem, o que se identifica pela precariedade no plano institucional ou que se encontra em busca pela identidade, quando há um conflito interno entre antigos e modernos, o que fica evidente quando do contágio pela linguística (DOSSE 2007, p.488).

Como suporte a essa construção ideológica, a mídia assume um papel decisivo dentro do cenário intelectual, como o afirma Dosse, “na difusão, reconhecimento e obtenção de legitimidade científica” (DOSSE 2007,p. 481). Fica claro, porém, que ela assume uma temporalidade diferenciada a do meio intelectual. Isso é visível quando Dosse identifica o biênio 1967 – 1968 como o período de efervescência do estruturalismo na mídia, apesar das “fundações do edifício” mostrarem as suas primeiras rachaduras (DOSSE 2007, vol II, p.103); apesar de várias manifestações críticas a respeito do estruturalismo, como é o exemplo de Jean-François Revel por meio do *L’Express*, François Châtelet, Claude Roy e Raymond Boudon.

Este último traz uma crítica interessante à noção generalista de estruturalismo, ao questionar a unidade contrapondo à diversidade no interior dela, afirmando haver uma verdadeira coleção de homônimos; sua crítica não é ouvida dentro do clima de euforia nesse momento (DOSSE 2007, vol II, p.137). Concomitantemente, é o momento de proliferação dos diagnósticos a seu respeito, conjuntamente a sua divulgação. Um dos

escritos mais célebres é o de Piaget, na coleção *Que sais-Je?*, que marca uma identidade do movimento estruturalista com o seu nome.

São publicadas obras como a de François Wahl e Dan Sperber, que pretendem captar uma visão geral do movimento. O primeiro é capaz de identificar uma de suas marcas fortes, ao afirmar que “o estruturalismo, ter-se-á compreendido, é coisa séria; por tudo o que deve ao signo, dá direito à ciência” (WAHL *Introduction Générale, Qu'est-ce que le structuralisme?* - DOSSE 2007, vol II, p.106). A cientificidade é o grande motivo de coesão em torno do estruturalismo.

3.1 As ramificações do paradigma e a precipitação da crise.

A Sociologia é um exemplo de disciplina que fica fora do ritmo de desenvolvimento do paradigma dominante e assume um papel menor e de rejeição dentro do cenário intelectual. Ela permanece por muito relegada a “objetivos restritos e essencialmente instrumentais” devido ao seu empirismo (DOSSE 2007, vol II, e o contr p.91). A oportunidade de um novo alento será possibilitada por Pierre Bourdieu, justamente pela assimilação do programa estruturalista, o que mais uma vez coloca em evidência os mecanismos de valorização apontados por Dosse.

Bourdieu tenta uma fusão entre o estruturalismo e Durkheim, promovendo uma discussão conjunta entre sociologia e filosofia e, também, a etnologia. Dessa forma, Dosse identifica nele uma situação de vantagem ao deter “uma posição simultaneamente filosófica e científica”, pois está “munido de todo instrumental estatístico do sociólogo, de seus métodos, conceitos, procedimentos de verificação” (DOSSE 2007, vol II, p.92).

Afora o carácter contraditório dessa união, pois o estruturalismo valoriza a investigação do que não se evidencia como empírico, enquanto a sociologia pretende o contrário, tal empreitada é encarada com sucesso. Ela mostra mais um aspecto

fundamental das posições epistemológicas de Dosse, dentro do viés estratégico, no que toca à interação entre um ou mais paradigmas.

O paradigma está além de uma simples racionalização de seus elementos, pois a sua assimilação é capaz de superar a ambigüidade; por esse motivo, a história intelectual tem um papel fundamental em sua análise, pois é capaz de reavaliar o campo dos possíveis ao detectar situações como essa de Pierre Bourdieu, o que no campo da especulação pura e isolada seria inevitavelmente colocado como uma interação conflituosa.

Bourdieu lança um desafio à filosofia ao relacionar o discurso e a posição institucional, relativizando o valor das idéias por elas mesmas. Dessa forma, pelo seu novo posicionamento, que lhe permite “interrogar e avaliar o campo dos possíveis”, reassume a ambição durkheimiana de unidade das ciências humanas (DOSSE 2007, vol II, p.92). Mais usma vez, ele é um exemplo de algumas características do estruturalismo, como a futilidade do acontecimento e a força dos mecanismos reprodutores, e em sua biografia, Dosse identifica três fases intelectuais diferentes (DOSSE 2007, vol II, p.95).

Ele também verifica nesse autor um traço epistemológico importante, a do compromisso com o paradigma, ao citar a afirmação do próprio autor de que “foi necessário que saísse da etnologia como mundo social, ao tornar-me sociólogo, para que certos questionamentos impensáveis se tornassem possíveis” (DOSSE 2007, vol II, p.96; BORDIEU, P. *Choses dites*, 1987, p. 18); e completa da seguinte forma: “Esses pressupostos contribuíram para o encerramento dos objetos de análise por Bourdieu num sistema de determinações essencialmente estático(...)” (DOSSE 2007, vol II, p.96).

Esse compromisso é de tal forma determinante que ele é capaz de esconder certos paradoxos, como o fato de seduzir “intelectuais de esquerda que estão abertos para a mudança, que desenvolvem no plano teórico as armas da crítica numa perspectiva progressista”, dentro de uma paradigma que põe de lado todas as perspectivas de

mudança e coloca em cena um modelo de cientificidade pelo objetivo de apreender o social em sua totalidade. (DOSSE 2007, vol II, p.98). Ele abre uma nova perspectiva que, desde Marx, havia se centrado na luta de classes, com uma nova abordagem sobre o capital econômico, social e simbólico, dentro de uma relação de complementariedade e autonomia. Por meio dela, há a dissolução da dialética dentro da perspectiva sincrônica, por meio de uma luta de classificações, no qual a lógica do espaço social predomina; eis aqui uma característica fundamental do estruturalismo reforçada.

A presença de Bourdieu na *História do Estruturalismo* é também emblemática, principalmente quando é citado a sua obra *Homo Academicus* (BOURDIEU 1984), e serve como contraponto à própria história intelectual de Dosse; ao considerar a querela entre modernos e antigos em torno da obra de Racine e afirmar que a análise dos argumentos de cada autor é redutível a uma reprodução de forma idêntica entre “oblatas consagrados do grande sacerdócio e os pequenos heresiarcas modernos” (BOURDIEU 1984), sem se ater aos argumentos de cada autor.

Esse modelo de análise é o oposto do que Dosse pretende em seu trabalho, o de abrir a produção intelectual de cada autor do estruturalismo em sua particularidade e dentro de sua própria evolução intelectual, ao mesmo tempo em que considera a presença das tendências do paradigma do estruturalismo e verifica em um outro plano, o desenvolvimento próprio deste.

Há também a ponderação feita por Dosse ao avaliar o estado da economia, disciplina que se mantém marginalizada em relação a esses acontecimentos, por naturalmente se situar dentro de uma compartimentação institucional distinta da das ciências humanas (DOSSE 2007, p.229), apesar de haver algumas trocas com os historiadores, por meio da 6ª Seção da EPHE.

No período entre 1967 e 1968 há uma certa estabilização do movimento estruturalista em torno de quatro autores, Levi-Strauss, Foucault, Barthes e Lacan. No

caso do primeiro, permanece o patrono da antropologia estrutural, limitando-se aos seus horizontes, sem adentrar profundamente no estruturalismo especulativo. Defende sobretudo o estruturalismo como método, aproveitando-se de sua cientificidade somente e ficando a parte de seu caráter ideológico (DOSSE 2007, vol II, p.112). A sua disciplina avança em seu processo de institucionalização.

Como forma de compensação de uma base institucional, o movimento estruturalista terá a sua coesão principalmente na “fetichização” de seus heróis; dessa forma, não é somente o paradigma que unifica os seguidores por meio da fidelidade com as suas idéias, teorias ou argumentos, mas também o poder agregador da figura de certas personalidades.

A irrupção do movimento estudantil de Maio de 68, mesmo sendo por si um fato que contraria os ideais estruturalistas, serviu como a grande oportunidade de ocupação das universidades para os seus intelectuais. Nesse contexto, é possível afirmar que as idéias do movimento estudantil eram pró ao estruturalismo ; ademais, permitiu romper a estabilidade na qual o paradigma se encerrava, liberando todas as tendências que ora estavam atadas aos seus pressupostos mais centrais. Tal evento deflagrou o que estava em potencial e em lenta evolução, porém sem ter a capacidade de romper as barreiras institucionais. É nesse sentido que Dosse afirma que houve uma aceleração histórica dos acontecimentos; não deixa de ser uma posição teleológica.

Na seqüência dos eventos, que levam à institucionalização do estruturalismo, o grande resultado presente na obra de Dosse é a criação de unidades de linguística geral, a qual sempre foi o carro-chefe do paradigma estruturalista, chegando à Sorbonne. A carreira na área de Letras é sensivelmente modificada.

A partir de 1970 há uma mudança importante na linguística. “O termo semiótica suplanta o de semiologia ou de estruturalismo” (DOSSE 2007, vol II, p.247), enquanto que a linha saussuriana se torna cada vez mais frágil. O caso e Lacan é emblemático, pois ele

se afasta da linguística estrutural e busca nas matemáticas uma nova fundamentação para a linguística

A geografia representa algumas das idéias relativas à epistemologia de Dosse. O seu silêncio, durante o período considerado na pesquisa, é decorrente de alguns aspectos apresentados pelo autor, cujo caráter assume uma forte perspectiva estratégica. O momento do estruturalismo seria propício à geografia, pois como aponta Dosse, houve uma atenção muito maior às noções de espaço e relações, além do privilégio à perspectiva sincrônica (DOSSE 2007, vol II, p.383).

Ela, porém, não se aproveita do *momentum* aberto pelo estruturalismo e se coloca à margem dos desenvolvimentos intelectuais. As razões apontadas por Dosse referem-se ao próprio objeto da geografia, que considera a junção entre natureza e cultura e o fato dela ter permanecido na valorização de suas tradições, o que lhe impingiu ficar fora das contribuições do período. É importante notar aí duas implicações, o fato do paradigma possuir uma particularidade que se opõe à percepção de valor por parte de outro, no caso o estruturalismo, cujo foco é exclusivo à cultura e à linguagem.

Por esse motivo se excluíram. A outra é o fato do isolamento, que em qualquer momento das duas obras de Dosse resulta no enfraquecimento de um paradigma, pois ele se mantém sob uma identidade única e deixa, dessa forma, de acompanhar, interagir e incorporar as mutações dos principais paradigmas em evidência e poder de influência sobre o pensamento intelectual durante um determinado período histórico. O que ocorre de forma concreta, é a prevalência do paradigma histórico, que se apropria de alguns dos principais desenvolvimentos do paradigma geográfico (DOSSE 2007, vol II, p.385).

O fato da geografia permanecer atada com suas raízes, também significa como limite de desenvolvimento teórico, a justaposição exaustiva entre diversos níveis de análise, como o relevo, o clima, a população e as redes urbanas, sem haver uma síntese significativa entre eles, e a incapacidade de uma imersão epistemológica na própria

disciplina. Essas são razões que resultarão no empirismo exagerado e em sua estagnação.

O que retira a geografia dessa condição é, previsivelmente, o contato com outra tradição, a geografia anglo-saxônica (DOSSE 2007, vol II, p.385). A conjunção com novas idéias a possibilitará, portanto, um novo estatuto científico, não vindo tal transformação tão somente de suas próprias vicissitudes internas (DOSSE 2007, vol II, p.386). A antiga tradição vidaliana é soterrada, dando lugar ao novo paradigma. A influência se dá por meio de diversos paradigmas, como a teoria geral dos sistemas (BERTALANFFY 1973), a revitalização da geopolítica, que havia sido desacreditada pela sua utilização pelo nazismo, as diferentes escalas de análise e algum resquício do althusserianismo.

Todas essas articulações são introduzidas na França por Lacoste e tem a revista *Hérodote* como principal meio de publicação. O que torna possível tais concepções por parte de Lacoste é apontado por Dosse como um conjunto de circunstâncias, tais como o “contexto coletivo da Universidade de Vincennes do pós-1968, graças à visão estrutural-marxista (...) que permitiu abrir a geografia para um diálogo teórico com François Châtelet, Michel Foucault e os althusserianos em geral” (DOSSE 2007, vol II, p.392).

A geografia é tida como a convidada de última hora, pois abre-se à reflexão de modo semelhante as outras ciências humanas no período estruturalista progresso (DOSSE 2007, vol II, p.438), enquanto que nesse período permanecera estática sobre domínio do paradigma *Homo economicus*. Há uma volta do ator social e do domínio das representações.

O que há de mais curioso em todas essas características diagnosticadas na reformulação da geografia, é a própria utilização delas por Dosse como modelos de análise em sua história intelectual; destacando-se, no caso, a *História do Estruturalismo*. Esse aspecto será melhor detalhado no próximo capítulo da dissertação, no qual será sintetizada uma visão geral das duas obras de Dosse em questão.

A influência das estruturas sobre a história não é um fenômeno imediato, ele se ocupa da contribuição de diversos autores, como Ernest Labrousse, na filiação de Simiand, Pierre Vilar e Jean-Pierre Vernant. Este último manteve a historicidade em sua perspectiva de análise estrutural, considerando o outro dentro de uma visão globalizante (DOSSE 2007, vol II p.279).

Em um certo momento da *História do Estruturalismo*, Dosse faz um balanço das principais características centrais do estruturalismo relacionada aos seus autores. A nova divisão dos objetos de pensamento da estrutura se configura a partir de então, da seguinte forma: “Na esteira de Freud, que descobriu o inconsciente das práticas cotidianas do indivíduo, e de Lévi-Strauss, que se liga ao inconsciente das práticas coletivas das sociedades, Foucault parte em busca do inconsciente das ciências que se creê habitadas por nossas consciências” (DOSSE 2007, p.430). Vale lembrar que além do foco epistemológico, Foucault também cria uma nova relação na historiografia, entre o homem e as múltiplas temporalidades que o cerca, tornando-o objeto ao invés de protagonista; além da busca por sua origem ser infundada. Ele passa a ser então, “todo enredado em histórias que não lhe são nem subordinadas, nem homogêneas” a partir do momento em que fale, trabalhe e viva. (DOSSE 2007, p.432).

Foucault é um caso representativo de uma autor que passa por diversas mudanças de idéias e posicionamento durante o período estruturalista. Ele também marca muitas das noções que colocarão a hegemonia das idéias do estruturalismo sob ameaça. Primeiramente, algumas de suas considerações foram confluêntes aos do estruturalismo. Um exemplo é o seu ponto de vista analítico, que passa a ser análogo ao do cubismo, criando um polimorfismo capaz de rechaçar toda a dialética e causalidade nas inquirições historiográficas. O seu estruturalismo fica visível, portanto, quando prioriza a relação entre palavras, ou seja, a esfera discursiva, com autonomia em relação ao referente, manifesta dentro de uma configuração sincrônica em entremeio a duas

epistemes muito diferenciadas. Será na vivência dos acontecimentos de maio de 1968 que Foucault passará por uma reviravolta de suas orientações teóricas.

Juntamente com Lévi-Straus, Foucault completa mais um dos sentidos veementes do estruturalismo, o relativismo. Antes Lévi-Strauss havia concedido às sociedades primitivas nenhuma condição de inferioridade ou anterioridade em relação às sociedades modernas, agora Foucault reintroduz a mesma colocação no campo do saber, no que se refere à aferição da verdade; “agora há apenas discursos historicamente localizáveis” (DOSSE 2007, p.438). Estes, por sua vez, são transitórios e sem qualquer espécie de hierarquização, situam-se apenas dentro do um espaço epistemológico em oposição ao seu exterior, cuja positividade escapa à duração e à história (DOSSE 2007, p.438).

A rusga com os historiadores se dá justamente por Foucault passar por cima de qualquer referente histórico na consideração apenas das modulações internas dos discursos analisados. Substancializa, portanto, a palavra e torna o documento em monumento (DOSSE 2007, p.438). De qualquer forma, durante a fase que é identificada por Dosse como a defesa dos direitos humanos, Foucault abandona a noção de prática para identificar componentes históricos, porém com os devidos limites provenientes de sua genealogia (DOSSE 2007, vol II, p.419), o que fica evidente na obra *História da Sexualidade* (FOUCAULT 1970).

O ano de 1967 é o chave para entender o início do declínio do estruturalismo. Algumas orientações teóricas contrárias ao seu núcleo de base ganham força no meio intelectual e, aos poucos, vão minando os sentidos que outrora mantinham todo o sistema coeso.

Esse ano é, em particular, importante para os rumos do estruturalismo, pois como afirma Dosse, “se todos os caminhos levam à estrutura, a ocupação da posição central, potencialmente hegemônica, não é fácil de determinar nesse caldo de cultura estruturalista (...) O jogo deve ser sutil” (DOSSE 2007, p.444). Trata-se, portanto, de um

momento propício para a estratégia ganhar força como elemento determinante da vitória ou derrota de um paradigma ou programa de pesquisa; ela aqui fundamenta-se, como já foi observado, de forma epistemológica, nas próprias características do paradigma, ou de forma institucional, nas atitudes tomadas pelos intelectuais.

Uma delas é a literatura, tida por Dosse como uma condutora das transformações do estruturalismo. Há uma nova perspectiva em pauta, o da história e o da narrativa, o que chega a concretizar-se na proposta de Gérard Genette, na defesa de uma relação de complementariedade entre o estruturalismo e a hermenêutica, tido como algo inédito até então (DOSSE 2007, p.442). Seguindo o seu diagnóstico sobre o estruturalismo, a principal contribuição reside em uma percepção epistemológica a respeito do paradigma: “Sendo cada unidade definida em termos de relações e não mais de filiação” (GENETTE 1976, p.161 ; p. 442).

3.2 A crise

Há modelos de crise já conhecidos dentro da historiografia, como a dialética, que concebe um modelo de categorização dedutível as mais diversas situações relacionadas à transformação, ou dentro da filosofia da ciência, onde o mais polêmico é o da crise de paradigmas na obra de Kuhn⁵⁸. Este último exemplo, apesar de ter uma fase no processo que depende da interação entre comunidades de pesquisa, no que concerne à habilidade de convencimento em defesa de um paradigma novo e que seja capaz de responder as perguntas deixadas pelo anterior, apresenta uma estrutura muito esquemática⁵⁹. Por

⁵⁸ No caso específico de Kuhn, a crise se dá pela desestabilização entre a expectativa natural adquirida da experimentação dos fenômenos científicos e o seu resultado de fato, o que abre espaço para novas teorias e paradigmas que possam se adequar melhor ao fenômeno imprevisto. O que é mais curioso na explicação de Kuhn, é que essa desestabilização é fruto de uma tentativa crescente de reafirmação do próprio paradigma por meio da experimentação.

⁵⁹ Na *Estrutura* há um mecanismo linear de crise que passa necessariamente por alguns estágios bem definidos, como o momento no qual, dentro da ciência normal, há uma divergência entre a

esses motivos, seria possível pensar uma aproximação no máximo às poucas situações de crise exploradas na *História em Migalhas*; com muitas diferenças, porém, em relação à *História do Estruturalismo*.

A maneira particular como o fenômeno de crise se manifesta na *História do Estruturalismo* é representativo da profundidade epistemológica objetivada por Dosse. A crise é exposta como um processo, seguindo a arquitetura característica da obra, da dinâmica de uma rede de inter-relações, entre os intelectuais, de vários tipos possíveis, além dos estímulos dos acontecimentos sociais e institucionais mais relevantes. O tema, enfim, merece uma atenção especial nessa dissertação, pois se apresenta na obra como uma ruptura expressiva. Sua periodização tem como marco o ano de 1967, pois é a partir desse momento que as primeiras fissuras começam a aparecer.

Além desse momento crítico, Dosse trabalha com o conceito de crise nos seguintes movimentos intelectuais ou linhas de pensamento: a fenomenologia, o marxismo e o próprio estruturalismo. Um ponto em comum em todas elas é que não há crise generalizada capaz de afundá-las completamente - como ocorre nas ciências da natureza sob a ótica de Kuhn⁶⁰. Essa é uma consideração importante e é consequência do fato desses movimentos intelectuais terem grande magnitude, com diversas formas de manifestação concreta e por envolverem diversas disciplinas ou ciências.

Seguindo a lógica historiográfica impressa na obra, conforme já foi exposto nessa dissertação, a crise nunca é imediata nem resulta na supressão completa do paradigma, por determinadas razões: há uma cadência de tempo diferenciada para as diversas dimensões consideradas na pesquisa – produção intelectual, relações interpessoais,

expectativa dos resultados dos fenômenos com base no paradigma e o que ocorre de fato na experiência. Após isso, há um período de concorrência entre paradigmas e as comunidades científicas que lhe dão suporte (momento da prática científica revolucionária), para depois, instaurar-se novamente um paradigma hegemônico (ciência normal) até ocorrer novas divergências de expectativas e cognitivas.

⁶⁰ Na Estrutura das Revoluções científicas, quando um paradigma é suplantado por outro, ele deixa de ser considerado por completo, pois a conversão cognitiva exigida na passagem de um para outro não é parcial.

instituições, mídia e opinião pública, etc.. –; um paradigma não se manifesta exatamente por igual em todas as suas ramificações disciplinares ou teóricas; há um espaço significativo para a criatividade dos intelectuais em suas interações com os paradigmas.

O aspecto historiográfico é aqui decisivo, pois permite entender quando ocorre uma crítica profunda de um paradigma nos meios intelectuais ao mesmo tempo em que na mídia manifesta-se como se estivesse no auge. Com base nessas razões, a crise de um paradigma permite, em verdade, reformulações. Ademais, Dosse vai mais adiante em suas conclusões ao atestar contra o esquecimento da experiência intelectual e social do estruturalismo; dessa maneira, sua existência não pode ser negada por completo, pois todas as formulações teóricas ou paradigmas que se apresentarem na seqüência farão referência de alguma forma a ele, direta ou indiretamente, positiva ou negativamente.

A crise aparece pela primeira vez no livro de Dosse quando relata o surgimento das ciências sociais, que aparecem como uma tendência a suplantar a visão humanista, pautada na intencionalidade, subjetividade e liberdade humanas. A disciplina atingida, no caso, é a filosofia, que perde as suas referências e passa a encaixar o movimento das outras ciências. Outros modelos de investigação e de percepção irão tomar o seu lugar no universo intelectual francês.

Para ilustrar esse efeito, vale pormenorizar o caso da fenomenologia na obra. O projeto de Husserl de conduzir a fenomenologia a um estágio científico está em sintonia com os objetivos gerais do estruturalismo; porém, o seu sucessor, Merleau-Ponty lidera o seu projeto dentro da perspectiva das ciências humanas, enveredando-se pela inquirição das estruturas de significado. O seu grande projeto é o de dotar à filosofia o estatuto de fornecedora de sentido a cada ciência social, tomada em sua positividade, mediante um trabalho hermenêutico (DOSSE 2007, p.75). Por esse motivo, inicia um diálogo múltiplo com todas elas. Na esteira da proposta mais científica das novas ciências sociais, rompe

com Sartre e aproxima-se de Lévi-Strauss, fazendo uma forte defesa do seu programa, sendo denominada por Dosse como uma “cumplicidade intelectual” (DOSSE 2007, p.75).

As razões para o fracasso de tal projeto são diversas, como a própria morte prematura de Merleau-Ponty; mas mais significativo para a derrocada do projeto em si, é, de acordo com a afirmação de Vicent Descombes, por meio de entrevista com Dosse, que “as disciplinas científicas já procediam à sua própria elaboração conceitual. Portanto não tinham a necessidade de Merleau-Ponty ou de qualquer outro filósofo para dar sentido às suas descobertas” (DOSSE 2007, p.76).

Enfim, a filosofia perde a sua popularidade e relativo interesse no meio acadêmico pelo efeito atrativo das outras ciências sociais em crescimento. Ademais, Dosse identifica como resultado do projeto de Merleau-Ponty a afluência de toda uma geração da filosofia em direção às outras ciências, justamente por ter despertado o interesse nelas. Esse é um ponto que merece atenção, pois ele remete a uma capacidade de análise mais estratégica do que linear ou sistêmica, já citada aqui em tópicos anteriores, capaz de considerar e explicar conseqüências imprevisíveis.

Na *História do Estruturalismo* é freqüente a situação na qual as atitudes dos principais intelectuais resultam em um jogo de interações com o ambiente intelectual que os circundam, considerando como elementos a reação de outros autores e as tendências intelectuais em proeminência ou decadência. Merleau-Ponty, tem, portanto, um papel fundamental como mediador; por ele, “Lacan leu Saussure” (DOSSE 2007, p.77), por exemplo, como muito outros nessa parte da *História do Estruturalismo*. O resultado é uma “hemorragia” na filosofia (DOSSE 2007, p.78), que receberá o golpe de misericórdia de Foucault, em sua crítica a uma fenomenologia ocupada com questões relacionada à descrição interiorizada da experiência vivida do sujeito.

O importante é que a crise e a derrocada não matam totalmente, porém, a influência da fenomenologia, cujos conceitos sobrevivem em parte na seqüência

elaborada por autores do estruturalismo, como a idéia do homem não ser aquele que é conhecido mas aquele que conhece – impedindo o auto-conhecimento -, o que se reflete no jogo de espelhos de Lacan.

O resultado final, porém, é que a fenomenologia foi responsável pela atração às novas ciências, com objetivos muito mais científicos, e o sujeito fenomenológico, sua principal marca, entrou em descenso justamente por causa da principal característica do projeto estruturalista, a suplantação do primado do “Eu” e do empirismo do vivido em nome do logicismo que impulsiona as ciências da linguagem e da psicanálise.

Outro caso de um movimento que sofre constantes crises, mas tende a ressurgir a todo momento de forma renovada é o marxismo, principalmente sobre a influência de Althusser. É importante notar que não somente o movimento intelectual sofre alterações, mas também a forma como ele se manifesta no meio intelectual e a sua geografia de atuação.

Com relação ao estruturalismo, é após o seu apogeu em 1966 que se deflagra, de acordo com Dosse, o início de sua crise. O principal motivo de crise do estruturalismo é o aparecimento de contradições no cerne do seu paradigma, que é o campo linguístico. Em decorrência da falta de um sentido unitário nesse aspecto, resulta a cisão do projeto unificador e universalista do estruturalismo amparado na linguística. Sem a consolidação de tal ambição no meio intelectual, abre-se espaço e, conseqüentemente, dá-se início à desagregação do estruturalismo como paradigma hegemônico.

O período entre 1967-1968 é crucial para esse fato, com a introdução e difusão do gerativismo de Chomsky, o método desconstrucionista de Derrida e a progressiva utilização de uma linguística da enunciação. Trata-se do surgimento de novas

metodologias e discursos teóricos, mas não paradigmas⁶¹; será nesses níveis que o estruturalismo será confrontado e não no comparativo do sistema como um todo⁶²

A deflagração desse processo é decorrente, no caso da difusão do gerativismo, do encerramento do sujeito na estrutura gramatical e da separação entre pensamento e linguagem, resultado da perda completa da perspectiva de que os fenômenos estão inter-relacionados e dessa forma devem ser apreendido, mesmo que no caso, o sujeito esteja secundarizado. O que, nesse ponto da obra de Dosse, subentende-se como algo fundamental na sustentação da base do programa estruturalista: mesmo que o sujeito fosse antes colocado de lado, o sentido na concepção do paradigma diz respeito indireto a ele; como é o caso do outro nas representações de Lacan, o funcionamento da consciência e das sociedades no conteúdo mítico de Lévi-Strauss; ou o objetivo final da ciência de Althusser e logo, do seu marxismo renovado, não deixar de ser a própria sociedade. É na detecção de tais contradições, que instaura-se uma cisão no que antes unificava a expectativa científica de todos, a linguística e a semiologia.

A primeira grande perspectiva a ser alterada se dá, portanto, no nível da principal disciplina a partir da qual se engendra todo o movimento estruturalista, a semiótica. Fruto de um grande acidente que ganha notoriedade (DOSSE 2007, vol II, p.17-18), uma geração inteira converte-se para a linguística. Esta se deu pela publicação da obra de Chomsky para o francês e nas publicações de suas idéias em revistas acadêmicas.

No caso específico, em troca do significativo, o grande objeto da primeira geração do estruturalismo, a atenção concentra-se na sintaxe. Bem como aponta Nicolas Ruwet, o grande articulador dessa mudança de perspectiva na intelectualidade francesa, o

⁶¹ O paradigma tem uma natureza muito mais ampla para ser considerado enquanto tal. Ele incorpora e é a expressão de um sentido mais genérico do que as teorias, métodos e experimentos isoladamente.

⁶² O que seria a forma como Kuhn enaltece em sua tese a necessidade de uma mudança absoluta de Gestalt para que um novo paradigma substitua o outro.

gerativismo se estrutura na base de uma concepção popperiana da ciência, na qual o princípio de demarcação se faz a partir da possibilidade de se extrair hipóteses dos conteúdos teóricos que possam se falseadas a partir da experiência⁶³.

Fruto de um mal-entendido, a aceitação da gramática gerativista no meio intelectual se dá por ter sido entendida como uma prática dinâmica, ao contrário da proposta original do autor. Esta, por sua vez, é caracterizada por seu inatismo e fundamentada na natureza humana. Sua ambição volta-se para a conquista dos circuitos mentais, com base em um modelo científico amparado por uma ontologia das estruturas com a sua estrutura de competência (DOSSE 2007, vol II, p.23). Como afirma Dosse, o estruturalismo em Chomsky tona-se “naturalismo estrutural”, de modo imperceptível (DOSSE 2007, vol II, p.24).

A questão colocada por Dosse nesse momento é o da percepção ou não, por parte dos intelectuais das idéias de Chomsky como ruptura do estruturalismo. Quem o vê dessa forma, reconhece-o em uma possível filiação à Saussure. O caso da contestação de André Martinet, então diretor da revista *Word*, em torno de um artigo enviado por Chomsky é sintomático de dois paradigmas que se desencontram. Dosse classifica, enfim, Chomsky como uma ruptura a toda uma geração debruçada sobre o comparativismo, gerando resistência por parte de intelectuais como Georges-André Haudricourt e Tzvetan Todorov (DOSSE 2007, vol II, p.26).

Sua orientação provém da lógica de Port-Royal e, portanto, considera que o pensamento forma-se independentemente da linguagem, visão muito superficial em comparação ao que o estruturalismo se propunha no campo da linguagem. Aliás, como bem aponta Dosse, contraria um princípio básico formulado por Benveniste, mas que resumirá bem qual seria a noção limite do estruturalismo: “o linguista considera, por sua

⁶³ Tal qual se encontra fundamentada nas próprias palavras de Ruwet: “a ruptura situa-se na possibilidade de propor hipóteses que sejam falsificáveis” (DOSSE 2007, vol II, p.19)

parte, que não poderia existir pensamento sem linguagem” (BENVENISTE, 1966, p.25; p.27).

Na seqüência à configuração desse cenário intelectual, o programa estruturalista é novamente abalado por outro acontecimento, a publicação de duas obras de Derrida, *De la grammatologie* e *L'Écriture et la différence* (DOSSE 2007, vol II p.33). Inspirado na desconstrução a qual é proveniente de uma abordagem heideggeriana, opera sobre a sistemática estruturalista a exposição de vestígios contraditórios à lógica do próprio paradigma estruturalista, como vestígios do logocentrismo. Tece críticas ao estruturalismo partindo do próprio paradigma e reforçando-o, como enfatiza no próprio movimento de desconstrução para “reduzir a legibilidades” do estruturalismo e o seu movimento perpétuo de sempre colocar tudo sob relações de diferença (DOSSE 2007, vol II p.37). Encontra-se filiado ao programa também por compartilhar ambições que lhe eram latentes, com a simbiose entre poética e reflexão filosófica (DOSSE 2007, vol II p.38).

A estratégia utilizada por Derrida no campo intelectual constituiu, de acordo com Dosse, em assumir uma dupla acepção destrutiva/construtiva (DOSSE 2007, vol II p.38). Nesse sentido, o seu objetivo recai sobre a estrutura escondida, mas com a contestação de um núcleo fixo e contínuo, base das seguranças científicas presentes no paradigma até então. O seu papel é o de protagonista, trazendo para a sua reflexão crítica toda uma geração ao incutir nela o desejo pela pluralização e pela contestação.

Assim como definiu o seu próprio posicionamento: “A estratégia da desconstrução é o estratagema que permite falar, no próprio momento em que não existe, no fim das contas, nada mais a dizer” (DERRIDA 1972, p.15 –v II p.39). Indo mais além, propõe por meio da gramatologia, a derrubada de todas as fronteiras entre as ciências do homem. Ela serve como um ponto alternativo à função da loucura no pensamento de Foucault como razão de desestabilização do racionalismo. Por meio da liberdade que permite esse método, selecionará em cada um dos principais pensadores do estruturalismo, um

elemento conceitual a partir do qual revelará contradições nos pressupostos assumidos por esse autor.

A sua contribuição à desestabilização do núcleo estruturalista é resultado principalmente de uma intenção de historicizar e dinamizar a estrutura, realizada sob a noção de *différance* (DOSSE 2007, vol II p.52). Derrida recoloca o significado na esfera do significante, com a intenção de dar novo espaço à criatividade literária (DOSSE 2007, vol II p.53). Ele, porém, mantém-se à distância da hermenêutica e da filosofia analítica, principalmente com o seu posicionamento frente à iterabilidade dos discursos, ao se colocar ao contrário do empírico e situá-los em um metanível, “que constitui a condição de possibilidade do discurso” (DOSSE 2007, vol II p.60).

A dinamização da estrutura também foi o objetivo de Deleuze, “de tratar a escritura como fluxo, não como código “ (DOSSE 2007, vol II p.263). Ele foi mais além na crítica ao estruturalismo, ao publicar a obra conjunta com Guattari, *Capitalisme et schizophrénie* (1990), tal como afirma Dosse, “essa obra não tardará a converter-se em máquina de guerra anti-estruturalista e a contribuir para a aceleração da desconstrução em curso do paradigma” (DOSSE 2007, vol II p.263).

Com relação ao cenário filosófico, em meio aos diversos posicionamentos de intelectuais apontados por Dosse, destacam-se alguns autores. Foucault, Deleuze e Guattari representam um pólo crítico com relação ao que Dosse definiu como primeiro estruturalismo, por terem como objeto de investigação os processos e não o sujeito significante e não se utilizarem do recurso à lógica.

Nesse contexto da intelectualidade francesa, há uma tendência à multiplicação dos modelos semióticos, do prazer pelo texto, pela liberdade criativa e pela centralização do tema no outro. É o momento também do confronto simultâneo entre vários paradigmas, como o saussurismo, o chomskysmo, a pragmática, etc... (DOSSE 2007, vol II p.265). Por outro lado, há uma insistência por parte de Levi-Strauss nos modelos

científicos, com sua etnologia estrutural, na ambição de contornar a filosofia. O seu campo passa a partir de 70, porém, a uma crescente atividade concorrencial, com a diversificação dos paradigmas nessa área (DOSSE 2007, vol II p.275).

O outro movimento propulsor da crise do estruturalismo é colocado sob a responsabilidade de Benveniste e a produção de seus discípulos, quem reinsere o tema da enunciação do sujeito na linguística francesa. Essa linha de produção intelectual, apesar de se orientar em uma direção que entra em conflito com preceitos basilares do estruturalismo, não se assume como uma crítica direta; ademais, alguns de seus autores permanecem seguindo algumas das características do paradigma estruturalista. Mas o interesse crescente por seu objeto de pesquisa será responsável por deflagrar um tema que é em si diferente das orientações estruturalistas. Ela, porém ficará na marginalidade até a década de 70; o evento necessário, que despertará a atenção por temas relacionados ao sujeito, será maio de 1968.

Além desse tripé de desconstrução das bases do estruturalismo, outra influência que contribuirá para desarticular a predominância do paradigma são os escritos de Bakhtin, trazidos no meio intelectual francês por Julia Kristeva e posteriormente reforçada por Barthes. Ela abre a atenção para o “estudo crítico da trama histórica” e para questões relacionadas à inteligibilidade dos textos literários, tirando-os do isolamento. É por meio desse autor, que Kristeva “avançará no sentido de uma dinamização do estruturalismo” (DOSSE 2007, vol II p.78). Tenta, à semelhança de Benveniste, reintroduzir a intersubjetividade, após ter se orientado, quando ainda imersa no estruturalismo, por uma intertextualidade. Outro conceito introduzido, a dialógica, servirá também como motivo de desestabilização do estruturalismo, mesmo que a percepção da própria autora veja-o como coexistente ao estruturalismo (DOSSE 2007, vol II p.79). A dialógica provocará, na verdade, uma inversão de sentido na linguística que servia de base ao estruturalismo.

Essa abertura promovida por Kristeva influencia Barthes a ponto dele desconstruir os seus próprios conceitos, abrindo-se para o “caráter infinito e irrestringível do sentido” (DOSSE 2007, vol II p.81). A publicação de S/Z é o que marca esse novo surgimento, culminando em novos métodos, como a microanálise, a pluralização e a restituição do texto em sua polifania: com os aspectos sêmico, cultural, simbólico, hermenêutico e proairético. Novamente, porém, é maio de 1968 que impulsiona em Barthes esse novo espírito. Esse é um dos vários exemplos da obra de Dosse de estruturação de um jogo contínuo de influências entre autores; no caso, Barthes e Kristeva vão trocar continuamente idéias e contribuições.

Além da abertura do texto, há o retorno do sujeito no cenário intelectual francês, principalmente pelas releituras feitas por Kristeva e Todorov em torno da obra de Bakhtin (DOSSE 2007, vol II p.399), resultando em uma abertura com o conceito de dialógica, no desvendar das relações entre sujeito e objeto e a inclusão de sentido por meio do outro.

Dosse narra a trajetória intelectual de Benveniste, mostrando as principais influências recebidas e os diálogos travados, principalmente com a filosofia analítica, apesar de não seguir a sua linha de pensamento (DOSSE 2007, vol II p.63-66). Há um encontro muito forte entre a linguística estrutural de Benveniste e as idéias de Lacan, principalmente entre a linguística de enunciação e o inconsciente freudiano, tanto que ambos colaboram conjuntamente em alguns periódicos, como o *Journal de Psychologie*. O objetivo da convergência entre os dois intelectuais é apontado por Dosse pelos seguintes objetivos: “além do interesse mútuo de estabelecer a cientificidade dos respectivos discursos, da vontade comum de subtrair o continente de saber de cada um da sua dependência histórica, quer seja filogeneticismo freudiano para um ou a filologia histórica para o outro” (DOSSE 2007, vol II p.66).

Benveniste é o exemplo apontado na obra de Dosse do intelectual que não dialoga somente com o círculo intelectual mais próximo. Ele vai além das influências mais

imediatas, a dos linguistas franceses, passando pelo grupo dos estruturalistas, no qual tem em Lacan o grande ponto de referência, para atingir um meio que não é francês como também está distante da produção intelectual francesa: a filosofia analítica, principalmente na abordagem das teses de L. Austin. Esse fato rompe, portanto, com qualquer idéia formada de que um autor é circunscrito pelos limites de seu grupo intelectual.

Assim como conclui o próprio Dosse, “essa reflexão do sujeito na língua não é, portanto, em Benveniste, um enxerto exterior, e desenvolve-se de acordo com o seu ritmo próprio, cada vez mais no terreno filosófico, por falta de repercussão no campo linguístico (DOSSE 2007, vol II p.67). Dois motivos importantes se expressam aí, tanto o fato de Benveniste incorporar uma linha de pensamento exterior em sua produção intelectual, quanto o fato da oportunidade aberta na filosofia ser possível por uma barreira imposta pelo próprio meio intelectual na linguística⁶⁴.

De qualquer forma, é somente a partir de 1970 que suas idéias ganham notoriedade entre os linguistas franceses. Até então, o seu conteúdo era ignorado, em decorrência dos próprios pressupostos do estruturalismo, de negação do psicologismo, da fenomenologia e da hermenêutica, e pelas ações de Greimas e Dubois na tentativa de normatização do sujeito, baseados no modelo de formalização lançado por Hjelmslev.

Há também, como aponta Dosse, outros motivos, como o fato dos trabalhos de lógica terem um espaço muito marginal na França, principalmente pela morte repentina de dois de seus principais representantes, Jean Cavaillès e Jacques Herbrand, além da razão pela qual os objetos matemáticos tenham tido um solo mais fértil de desenvolvimento nos países anglo-saxônicos, nos quais a concepção de uma natureza ontológica aliada a uma relação de utilização quase instrumental da linguagem não

⁶⁴ É importante ressaltar que a influência de Benveniste na produção intelectual francesa é visível no pensamento de Ricoeur, que herda essa porta de entrada na filosofia analítica, bem como trabalha com a questão da enunciação do sujeito, a exemplo de Benveniste.

tiveram o mesmo êxito em um ambiente intelectual no qual se queria contestar a metafísica ocidental (DOSSE 2007, vol II p.71-72).

Nesse momento, vale reforçar a existência de duas tradições em oposição, a dos filósofos da lógica, como Frege, Bertrand Russel, Rudolf Carnap e Ludwig Wittgenstein e outra, nietzschiano-heideggeriana (DOSSE 2007, vol II p.70). Esta primeira foi ofuscada, principalmente pela influência de Althusser dentro da filosofia francesa, de acordo com entrevista realizada com Claudine Normand. Dentro da filosofia da linguagem há, especificamente, duas correntes: “a escola lógica oriunda de Carnap” e a corrente representada por Austin e Searle.

Essa linha da filosofia analítica é também professada por Ricoeur, na década de 60. Nesse período, suas contribuições sofrem uma forte oposição dos althusserianos-lacanianos, sendo apresentadas como uma anticiência (DOSSE 2007, vol II p.71). Para além deste autor, Benveniste forma uma escola por meio de seus discípulos. Destes, Oswald Ducrot é apontado por Dosse como o responsável pela introdução do pragmatismo na França, em 1970 (DOSSE 2007, vol II p.73).

O seu trabalho na linha da linguística performativa é vista, contudo, mais como um caso *ad hoc* do que algo capaz de promover uma mudança substantiva; ademais, sua construção intelectual se limita a permanecer dentro do raio de influência de Benveniste e dos estudos relacionados à enunciação. Outro discípulo de Benveniste, Antoine Culioli, também não supera os limites impostos pelo estruturalismo. Outro exemplo nessa mesma linha, é Claude Hagège (DOSSE 2007, vol II p.73-75).

É possível, portanto, no campo epistemológico, extrair desses motivos o que configura e confirma os mecanismos de crise em Dosse. Estes não são fortuitos, mas correspondem a um padrão não só presente na *História em Migalhas* como na *História do Estruturalismo*.

Nada foi mais significativo, porém, que os acontecimentos de Maio 68. Como já foi considerado anteriormente, ele causou uma aceleração das interações entre os elementos do cenário intelectual francês. Pode-se afirmar que, por natureza, ele é um evento surpreendente ao que se poderia esperar a partir da própria orientação intelectual estruturalista; por esse motivo, Dosse afirma esse momento como a desforra de Jean-Paul Sartre (DOSSE 2007, vol II, p.147).

Ele é um acontecimento que serve como prova contrária as fundamentações teóricas estruturalistas; mais do que isso, teve a capacidade de abalar a base de sustentação da crença no paradigma, concluindo-se que “o declínio inexorável do paradigma teria sido, portanto, a resultante do evento de 68”. De qualquer forma, o movimento de 68 é um evento surpreendente ao que se poderia esperar a partir da orientação intelectual estruturalista; por esse motivo, Dosse afirma esse momento como a desforra de Jean-Paul Sartre (DOSSE 2007, vol II, p.153).

Tal abalo resulta no ressurgimento do que havia sido recalcado anteriormente. O diagnóstico aponta para o interesse na história, na linguística da enunciação, por exemplo. O cientismo é posto em xeque. O posicionamento dos estruturalistas é homogêneo; Levi-Strauss qualifica 68 como um completo retrocesso; Althusser é hostilizado. Foucault, porém, “como não ocupava lugar algum de poder na França em Maio de 1968” escapou à hostilização e pôde, portanto, viver uma “feliz osmose” com o movimento (DOSSE 2007, vol II, p.158). Essa observação de Dosse é crucial para reforçar uma abordagem que contempla o lugar na hierarquia de poder como um fator decisivo para justificar uma atitude ou posição.

Os acontecimentos de 1968 não tiveram resultado imediato na crise do estruturalismo; pelo contrário, asseguraram o seu êxito, pois o que está por trás do levante é o desejo do rigor científico, para o reposicionamento dos humanistas em oposição aos tecnocratas. É o momento de auge do cientismo, com a linguística como

protagonista das ciências humanas. Essa conquista é realizada pela reforma do ensino básico e difusão da produção acadêmica (DOSSE 2007, vol II, p.168)

Nesse aspecto, Dosse escapa à obviedade de uma análise linear dos fatos e suas relações, olhando, por sua vez, para a complexidade das interações na história. Passando de um evento concreto para o nível do pensamento intelectual e verificando os resultados conseqüentes, Dosse percebe que no fim, o levante de 68 se qualificou dentro da querela entre antigos e modernos, cuja briga já havia sido comprada pelos estruturalistas; independente se estes estavam de acordo ou não com o que representava 68, ele se beneficiaram.

A conseqüência estratégica disso é a saída do anonimato dos pretendentes ao poder, aliado a uma aceleração da história. A conclusão de Dosse é emblemática nesse sentido: “se as estruturas não descem às ruas, pelo menos ocupam as cátedras criadas em massa” (DOSSE 2007, vol II, p.159). É nesse momento em que há uma pressão dentro dos grupos intelectuais para seguir dentro das linhas do estruturalismo; fora disso, era ser considerado fora do grupo (DOSSE 2007, vol II, p.161).

O movimento de 68 é caracterizado por sua ambigüidade, “antigo e novo se misturam, racionalismo cientista e anti-racionalismo estão ligados, inclusive no pensamento dos próprios autores” (DOSSE 2007, vol II, p.170). É nesse momento no qual se inicia o processo de implosão do movimento. Para Dosse, 68 configura uma aceleração das evoluções “em curso desde 1966-1967”. Aqui Dosse desenvolve o conceito de ultra-estruturalismo, como a abertura para a pluralização e para os conceitos indeterminados; os elementos que lhe estavam circunscritos e contidos em sua interioridade, em seu aspecto crítico, como a intertextualidade, teorias da enunciação e o gerativismo, extravasam.

O paradigma perde a consolidação de sua base estrutural, no qual se dá lugar à múltiplas ramificações. Ele torna-se um fenômeno complexo e abre margem para uma

maior imprevisibilidade, pois o seu núcleo central não determina mais os sistemas em volta. Isso se dá em torno da exarcebação de uma de suas características principais, o foco nas relações em substituição de causalidades; nesse novo estágio, ela é conduzida ao extremo. “Maio de 68 fez explodir, sobretudo, a noção de fechamento da estrutura” (DOSSE 2007, vol II, p.171). Todo esse processo de desagregação potencial ocorre ao mesmo tempo em os estruturalistas se apoderam, finalmente, das universidades, o que mostra mais uma vez o descompasso entre os diferentes níveis da realidade quando se considera o tempo como fator de análise.

Ao chegar ao poder institucional, o estruturalismo, de acordo com Dosse, “se banaliza” e perde a sua força crítica (DOSSE 2007, vol II, p.181). Isso é percebido como um sinal de desagregação vindoura. O principal resultado apontado, como consequência da “abertura” de todos os elementos interiores do paradigma estruturalista e da ausência de um inimigo comum capaz de unificar os diferentes autores e disciplinas, foi a perda da relativa uniformidade e identidade anteriores, permitindo a cada disciplina sob a esfera de influência do estruturalismo desenvolver a sua própria lógica. A partir daí tem-se início o que Dosse denominou período da desintegração e da dissolução.

Pensando no viés estratégico incutido na obra, mais uma outra conclusão pode extraída desse fato. Para pensar a evolução e a crise de um movimento do porte do estruturalismo ou de outro paradigma qualquer, Dosse constrói um panorama baseado nos movimentos e paradigmas colocados como concorrentes. As suas argumentações e conclusões são provenientes dessa oposição e não isoladas com base no paradigma ou movimento estudado. Outra conclusão é a sua abordagem holística, que procura entender os sentidos mais gerais ao mesmo tempo dos particulares; no caso, a explicação da crise, além de perpassar cada disciplina individualmente, só tem a sua justificativa final a partir de uma análise sistêmica do estruturalismo.

O ponto de apoio no movimento de 68 que vai sustentar novamente o estruturalismo vai ser novamente a ausência do sujeito, mas dessa vez configurada na ausência do autor. E é esse questionamento que passa a integrar a produção acadêmica durante esse período específico, no qual insere a idéia de fundadores de discursividade – Lacan também segue essa linha.

O estruturalismo tenta mais uma vez incorporar um projeto unificador sob Althusser, mas esse implode por si próprio, na incapacidade de solucionar a intrincada junção entre ciência e ideologia, a qual era impensável dentro dos parâmetros marxistas. O althusserianismo passa, no contexto pós maio de 68, também a ser alvo de crítica ao ser categorizado como uma idéia do passado. Isso se dá principalmente sob iniciativa de Jacques Rancière e sob anova proposta representada por Vincennes (DOSSE 2007, Vol II p.231). Não só Althusser passa a ser criticado, mas também toda a geração estruturalista da década de 60 (DOSSE 2007, Vol II p.234).

O declínio da linha althusseriana é vista por Dosse como a implosão do estruturalismo no campo filosófico e de sua perspectiva puramente especulativa. A sua tentativa, vista como a “mais globalizante e a mais ambiciosa do estruturalismo especulativo” (DOSSE 2007, Vol II p.238), dará lugar para um estruturalismo historicizado, de Foucault.

Após esse refluxo, chega um determinado momento em que dois tipos de posicionamento se firmarão, o da negação da rotulagem de estruturalismo e sua desconstrução ou uma busca ainda mais apurada por sua essência.

Foucault é o grande exemplo da crítica à uma abstração formalizada, como as que o estruturalismo almejava; por sua vez, criou métodos de investigação crítica, como a genealogia e a arqueologia, que se postulam na identificação de diferenças e descontinuidades, indo contra qualquer substantificação. Sua metodologia de análise caracteriza-se mais como uma topologia. Dessa forma, nega a identidade de estruturalista

ao mesmo tempo que sua contribuição intelectual de certa forma contribui a sua corrosão., ao contrário de Lacan, que persegue cada vez mais a abstração e prioriza a cadeia significativa, em detrimento da hermenêutica. Dentro de sua visão psicanalista, apenas o discurso analítico é o que escapa ao desejo de controle.

O arrebatamento da crise se dá na década de 70, em seqüência ao processo de abertura do paradigma estruturalista iniciado a partir de 1967. Essa mudança de rumos é resultado de algumas influências internas, apontadas por Dosse, como as revelações de Soljenitsyn e as crescentes revelações do comunismo durante esse período, que trazem para a realidade a forma particular e teórica, althusseriana, do estruturalismo de encarar o socialismo (DOSSE 2007, vol II p.329).

Dosse considera o refluxo do marxismo como o motivo do desaparecimento do instrumento de análise global das sociedades e da história, como também do pensamento crítico, abstrato, pois uma das características do estruturalismo era o seu foco nas lógicas e mecanismos ocultos da realidade. A observação estrita dos fenômenos sociais e da realidade era a forma de evitar o seu ocultamento, proporcionado pelo paradigma estruturalista. Era o humanismo encorbertado anteriormente, que viria à tona para questionar os modelos estruturais (DOSSE 2007, vol II p.331). O althusserianismo, até então, a última pretensão filosófica unificadora das positivities das ciências humanas desaparece em uma morte súbita, sem conhecer um processo de declínio (DOSSE 2007, vol II p.337).

Desse momento em diante, há um abandono progressivo da perspectiva cientista, havendo uma destruição de todos os modelos desenvolvidos de análise, com um movimento brusco de uma atitude intelectual de desconstrução para a dissolução (DOSSE 2007, vol II p.335). O questionamento feito por Dosse a partir desse momento de sua obra aponta mais algumas caracterizações possíveis do estruturalismo: “Será a expressão do fracasso de uma filosofia, de um método científico ou, antes, o fim do

movimento de intensa socialização das ciências humanas, cuja voga reflui para o nível das contingências ideológicas, a fim de melhor estabelecer suas posições científicas?” (DOSSE 2007, vol II p.337).

Como foi visto até o momento, todas elas são possíveis e convivem ao mesmo tempo, e suas diferentes dimensões são analisadas dentro de um conjunto que dialoga entre si e com os acontecimentos (marcos) sociais mais significativos, ao mesmo tempo em que assumem novas significações, seguindo um cronologia pautada nas vicissitudes resultantes de todas essas interações.

Em relação à crise, a ausência de um processo de declínio, com a dissolução brusca do paradigma, resultará em uma ausência que será preenchida por outros paradigmas; é o caso da microeconomia em Nanterre, do retorno à filosofia, à filosofia analítica, à ética, ou do reconhecimento tardio da obra de Paul Ricoeur, quem sempre contrapôs à teoria geral das relações de Lévi-Strauss uma teoria geral da interpretação, orientada ao Sujeito e a partir de seu pensamento hermenêutico (DOSSE 2007, vol II p.351). Além disto, há um movimento de refluxo das disciplinas para as suas próprias tradições específicas.

Após o “rejuvenescimento de 1968”, no qual houve uma abertura à inovação dentro dos quadros universitários e de carreira, há uma substituição por métodos orçamentários mais racionais e uma austeridade na nomeação dos cargos (DOSSE 2007, vol II p.339). Para ascender nas instituições universitárias, faz-se necessário a partir de então seguir estritamente os cânones disciplinares, com a pesquisa de “assuntos inodoros, a fim de evitar qualquer implicação ideológica ou histórica” (DOSSE 2007, vol II p.339), cujas implicações atingem os quadros universitários atuais.

O resultado é uma sociedade imersa no ecletismo, cada vez mais mediatizada, no qual uma perspectiva novamente globalizante se torna inviável. Inversamente ao período do estruturalismo vigente, há uma reavaliação positiva dos valores da sociedade

ocidental. O grande exemplo emblemático disso, no próprio seio da Gallimard, a qual teve amplo papel de disseminação do paradigma estruturalista, é a iniciativa de Pierre Nora, de lançar em 1980 a revista *Le Debat* (1980), cuja pretensão é apenas a de se tornar um lugar de diálogo e não mais defender um sistema de pensamento (DOSSE 2007, vol II p.340).

Com o foco das indagações intelectuais sobre o Mesmo, as disciplinas basilares do estruturalismo entram em franca crise e falta de clareza teórica. No caso da antropologia, assiste-se, como indica Dosse, a um movimento curioso. Como ela fora consituída da influência de modelos teóricos das diversas outras disciplinas, não tendo uma base de identidade própria, com o refluxo de certas disciplinas nesse período, outras influências que estavam soterradas – a etnografia, a topologia ou a teoria das catástrofes, tudo o que não se caracteriza como científico-, saem à tona, realimentando de outra forma o paradigma. Isso, somado ao que acontece nas universidades, é considerada como uma crise de substituição (DOSSE 2007, vol II p.341). O reflexo é visível na diminuição das vendas das publicações originárias das ciências sociais.

No caso da linguística, que fora anteriormente o motor do paradigma estruturalista, há um refluxo em direção as suas posições institucionais conquistadas e um enquadramento dentro das pesquisas das estruturas tecnológicas. O seu poder, de acordo com Dosse, não é diminuído, mas reflui para outra área, a da tecnologia (DOSSE 2007, vol II p.342).

Para Dosse, há aí um novo paradoxo: enquanto o cientismo conhece o seu momento de decadência, é na linha da metodologia operacional e aplicação tecnológica que a linguística se desenvolve (DOSSE 2007, vol II p.343). Mas, a partir do que já foi discutido até então, qual cientitismo é esse que estaria em crise? Seria, obviamente, aquele que compartilhava os objetivos do estruturalismo, pois era aplicado a partir de seu paradigma, o de visar à lógica e as estruturas da realidade, com base em modelos

teóricos. O cientismo da linguística é muito mais operacional, agindo como ferramenta de aplicação para fins mais empíricos do que exclusivamente teóricos.

A idéia de reprodução presente na ciência econômica, um modelo crucial que inspirou os determinismos que mantêm o equilíbrio e a estabilidade do sistema estruturalista, também sofrerá uma mutação, que como consequência da crise dos anos 70 e pela influência da “efervescência epistemológica do anos 60”, passa a utilizar uma perspectiva pautada na regulação (DOSSE 2007, vol II p.357). A economia assimilará os desenvolvimentos mais recentes do estruturalismo, como uma abertura à interpretação holística e integradora dos diversos fenômenos da realidade.

Além dessa relação disciplinar específica e de uma maneira mais ampla, Dosse aponta uma outra transformação importante do estruturalismo, quando da formulação de uma teoria geral dos sistemas (BERTALANFFY 1973). Nesse caso, o modelo provém das ciências da natureza e a principal diferença é a abertura para a teoria da complexidade, com a interdependência das diversas variáveis e da impossibilidade de “isolar um número restrito de variáveis” (DOSSE 2007, vol II p.390). Dosse se restringe, porém, aos efeitos desse novo paradigma sobre a geografia e não ao que será, dentro do cenário intelectual francês, futuro alvo de especulações filosóficas por parte de Edgar Morin.

O sintoma de declínio do estruturalismo também é sentido na nova perspectiva adotada por Bourdieu a partir de 1975, na qual segue a tendência de adoção do sujeito nas investigações, na nova figura do *homo academicus*, tecendo uma crítica aberta aos modelos althusserianos e de Lévi-Strauss. A volta ao sujeito de Bourdieu representa um espaço um pouco mais dedicado à prática e à estratégia ao invés da simples reprodução condicionada e exprime a sua intenção de “elaborar um estruturalismo genético”, com a influência dos modelos de competência e *performance* de Chomsky (DOSSE 2007, vol II p.371). Parte da experiência social e não da perspectiva ontológica, como o faz Saussure.

A filosofia analítica é outra influência a que abre espaço, principalmente aos atos de linguagem, trazendo o referente novamente para o campo de investigação (DOSSE 2007, vol II p.372). Tenta se evadir do objetivismo e do subjetivismo ao encontrar uma alternativa no estudo da prática, porém sem escapar da “recaída em esquemas reprodutores no seio dos quais circulam os agentes, quais fantasmas abalando o bom funcionamento das estruturas que eles servem (DOSSE 2007, vol II p.381).

Outro movimento fundamental que determina a crise do estruturalismo é sem dúvida a problematização do sujeito, promovida por autores como Barthes, Todorov e Foucault (DOSSE 2007, vol II p.431). Ela questiona as bases científicas nas quais o paradigma estruturalista estava ancorado. Isso resulta em uma abertura para várias metodologias diferenciadas. Esses reflexos são visíveis na sociologia por meio do individualismo metodológico e em Pierre Nora no que ficou conhecido como “ego-história” (DOSSE 2007, vol II p.435). O fato mais impressionante apontado por Dosse é o retorno da pesquisa biográfica, principalmente no seio dos *Annales*, quem a havia repudiado décadas atrás. É representativo a ocasião de Emanuel Le Roy Ladurie, cujo objetivo de pesquisa há pouco tempo atrás tinha sido excluir o indivíduo do horizonte da pesquisa histórica, realiza uma pesquisa sobre os reis da França (DOSSE 2007, vol II p.436). Outra formulação emblemática da nova significação do sujeito é a de Jean-Pierre Vernant, ao afirmar no debate com o psicanalista Pierre Kahn, que o historiador “deve adaptar a cada caso singular um modelo construído a partir dos diversos elementos documentais de que dispõe para articulá-los “num conjunto significativo” (VERNANT, J. P. 1985 – em DOSSE 2007, vol II p.446).

Na verdade, o autor fica na linha de fogo de duas formulações críticas: de um lado o estruturalismo, obviamente, e do outro o individualismo metodológico ao acusar as suas formulações como deterministas e contedoras de uma autonomia ilusória (DOSSE 2007, vol II p.372). Esse fato não o impede de atingir o sucesso institucional, com o ingresso no

Collège de France, como consequência de seus relacionamentos com autores como Benveniste, Dumézil, Foucault, etc... (DOSSE 2007, vol II p.373).

Em meados dos anos 70 o fenômeno observado é o retorno da historicidade, que deixa de ser perseguida como no período auge do estruturalismo. A sua presença se faz visível em redutos que anteriormente eram críticos a ela, como a linguística e a semiótica. Não se trata, porém, de um simples retorno ao que existia antes do estruturalismo; a noção de progresso como tantas outras tiveram a sua crise assimilada pelos meios intelectuais durante o período estruturalista, o que exatamente impediu qualquer reutilização inocente desses antigos termos. A equivalência da espécie humana é considerada por Dosse como uma idéia que foi assimilada a tal ponto de constituir-se como algo axiomático (DOSSE 2007, vol II p.450).

Dosse acompanha nos colóquios, congressos, grupos de trabalhos, em outras disciplinas, as novas menções a respeito da historicidade (DOSSE 2007, vol II p.450). No campo da literatura e teoria dos discursos, tem-se conceitos que integram a historicidade, como a architextualidade de Gérard Genette, a transtextualidade de Todorov (DOSSE 2007, vol II p.452) e a teoria das mediações (DOSSE 2007, vol II p.455). Esse processo de retorno não é, todavia, brusco, pois se aproveitam as experiências adquiridas durante o período estruturalista, articulando-as ao nível histórico (DOSSE 2007, vol II p.456). O ponto de ruptura, pode-se assim dizer, encontra-se na legitimidade do referente – com suas dimensões sociológicas e existenciais – é o que se apresenta na literatura (DOSSE 2007, vol II p.456).

As ciências sociais também apresentam o mesmo movimento, na redescoberta da historicidade e na importância do evento. Não somente elas, mas também as ciências da natureza, com as noções de racionalidade possível da desordem e da imprevisibilidade (DOSSE 2007, vol II p.459). Como observa Dosse, as ciências sociais haviam seguido o movimento das ciências da natureza, guiadas por uma preocupação de modelização

científica e depois passam a ser influenciadas pela nova característica proveniente de ferramentas de descrição dos fenômenos imprevisíveis. Assim como afirma: “Tendo as ciências mais modernas reconhecido o alcance fundamental do evento, era inconcebível que as ciências sociais continuassem a ignorá-lo, e essas descobertas contêm em si mesmas, portanto, a extinção do paradigma estruturalista como o que privilegia a permanência, a sincronia, a evicção da eventualidade” (DOSSE 2007, vol II p.460).

Outra evidência dessa dependência é explicada: “Esse duplo recurso à história das ciências e à literatura ilustra perfeitamente a tensão constante que resulta da dependência das ciências humanas ante esses dois pólos” (DOSSE 2007, vol II p.461). Somado a isso, Dosse destaca também o prazer pelo texto. Esse retorno à historicidade é associado com a idade de ouro da escola dos *Annales* e com a conseqüente crise do paradigma durkheimiano-estruturalista (DOSSE 2007, vol II p.461). O resultado é paradoxal: “O refluxo do paradigma estruturalista provoca, portanto, uma grave crise do discurso historiador quando se alimentou de seu impulso (...) em um momento paradoxal em que a história fecunda, por seu turno, o discurso das outras ciências humanas” (DOSSE 2007, vol II p.462).

Outra característica particular do estruturalismo, diagnosticada por Pierre Nora, que contribui para o seu desaparecimento brusco, é o fato do estruturalismo não ter constituído propriamente uma escola de pensamento, mas subsistido por meio de seus mestres pensadores e suas obras. Com a morte repentina de grande parte deles, o resultado é sensível, “deixando inacabadas as suas mensagens” (DOSSE 2007, vol II p.463). A contribuição é a aceleração do inexorável declínio do paradigma estruturalista desde 1975. Em um dos casos explorados por Dosse, o de Lacan, antes de sua morte já é observada a dissolução de seu grupo de seguidores e das instituições que eram comandadas por ele, em meio às críticas dos contestadores de sua obra e de suas próprias atitudes autoritárias (DOSSE 2007, vol II p.471).

Ocorre, com efeito, o desabamento de dois projetos universalistas, o estruturalismo e o marxismo (DOSSE 2007, vol II p.481), o que acarreta em uma tendência de refluxo das disciplinas sobre si mesmas. Tanto o universalismo como os objetivos pluridisciplinares saem de cena do universo intelectual francês. Os limites de cada disciplina são reforçados. Tem-se como exemplo a filosofia, a qual se desliga das ciências humanas e das reflexões epistemológicas. De forma geral, o risco observado por Dosse é o da incomensurabilidade decorrente da compartimentação da linguagem das disciplinas e da ausência da reflexão epistemológica de forma geral (DOSSE 2007, vol. II p.487).

Não somente a crise é o ponto de chegada do estruturalismo. Dosse analisa uma nova expressão que ganha força nos anos 80, o naturalismo estrutural (DOSSE 2007, vol. II p.489), sob a égide de Lévi-Strauss. O projeto visa apagar a fronteira entre ciências naturais e humanas, utilizando-se do mesmo mecanismo de importação de paradigmas, comum ao estruturalismo, por meio da antropologia estrutural (DOSSE 2007, vol. II p.490).

A pretensão é de um estruturalismo ontológico, que coloca os dados da consciência a meio caminho entre o ideal e o real (DOSSE 2007, vol. II p.490). A estrutura é vista aí como expressão do real⁶⁵. As implicações dessa nova linha sobre suas orientações a respeito da cultura e das sociedades são perceptíveis: “ao naturalizar assim as atitudes culturais, ele admite como legítimo que uma sociedade possa pensar-se acima das outras e fechar-se em seu próprio sistema de valores” (DOSSE 2007, vol. II p.492). No final, Dosse identifica uma característica importante na construção do pensamento de Lévi-Strauss, que já existia anteriormente, mas se projeta em evidência somente quando encontra um substrato teórico legitimador, o suporte cognitivo.

⁶⁵ É possível estabelecer uma analogia de sentido epistemológico entre essa formulação do estruturalismo com a linha da filosofia da ciência conhecida como realismo científico.

A análise da história dos paradigmas é colocada por Dosse da seguinte forma: “à semelhança da história do homem como indivíduo, a de um paradigma dominador segue o curso de uma temporalidade que o conduz às alturas, depois conhece a hora dos rendimentos decrescentes, para em seguida reencontrar o leito mais calmo de uma história lenta e silenciosa” (DOSSE 2007, vol. II p.503). Isso para justificar os avançados incontornáveis realizados pelo estruturalismo.

CONCLUSÃO

As duas obras de Dosse podem ser enquadradas dentro do que na tradição historiográfica é reconhecido como história intelectual. Isso pela própria característica do objeto estudado por Dosse, quanto pelos conceitos, métodos e teorias empregadas por ele. Não reduz a apreensão dos objetos a uma excessiva orientação sociológica, ideológica ou cultural, nem encerra as idéias em uma dimensão separada da experiência. Ele busca justamente articular esses diferentes aspectos dentro de uma rede de inter-relações que se influenciam mutuamente.

Por possuir uma história própria, quando se pensa no gênero história intelectual, muitas idéias surgem à mente, como certos autores, correntes de pensamento ou ferramentas de análise. Pode-se afirmar de antemão que há uma grande identificação entre esse ramo específico da historiografia e a tradição intelectual anglo saxônica, mais debruçada sobre esse gênero de pesquisa do que a francesa, que se afastou tanto do gênero biográfico e cujo objeto cultural e intelectual se aproximou mais de uma história das mentalidades ou, no limite, por um bom espaço de tempo, do lugar social das produções intelectuais, como o caso de Pierre Bordieu⁶⁶. Será necessário todo um desenvolvimento em torno de certos temas, como o retorno do sujeito e as teorias da interpretação, para que o cenário intelectual francês se torne propício ao florescimento efetivo de uma historiografia intelectual própria.

A obra de Dosse é ilustrativa desse movimento. Em seu caso particular, é possível encontrar influências marcantes, desde a obra de Paul Ricoeur até os próprios objetos de estudo a que se detém em sua pesquisa, principalmente no caso da *História do Estruturalismo*. Nesta última, como foi visto, há uma abertura para vários paradigmas,

⁶⁶ Há o exemplo mais recente e relevante dessa reaproximação da historiografia francesa com o gênero biográfico, com o exemplo célebre de Jacques Le Goff com a obra *São Luís: Biografia* (1999).

autores e metodologias, sendo alguns desses refletidos nos próprios métodos de pesquisa de Dosse.

Diferente da obra anterior, a *História em Migalhas*, cujo foco é mais um posicionamento crítico em relação à hegemonia do movimento dos *Annales* dentro da historiografia francesa, cumprindo o objetivo de apontar os riscos à história de sua aventura com as outras ciências sociais. Logicamente, que da escrita da *História em Migalhas* até a *História do Estruturalismo* há um espaço de tempo significativo, dentro do qual é justificado um amadurecimento intelectual de Dosse.

Pode-se afirmar também que no caso da *História em Migalhas*, Dosse se aproxima mais de outras obras de referência acerca do estudo sobre os *Annales*, assumindo mais diretamente a influência destas em sua forma de tratar o assunto; isso é facilmente comprovado quando se verifica o grande número de citações, menções, pesquisas e idéias que Dosse traz na obra, cuja origem provém de pesquisas anteriores sobre os *Annales*.

De qualquer forma, uma aproximação com a produção intelectual anglo-saxônica não deixaria de ser enriquecedora, principalmente quando se considera o contexto da *História do Estruturalismo* na medida em que fornece uma variedade nova de questões e problemas historiográficos e metodológicos, novas formas de abordagem dos problemas clássicos da historiografia e novas ferramentas de análise da linguagem e, mais especificamente, do discurso, pois é herdeira e mais próxima da filosofia da linguagem e da filosofia analítica. A obra de Dosse, porém, assume uma orientação particular, capaz de distingui-la dessa tradição, apesar de ser possível um diálogo aberto entre as duas.

Os pressupostos teóricos de Dosse surgem, como foi visto, como fruto dos próprios autores analisados em sua pesquisa e das referências utilizadas por eles próprios, do estruturalismo, do pós-estruturalismo, e dos grandes estudos intelectuais do movimento dos *Annales*, muitos de origem anglo-saxônica, como o caso de Peter Burke.

Como o objetivo da dissertação não é, porém, tratar especificamente da história intelectual enquanto ramo do saber, mas sim partir genuinamente de um comparativo entre duas importantes obras de Dosse, foram considerados durante o percurso dessa dissertação alguns aspectos que constituem o cerne de sua pesquisa. De um lado a alternância entre a análise sincrônica e diacrônica, de outro as orientações epistemológicas e historiográficas, centradas em questões relacionadas à comensurabilidade e ao ritmo narrativo.

O principal marco que atesta o amadurecimento intelectual de Dosse entre as duas obras em questão é a sua habilidade particular em lidar com a complexidade das diferentes variáveis consideradas em sua pesquisa, considerando os aspectos citados no parágrafo acima. Sem ter a pretensão de elaborar qualquer teoria que a contemple ou sistematizar qualquer resultado, o seu trabalho perpassa toda uma série de orientações que colocam tais aspectos indiretamente em evidência. Nos tópicos a seguir, serão consolidadas as proposições delineadas acima.

3.1 Ritmo de análise e narrativa; entre o sincrônico e o diacrônico

O primeiro grande diferencial que separa as duas obras de Dosse e também serve como divisor de duas orientações epistemológicas distintas, coloca-se sob a esfera do temporal e do rítmico. Vale ressaltar que tal aspecto já foi motivo de grandes divergências dentro das ciências humanas. Ao acompanhar a sua história mais ampla e recente, percebe-se uma polarização em torno dos modelos sincrônico e diacrônico. Enquanto que a antropologia se identificou com o primeiro, a história assumiu, em alguns momentos específicos, os dois, sendo, porém, mais comum a orientação em torno do segundo.

A dimensão rítmica da obra é crucial na medida em que pode configurar diferentes sentidos, dependendo da forma como é apresentada em uma pesquisa. No caso

da *História em Migalhas*, sua atuação é peremptória, pois, além de algumas exceções, traduz exatamente uma apreensão que singulariza e reduz o pensamento de um autor a uma única medida e a uma única expressão. A sua descrição é colocada, na obra, na maior parte das vezes sob uma perspectiva sincrônica. Esse traço fecha as características internas de um paradigma em relação a outras influências provenientes das esferas intelectual e vivencial.

É o que acontece principalmente com a análise da obra de Braudel, no momento em que Dosse considera como algo acabado o paradigma que se apresenta no *Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na época de Felipe II* (1983). As características extraídas dessa obra tornam-se praticamente os parâmetros únicos de referência da produção de Braudel, monopolizando, inclusive, o espaço dedicado por Dosse, em sua obra, à segunda geração dos *Annales*⁶⁷.

Vale reforçar a idéia de que somente as razões da gênese do paradigma de Braudel são colocadas dentro da trama de inter-relações intelectuais - das quais ocupa somente a dimensão das disputas intelectuais - cujo motivador é a resposta ao desafio de Lévi-Strauss e o desejo de integrar os seu elementos a uma dinâmica temporal que corresponda à história. Uma vez, porém, exposto por Dosse em sua forma acabada, o paradigma de Braudel permanecerá incólume, independente das influências externas futuras ou obras posteriores publicadas por Braudel.

Mesmo que na *História em Migalhas* haja, em outros momentos, a descrição de diferentes fases intelectuais de um autor, como no caso da análise das obras de Lucien Febvre, ela é realizada de uma vez e sob um único apoio contextual, lógico e intencional. Apesar de Dosse descrever algumas vezes a interação entre os paradigmas das principais disciplinas consideradas, com suas estratégias e trocas de significados como

⁶⁷ Para maiores detalhes sobre a maneira que Dosse trabalha a obra de braudel, ver o primeiro capítulo da dissertação.

um jogo de ação e reação, o ritmo de análise empregado pretende, de maneira geral, exaurir cada paradigma a sua vez, em um único termo. Ao invés de, por exemplo, acompanhar passo a passo a evolução intelectual de um autor, intercalando-a a análise dos períodos de ruptura próprios dos contextos intelectuais mais amplos, Dosse impõe tanto um ritmo quanto um esquema de análise linear.

A rede de inter-relações colocada sob análise é, portanto, mais restrita nessa obra do que na *História do Estruturalismo*. Isso implica em uma dimensão cronológica mais linear, no qual fica mais fácil chegar a conclusões e organizações de sentido. Justamente por isso, o conteúdo da *História em Migalhas* segue um objetivo mais direcionado e restrito. Nesse sentido, pode-se assumir a orientação global dessa obra tendendo mais a uma apreciação diacrônica do que a segunda, apesar de nela haver momentos de ênfase no estudo parelhado das diversas correntes de pensamento que co-existem em determinado momento, sempre com um viés comparativo, baseado nas estratégias, fraquezas e vantagens de cada disciplina. Mas sempre a apreciação se faz de forma seqüencial; quando uma disciplina entra em decadência, outra, que assume as suas orientações epistemológicas, entra em evidência e aquela deixa de ser considerada.

Essa apreciação sofre uma inversão na obra *História do Estruturalismo*, resultado das várias idas e vindas na apreciação dos autores, sempre quando há algum acontecimento capaz de abalar o *status quo* do momento no qual o pensamento estruturalista se encontra. Isso se visualiza perfeitamente nos fatos narrados envolvendo os quatro autores considerados como a base do movimento estruturalista: Claude Levi-Strauss, Foucault, Barthes e Lacan. Os capítulos praticamente se intercalam entre eles, por diversos momentos na obra.

Essa particularidade rítmica de análise reflete uma preocupação em não somente apreender as diferentes fases de um intelectual, de modo cronológico e linear, mas vai mais além ao considerar também o efeito e a influência decorrente dos diferentes

entrecruzamentos entre os autores, as teorias, os conceitos, os grupos, as instituições e os diferentes contextos históricos, ou seja, todos os elementos que afetam um fenômeno intelectual de larga escala como o estruturalismo. Assim como afirma Dosse: "Para ter acesso às principais orientações do período, cumpre reconstituir a pluralidade das abordagens, das personalidades, sem reducionismo, sem deixar de procurar alguns núcleos coerentes que revelem a matriz de uma abordagem, além da multiplicidade de seus objetos e das disciplinas em questão" (DOSSE 2007, p.25).

Pode-se afirmar, a partir do ritmo induzido à *História do Estruturalismo*, que ela segue uma perspectiva de análise predominantemente sincrônica, marcada por momentos que introduzem a análise diacrônica. Nela se considera uma lógica de análise que perpassa diferentes elementos sob uma mesma temporalidade, mas sem que esta seja única, pois a obra subsiste em diferentes momentos que são marcados por acontecimentos de maior significância, como o caso de maio de 68.

Há, portanto, uma sincronia no interior de cada um dos momentos considerados, fato que ocupa a maior parte da obra, sem perder de vista os momentos de ruptura e as análises das diferenças. Como se fossem tiradas fotografias de cada momento significativo com a finalidade de buscar as relações, os sentidos, o delineamento das estratégias, as motivações e as implicações envolvendo cada paradigma. Nesse caminho, são constituídos, no decorrer da obra, redes de inter-relações que agrupam em torno dos núcleos disciplinares as variáveis apontadas pela obra, em níveis diferenciados, como os autores, idéias, instituições, etc. Estabelece-se aí a adequação ao conceito de programas de pesquisa, capaz de explicar tanto a abertura de uma disciplina à dinâmica e às interações entre seus elementos internos e externos e os seus diferentes momentos.

Tais redes se sucedem de acordo com o ritmo de análise imposto na obra. O conjunto de tais redes pode ser perfeitamente definido como o círculo intelectual francês

dentro de uma análise temporal, cujo recorte historiográfico é definido por aquilo que Dosse considera significativo para orientar a sua investigação do estruturalismo.

A descrição dos paradigmas e disciplinas é contemplada a partir da dinâmica dessas redes, que de tempos em tempos abrem-se às novas influências externas. Destacam-se nesse sentido os encontros entre os intelectuais, ocorridos em um momento específico do tempo, bem como o surgimento de novas obras, congressos e novas disciplinas que entram em contato com o sistema intelectual. Essa interação, entre a reconstituição do cenário intelectual, naquilo que é possível e está sob a seleção e juízo de valor de Dosse enquanto historiador, e o que se apresenta como consequência do efeito do tempo, é colocada de forma contínua à medida que os capítulos são sucedidos na *História do Estruturalismo*.

No que concerne propriamente à narrativa, a biografia é o gênero crucial na *História do Estruturalismo* para a compreensão dos diversos encontros entre os autores, suas divergências e suas motivações intelectuais. É somente por meio dela que se é possível desvendar os nexos que compõem um pensamento abrangente como o de Lévi-Strauss, o de Foucault ou de Lacan. Tais construções teóricas não brotaram do nada e, portanto possuem a sua própria história. É da riqueza das investigações genéticas dessas construções intelectuais de maior porte que surge a possibilidade de se ter uma perspectiva sincrônica mais genérica capaz de abordar o diacrônico em suas manifestações de cunho mais micro.

A biografia abre espaço, portanto, para o estudo mais detalhado das instituições e dos fatores relevantes relacionados ao seu campo e que são decisivos no tocante aos desenvolvimentos dos paradigmas; ela desvenda certos sentidos que se limitariam à explicação exclusiva da dimensão das idéias se não fosse considerada, reduzindo o horizonte de compreensão às aproximações forçadas e relativas a esse nível.

Ela tem um efeito fundamental sobre a dimensão epistemológica da pesquisa historiográfica, na medida em que permite dar também ao paradigma uma complexidade e uma base temporal mais realista, visto que este depende do jogo das interações e das razões que competem aos indivíduos. Há, portanto, um encontro direto de significados e lógico dessa dimensão narrativa com a dos paradigmas disciplinares, vinculados aos autores, os quais enfim compõem o paradigma mais genérico, o estruturalismo.

Conclui-se que a obra conjuga o viés sincrônico com o diacrônico. Nela a diacronia é colocada *pari passu* com a estrutura rítmica e narrativa da obra, a qual segue o projeto de reconstituir o fio condutor que leva o estruturalismo da sua origem a sua crise. Ao mesmo tempo em que progride no tempo, a obra tenta reconstruir as diferentes configurações de cenários intelectuais, polarizados em torno dos autores ou disciplinas mais relevados por Dosse – o lado sincrônico da obra. Nestes cenários são analisadas as inter-relações entre os principais elementos influenciadores expressados na obra⁶⁸.

É dessa conjunção que nascem os grandes sentidos ordenadores na *História do Estruturalismo*, é um de seus pilares fundamentais, o que permite entender os seus meandros a partir de uma perspectiva mais constitutiva impressa na obra por dosse; e por ser justamente o que está ausente na *História em Migalhas*, marca de fato um amadurecimento metodológico e conceitual de Dosse no período que separa as suas duas obras.

3.2 Comensurabilidade

O conceito que encerra essa dissertação é aquele que permite a unidade que subsiste por trás das gerações dos *Annales* e do estruturalismo, enquanto conjunto de autores, agrupando-os dentro de uma mesma categoria. É o principal fator que sustenta

⁶⁸ Os elementos são detalhados no capítulo 2

todo o desenvolvimento, a estrutura, a argumentação e as conclusões da pesquisa de Dosse tanto na *História em Migalhas* quanto na *História do Estruturalismo*. Tal unidade mantém todos os elementos considerados na pesquisa – autores, disciplinas, instituições, entre outros - dentro de um percurso investigativo e narrativo coeso.

O que permite essa unidade é a capacidade de compartilhamento de sentidos, capaz de estabelecer um elo de identidade entre as partes, apesar de suas particularidades. É esse elo que torna possível, por exemplo, pensar o termo *Annales* e considerar, de imediato, algo único, pensando em suas 3 gerações; ou o que dá a oportunidade de considerar um grupo de autores pertencendo a uma mesma categoria, mesmo com diferenças expressivas entre eles. O sustentáculo desse elo e que permite o seu reconhecimento, tanto implícito quanto explícito, é a comensurabilidade entre as partes consideradas. Esta pode se manifestar como uma comensurabilidade total, parcial ou como incomensurabilidade. O último caso ocorre quando a comunicação entre duas partes acaba por resultar em entendimentos diferentes, mesmo quando os significantes são os mesmos⁶⁹.

Ela é aqui considerada de três maneiras distintas. Existe comensurabilidade quando se pensa, por exemplo, na relação estabelecida entre dois ou mais elementos da obra de Dosse como os autores e as disciplinas; há outro nível de comensurabilidade, que é mais amplo e abarca um movimento intelectual ou um agrupamento significativo de intelectuais, como por exemplo, o próprio estruturalismo ou os *Annales*. Por fim, há outra dimensão que não pode deixar de ser pelo menos citada aqui, que é a comensurabilidade entre o autor dessa dissertação e o seu objeto aqui estudado.

O primeiro tipo de comensurabilidade se apresenta de maneira particular em cada obra. Na *História em Migalhas* se dá sempre em torno da disputa entre uma ou mais

⁶⁹ Há um caso na seqüência desse capítulo ao qual se aplica essa situação, o da relação entre Sartre e Levi-Strauss

disciplinas, manifestando-se concretamente no momento em que é incorporada a característica da outra disciplina. Atribui-se esse tipo de relacionamento como consequência da forma como a idéia de paradigma está pressuposta e definida nessa obra; como foi visto no primeiro capítulo, o paradigma nesse caso isola outras formas de contato exterior dos conteúdos das disciplinas, que não sejam aquelas descritas acima. Já a *História do Estruturalismo* apresenta outro padrão de interações. A todo momento as disciplinas e os autores estão sujeitos a receber qualquer tipo de influência, seja o contato com novas idéias, a influência de algum acontecimento ou mesmo o encontro acidental com outros autores. É uma nova perspectiva que possibilita a comunicação de significados em vários momentos na obra.

O segundo tipo de comensurabilidade também apresenta suas particularidades em cada obra. No caso da *História em Migalhas*, como foi exposto no primeiro capítulo, a questão de comensurabilidade colocada por Dosse recai sobre o sentido de pertença ou de herança a uma tradição que surge com os pais fundadores, Bloch e Febvre. Esta se desenvolve em torno de uma revista que é capaz de se sustentar por três gerações, apesar das grandes rupturas identificadas por Dosse na passagem de uma geração à outra. A comensurabilidade é o que permite, portanto, a existência de um elo de identidade que perpassa o diacrônico e mantém a unidade de um grupo de intelectuais por meio da compreensão de objetivos e de práticas compartilhadas.

Na *História do Estruturalismo*, é possível afirmar que a comensurabilidade está bastante associada à análise sincrônica empreendida por Dosse, pois se analisa um universo muito amplo de autores e disciplinas sob sua órbita. Como foi possível observar nos capítulos anteriores, Dosse encontra nas disciplinas estudadas um núcleo teórico - a lingüística de Saussure - capaz de reunir autores, muitas vezes com linhas de pensamento distintas, dentro de uma mesma categoria, o estruturalismo. Para que haja um sentido de pertença a ele, o núcleo deve ser comensurável ou pelo menos

parcialmente; ou seja, deve ser compreendido, com certo rigor de fidelidade, pelas partes que compõe o todo do movimento estruturalista, apesar de inevitáveis distorções dos objetivos, teorias e articulações realizadas nas ramificações disciplinares.

Há também, nessa obra, alguns casos particulares nos quais se evidencia a incomensurabilidade, implicando certo desentendimento entre os intelectuais pelo fato de partilharem diferentes discursos teóricos sobre um mesmo tema, como o caso da opinião de Sartre sobre a obra *Tristes Trópicos* de Lévi-Strauss: “Sartre enganava-se sobre a importância de *Tristes Tropiques*, que lhe tinha agradado pela valorização da presença do observador na observação e da comunicação estabelecida com os indígenas (DOSSE 2007, p.35). Além da interpretação equivocada do que viria a ser o fenômeno antropológico dentro da intelectualidade francesa, Sartre permaneceu distante do movimento, considerando a lingüística uma ciência menor (DOSSE 2007, p.36).

Tal mal-entendido é representativo das diferentes nuances identificadas por Dosse na obra, a respeito do movimento estruturalista; além destes, pode-se citar o desentendimento entre Foucault e os historiadores, ou as interpretações equivocadas a respeito do gerativismo. Enquanto a comensurabilidade é algo que ocorre no nível dos paradigmas e disciplinas, pois a identificação de uma disciplina com o movimento se dá pelo compartilhamento de um núcleo comum e essa filiação é tida por Dosse como uma decisão estratégica, as disputas intelectuais e desentendimentos ocupam o nível da interação entre os autores. É conjugando esses dois níveis que a narrativa de Dosse torna-se fluída pelos diversos campos da intelectualidade francesa, capaz de captar as particularidades e as unidades, a partir do seu ponto de vista de historiador.

No mais, o efeito da comensurabilidade é, portanto, muito mais visível que a sua contraparte, motivo dedutível da capacidade sincrônica da pesquisa de Dosse de interpor um mesmo movimento intelectual, o estruturalismo, a uma série de variáveis, sejam estas os indivíduos, os discursos ou as instituições, compondo, dessa forma, características

genéricas que sejam comuns a todas elas, sem perder suas particularidades. Esse é, pode-se dizer, o grande diferencial da *História do Estruturalismo*, o que representa um significativo amadurecimento intelectual de Dosse desde a escrita da *História em Migalhas*.

Pode-se concluir que a experiência da *História do Estruturalismo*, com todas as metodologias utilizadas por Dosse, abre a oportunidade de uma nova abordagem da escola dos *Annales*, a de poder reinterpretar a 3ª geração dos *Annales* sob uma perspectiva diferente daquela que ficou marcada na *História em Migalhas*. Ao invés de reduzir a análise da 3ª geração a uma avaliação estratégica baseada em uma única visão crítica, a de que existe uma séria ameaça à identidade da história enquanto disciplina autônoma em sua incorporação das teorias e metodologias das outras ciências sociais, haveria agora a oportunidade de considerá-la como um fenômeno situado na resposta à crise do paradigma estruturalista e ao pós-estruturalismo, tecendo todas as redes de inter-relações que possam situar a questão sob bases mais históricas e concretas.

Além dessa nova possibilidade aberta, a dissertação mostrou, por meio da análise das duas obras de Dosse, novas perspectivas para a comunidade de historiadores, considerando principalmente os aspectos apresentados na *História do Estruturalismo*, como a influência dos diferentes níveis do social e o dinamismo das inter-relações, capazes de determinar as inflexões nas disciplinas e na produção intelectual dos autores ou determinar o surgimento de novas idéias. O percurso seguido nessa dissertação, de avaliação do ritmo narrativo de Dosse, ao contemplar a avaliação dos paradigmas, o seu efeito sobre os contextos intelectuais, as orientações estratégicas e as questões relacionadas ao plano institucional, entre outras coisas, construiu um patamar de análise que pode servir de apoio a todos os trabalhos de pesquisa que venham a ser realizados na área de história intelectual.

BIBLIOGRAFIA

Primária

DOSSE, François. *A História em Migalhas. Dos Annales à Nova História*. Bauru: Edusc, 2003.

_____. *Historia do Estruturalismo*. Bauru: Edusc, 2007)

Secundária

ANDERSON, Perry. *Teoria, política e história: un debate com E. P. Thompson*. Madrid, Siglo XXI, 1985.

_____. *O fim da história: de Hegel à Fukuyama*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1992.

ARIÈS, Philippe. *O tempo da história*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1989.

ARRIVÉ, Michel. *Linguística e psicanálise – Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e outros*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

BAUER, Carlos. *Reflexões sobre o tempo e a construção da história*. São Paulo, Pulsar, 1997.

BLOCH, M. *Apologia da História*. São Paulo: Jorge Zahar, 2001.

_____. *Introdução à história*. Lisboa, Europa-América, s/d.

BOURDÉ, Guy ; MARTIN, Hervé. *As escolas históricas*. Lisboa: Publicações Europa-América, s/d..

BRAUDEL, Fernand. *A longa duração. In: História e ciências sociais*. Lisboa: Presença, 1986.

_____. *Civilização Material, Economia e Capitalismo: Séculos XV-XVIII*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. *La historia y las ciencias sociales*. Madrid: Alianza Editorial, 1974.

_____. *Reflexões sobre a história*. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

_____. *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na época de Felipe II*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

- BROWN, Stuart; Collinson, Diané, Wilkinson, Robert. *One hundred twentieth-century philosophers*. London : Routledge, 1998.
- BURGUIÈRE, André. *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro, Imago, 1993.
- BURKE, P. *A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales, 1929-1989*. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.
- _____. *Sociologia e história*. Porto, Afrontamento., s/d.
- _____. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.
- CAIRE-JABINET, Marie-Paule. *Introdução à historiografia*. Bauru: EDUSC, 2003.
- CARDOSO, Ciro F. S. e BRIGNÓLI, Héctor. *Os métodos da história*. 4. ed. Rio de Janeiro, Graal, 1983.
- CARDOSO, Ciro F. S. ; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CARDOSO, Ciro F. S. *Uma introdução à história*. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- _____. *Narrativa, sentido, História*. Campinas: Papyrus, 1998.
- CHAUNU, P. *Histoire, science sociale*. Paris : SEDES, 1974.
- CORETH, Emerich. *Questões fundamentais da hermenêutica*. São Paulo : Epu, 1973.
- CORNBLIT, Oscar (Compilador). *Dilemas del conocimiento historico: argumentaciones y controversias*. Buenos Aires: Sudamerica, 1992.
- COUTAU-BEGARIE, H. *Lê phénomène nouvelle Histoire; Stratégie et ideologie de nouveaux historiens*. Paris : Economica, 1983.
- DE CERTEAU, M. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- _____. *A Cultura no Plural*. Campinas: Papyrus, 1995
- _____. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- DE MASI, D. *Criatividade e grupos criativos*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003
- DIEHL, Astor Antônio. *Cultura historiográfica: memória, identidade e representação*. Bauru/SP: Ed. da EDUSC, 2002.
- DILTHEY. *El Mundo Histórico*. Fondo de cultrua economica. 1963.
- DOSSE, F. *Le moment Ricoeur*. In :Vingtième Siècle. Revue d`histoire. No. 69, jan-mar. Sciences Po University Press. 2001, p. 137-152.
- _____. *Michel de Certeau et l`écriture de l`histoire*. In :Vingtième Siècle. Revue d`histoire. No. 78, apr-jun. Sciences Po University Press. 2003, p. 145-156.
- _____. *O império do sentido: a humanização das ciências sociais*. Bauru/SP: EDUSC, 2003.
- _____. *História e ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 2004

- _____. Paul Ricoeur, lês sens d`une vie. Paris : La Découverte, 1997
- DREYFUSS, Hubert L. e RABINOW, Paul (Orgs.). *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, s/d.
- DUNN, John. *The Identity of the History of Ideas*. Philosophy, 1968.
- EARMAN, J. (1993). *Carnap, Kuhn, and the Philosophy of Scientific Methodology. World changes : Thomas Kuhn and the nature of science*. MIT. Cambridge.
- FEBVRE, L. *Martin Lutero*. Firenze,: Barbèra, 1949.
- _____. *Combates pela História*. 3.^a edição, Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- _____. *La Terre Et L'évolution Humaine*. Paris,: A. Michel, 1949.
- FEYERABEND, P. *Against method*. Londres : Verso, 1993.
- FONTANA, J. *Ascensão e decadência da Escola dos Annales. História & Idéias*, Porto: Afrontamento, 197.
- FOUCAULT, M. *The Order of Things*, tr. Alan Sheridan (New York: Vintage, 1970). translation of *Les mot et les choses*.
- _____, *The Archaeology of Knowledge*, tr. Alan Sheridan (New York: Vintage, 1972). Also includes 'The Discourse on Language' (DL), a translation of *L'ordre du discours*, Foucault's inaugural address at the Collège de France.
- _____. *As palavras e as coisas*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- FREITAS, Marcos Cézar de (Org.). *Historiografia Brasileira em perspectiva*. São Paulo/Bragança Paulista: Contexto/Ed. da USF, 1998.
- FRIEDMAN, S. W. *Marc Bloch, sociology and geography. Encountering changing disciplines*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- FULLER, S. *Being There with Thomas Kuhn: A Parable for Postmodern Times*. *History and Theory* 31(3). 1992.
- GADAMER. *Verdade e Método*. Editora vozes, 1997.
- GARDINER, Patrick (Org.). *Teorias da história*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, s/d.
- GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; São Paulo: Difel, 1997.
- GOLDSCHMIDT, Victor. *A Religião de Platão*. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- HEIDEGGER, M. *Being and time*. Oxford,, Blackwell, 1967.
- GRAMSCI, Antônio. *Concepção dialética da história*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

GUAZELLI, Cesar A. B., PETERSEN, Sílvia R., SCHMIDT, Benito B. ; Xavier, Regina C. L.(Orgs.). *Questões de teoria e metodologia da história*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

GUERREAU, A. *O feudalismo: um horizonte teórico*. Lisboa: Edição 70, 1980.

GUREVITCH, Aaron. *As Categorias da Cultura Medieval*. Lisboa: Caminho, 1990

_____. *A Síntese Histórica e a Escola dos Anais*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. 8.ed. São Paulo: Loyola, 1999.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____. *Uma teoria da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

HOBBSBAWM, Eric. *Sobre história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

HUNT, Lynn (Org.). *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

IGGERS, Georg G. *News directions in European historiography*. Ed. Rv. Londres: Methuen, 1985.

KELLEY, Donald R. *Intellectual History in a Global Age*. Journal of History of Ideas. (2005).

KOSELLECK, Reinhart. *Hermeneutik und Historik*. Heidelberg, C. Winter Universitätsverlag, 1987.

KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

KOYRÉ, A. (1966). *Études d'histoire de la pensée scientifique*. Paris,, Presses univeritaires de France.

KUHN, T, S.,. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

_____. *O Caminho desde a Estrutura*. São Paulo: Unesp, 2003.

_____. *The essential tension: selected studies in scientific tradition and change*. Chicago, University of Chicago Press.

LADURIE, Emmanuel Le Roy. *Entre los historiadores*. Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1989.

LE GOFF, Jacques. *Memória* In: Enciclopédia Einaudi, v.1. Memória – História. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1984.

_____. *História e memória*. 3. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1994.

LE GOFF, J; CHARTIER, C; REVEL, J. *La Nouvelle Histoire, Les Encyclopédies Du Savoir Moderne*. Paris: Retz, 1978.

LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (Orgs.). *História: novos problemas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

_____. *História: novos objetos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

_____. *História: novos métodos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

Le GOFF, Jacques (Dir.). *A história nova*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LEFEBVRE, Georges. *O nascimento da moderna historiografia*. Lisboa: Sá da Costa, 1981.

LOVEJOY, Arthur. O. *Reflexões sobre a História das Idéias*. Journal of History of Ideas. (1940)

MANDELBAUM, Maurice, *History and Theory*, Vol 5.

MICELI, Paulo. *A Escola dos Annales: questão de método*. Campinas: CEMODECON-IFCHUnicamp, 1999.

MOMIGLIANO, apud BARRACLOUGH, G. *Tendances actuelles de l'histoire*. Paris : Flammarion, 1980.

MOTA, Carlos Guilherme. *Febvre*. São Paulo: Ática, 1978.

NEGT, Oskar. *Dialética e história: crise e renovação do marxismo*. Porto Alegre: Instituto Goethe/Movimento, 1984.

NEURATH, O. (1955). *International encyclopedia of unified science*. Chicago,, University of Chicago Press: v. in.

NEVES, A. A. B. e GERTZ, René E. *A nova historiografia alemã*. Porto Alegre: Instituto Goethe/Ed. da UFRGS, 1987.

NORA, P. *La Bibliothèque des histoires*.
_____. *Faire la Histoire*
_____. *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1993.

ODALIA, Nilo. *O saber e a história: Georges Duby e o pensamento historiográfico contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PALLARES-BURKE, M. L. *La Nueva Historia. Nueve Enrevistas*. Granada: Editorial Universidad de Granada, 2005.

POCOCK, J. G. A. *Linguagens do Ideário Político*. São Paulo: Edusp, 2003.

POMIAN, K. *La Nouvelle histoire*, Encyclopédie Retz, 1978.
_____. *L'ordre du temps*. Paris: Gallimard. 1984.

QUINE, W.V. *La relatividad ontológica y otros ensayos*. Madrid: Tecnos, 1986.

RAGO, Margareth. *A 'nova' historiografia brasileira*. In: Anos 90. Porto Alegre: PPG em História da UFRGS/Ed. da UFRGS, n 11, 1999.

- RAGO, Margareth e GIMENES, Renato A. de O. (Orgs.). *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas: IFCH/Unicamp, 2000. Col. Idéias, 2.
- REALE, Giovanni; ANTISIERI, Dario. *História da filosofia*, vol III. Paulus, 2003.
- REIS, José Carlos. *A Escola dos Annales: a inovação na história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- RICOEUR, Paul. *A Memória, a História, o Esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007.
- _____. *Narratividade, Fenomenologia y Hermenêutica*. Anàlisi, vol. 25, 2000.
- _____. *Interpretação e ideologias*. Francisco Alves, 1990
- _____. *On Performing and Explaining Linguistic Actions*. The Philosophy Quartely, Vol 21. (1971)
- _____. *Nouvelle Histoire e tempo histórico*. São Paulo: Ática, 1994.
- RÜDIGER, Francisco. *Paradigmas do estudo da história*. Porto Alegre: IEL/IGEL, 1991.
- SCHAFF, Adam. *História e verdade*. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- SKINNER, Quentin. *Meaning and understanding in the History of Ideas*. *History and Theory*, (1969) Vol. 8, No 1
- _____. *As Fundações do Pensamento Político Moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. *The return Of great theory n the Human Sciences*. Cambridge Univ. Press, 1985.
- STEGMÜLLER, Wolfgang (1977). *A filosofia contemporânea*. São Paulo, E.P.U. Editora Pedagógica e Universitária Ltda
- STOIANOWICH, T. *French histórica method; the Annales paradigm*. Ithaca: Cornell University Press, 1976.
- VALDOVINOS, M. L. *História e Ciências Sociais*. México: Editorial Pax México, 2001.
- VEYNE, PAUL. *Como se escreve a história*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995
- Vernant, Jean-Pierre. *Entre mito e política*, São Paulo, Edusp, 2001
- VILLAR, P. *Memória, História e Historiadores*. Granada: Editorial Universidad de Granada, 2004.
- VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: Ed. da USP, 1992.
- _____. *Teoria literária e escrita da história*. In: Estudos Históricas. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, n 13, 1994.

_____. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Ed. Da USP, 1994.

WITTGENSTEIN, L. (1958). *Philisophical investigations*. New York, Macmillan